



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
CENTRO DE HUMANIDADES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA

IRAY ALMEIDA BEZERRA

A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DE ENSAIOS NA ESFERA ACADÊMICA

FORTALEZA

2023

IRAY ALMEIDA BEZERRA

A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DE ENSAIOS NA ESFERA ACADÊMICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutora em Linguística. Área de concentração: Linguística.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

FORTALEZA

2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

B469o Bezerra, Iray Almeida.

A organização retórica de ensaios na esfera acadêmica / Iray Almeida Bezerra. – 2023.
183 f. : il. color.

Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Centro de Humanidades, Programa de Pós-Graduação em Linguística, Fortaleza, 2023.

Orientação: Prof. Dr. Maria Margarete Fernandes de Sousa.

1. Gêneros textuais. 2. Ensaio. 3. Organização retórica. I. Título.

CDD 410

IRAY ALMEIDA BEZERRA

A ORGANIZAÇÃO RETÓRICA DE ENSAIOS NA ESFERA ACADÊMICA

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial à obtenção do título de doutor em Linguística.
Área de concentração: Linguística.

Aprovada em: 27/02/2023.

BANCA EXAMINADORA

Prof^a Dr^a: Maria Margarete Fernandes de Sousa (Orientadora)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Raimunda Gomes de Carvalho Belini
Instituto Federal do Piauí (IFPI)

Profa. Dra. Abniza Pontes de Barros Leal
Universidade Federal do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Lucineudo Machado Irineu
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Profa. Dra. Mônica de Sousa Serafim
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Para Jacinta Eliacy Almeida

(in memoriam).

AGRADECIMENTOS

Encerro mais um ciclo da minha vida acadêmica com o coração cheio de gratidão!

Agradeço a minha família, meu pai Francisco e minha irmã Maria Ester.

Agradeço a minha orientadora, professora Margarete Fernandes, pelo apoio e acolhimento desde o final do Mestrado.

Agradeço à banca por se disponibilizar para fazer a leitura desta tese. Profa. Dra. Raimunda Gomes de Carvalho Belini, Profa. Dra. Abniza Pontes de Barros Leal, Prof. Dr. Lucineudo Machado Irineu e Profa. Dra. Mônica de Sousa Serafim, muito obrigada!

Agradeço aos meus colegas do grupo de pesquisa Geteme, especialmente Luciene e Lee.

Agradeço aos servidores e ex-servidores do PPGL, especialmente Vanessa e Eduardo.

Agradeço as minhas amigas Claudia e Karyna.

Agradeço aos meus novos amigos de docência Janaina e Gabriel.

Agradeço a minha psicóloga Maria das Graças, pelo acompanhamento no último ano de Doutorado.

Agradeço a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), pelo financiamento da pesquisa por quatro anos.

Somente quem precisa viver na própria alma abalada uma época que, com guerra, violência e ideologias tirânicas, ameaça a vida do indivíduo e, dentro de sua vida, a substância mais valiosa, a liberdade individual, pode saber quanta coragem, quanta retidão e determinação são necessárias para continuar fiel ao eu mais profundo nesses tempos de manadas ensandecidas. (Stefan Zweig, *O mundo insone e outros ensaios*).

RESUMO

A presente tese tem como ponto motivador as dificuldades encontradas, pela autora desta pesquisa, durante a produção de um ensaio acadêmico em aulas do Mestrado. A partir dessas dificuldades, surgiram dúvidas sobre como se organiza retoricamente esse gênero textual tão pouco explorado dentro da academia, mas tão presente em periódicos que envolvem o mundo acadêmico. Assim, temos como objetivo geral investigar a organização retórica do gênero ensaio produzidos por especialistas das grandes áreas de Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, correspondentes às seguintes culturas disciplinares: Terapia Ocupacional, Sociologia, Ciência da Informação e Linguística. Definimos três objetivos específicos: descrever a organização retórica das seções, investigar a pessoa do discurso e esquematizar a organização retórica dos ensaios, em cada cultura disciplinar. Como aporte teórico, utilizamos Swales (1990, 1992, 2004, 2016), no que corresponde às categorias de comunidade discursiva, propósito comunicativo e gênero. Utilizamos também de Hyland (2000), no que tange ao conceito de cultura disciplinar. A metodologia empregada foi qualiquantitativa, sendo analisados 103 ensaios, de acordo com levantamento bibliográfico realizado na Biblioteca Virtual On line *Scielo Br*. Com base nas análises destacamos que as culturas disciplinares apresentam configurações de organização de seções parecidas, com prevalência maior das seções de Introdução e de Conclusão; a quantidade de páginas dos ensaios constitui característica importante de algumas áreas, pois identificamos que o gênero com maior número de páginas nas culturas disciplinares da Linguística e da Sociologia, enquanto há menor quantidade na cultura disciplinar de Terapia Ocupacional; quanto à pessoa do discurso, identificamos que, apesar de o ensaio ser caracterizado por uma escrita mais pessoal, voltada para a primeira pessoa do singular, a maioria dos ensaios foram escritos por mais de um autor, prevalecendo o uso da terceira pessoa do singular; quanto à organização retórica dos ensaios, verificamos que, no geral, a reflexão do texto foi encontrada na conclusão, não havendo momentos em que o leitor esteja em diálogo com o autor. Os ensaios analisados apresentaram objetividade e organização, indo de encontro às características de subjetividade e fragmentação, que elencamos como categorias de análise.

Palavras-chave: gênero textual; ensaio; organização retórica; cultura disciplinar.

ABSTRACT

This thesis is motivated by the difficulties encountered by the author of this research during the production of academic essays in graduate classes. From these difficulties arose questions about how the rhetorical organization of this textual genre, which is rarely explored within academia but prevalent in academic journals, is structured. Thus, our general objective is to investigate the rhetorical organization of essays produced by specialists in the major fields of Health Sciences, Humanities, Applied Social Sciences, and Linguistics, Letters, and Arts, corresponding to the following disciplinary cultures: Occupational Therapy, Sociology, Information Science, and Linguistics. We have defined three specific objectives: to describe the rhetorical organization of the sections, to investigate the grammatical person used, and to outline the rhetorical organization of essays in each disciplinary culture. The theoretical framework used includes Swales (1990, 1992, 2004, 2016), regarding the categories of discourse community, communicative purpose, and genre. We also employed Hyland (2000) concerning the concept of disciplinary culture. The methodology was qualitative and quantitative, analyzing 103 essays based on a bibliographic survey conducted in the Scielo Br Online Virtual Library. Based on the analyses, we highlight that disciplinary cultures show similar configurations in section organization, with a greater prevalence of Introduction and Conclusion sections; the number of pages in the essays is an important characteristic for some areas, as we identified that essays in Linguistics and Sociology have a higher number of pages, while Occupational Therapy has fewer pages; regarding the grammatical person, we found that although the essay is characterized by a more personal writing style, typically in the first person singular, most essays were written by multiple authors, with the third person singular being predominant; concerning the rhetorical organization of the essays, we found that, in general, the reflection of the text was found in the conclusion, with no moments where the reader is in dialogue with the author. The analyzed essays exhibited objectivity and organization, contrary to the characteristics of subjectivity and fragmentation that we identified as analysis categories.

Keywords: textual genre; essay; rhetorical organization; disciplinary culture.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Análise de gêneros com base no texto	39
Figura 2 – Análise de gênero com base no contexto	39
Figura 3 – Modelo CARS 1	40
Figura 4 – Modelo CARS 2	41
Figura 5 – Unidades retóricas de resumos em dissertações	44
Figura 6 – Grande área de Linguística, Letras e Artes	60
Figura 7 – Exemplo de informações prévias no periódico.....	60
Figura 8 – Instruções aos autores.....	61
Figura 9 – Grande área das Ciências Biológicas	62
Figura 10 – Mensagem da revista	62
Figura 11 - Acesso em inglês.....	63
Figura 12 – Tipos de artigos	63

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Características do ensaio (ADORNO, 2003).....	26
Quadro 2 – Características do ensaio (RODRIGUES, 2015)	28
Quadro 3 – Características do ensaio (FERRAGINI, 2011).....	29
Quadro 4 – Características do ensaio para análise.....	30
Quadro 5 – Resenhas de especialistas, por Bezerra (2001, 2004)	45
Quadro 6 – Resenhas de estudantes, por Bezerra (2001, 2004)	46
Quadro 7- Áreas do conhecimento/periódicos	59
Quadro 8 – Ensaio/Quantidade de ensaios (Anexo C)	64
Quadro 9 - Ensaio/Quantidade de ensaios (Anexo E)	65
Quadro 10 - Ensaio/Quantidade de ensaios (Anexo F).....	66
Quadro 11 - Ensaio/Quantidade de ensaios (Anexo H).....	66
Quadro 12 – Revista Linguagem em (Dis)curso/Quantidade de ensaios	67
Quadro 13 – Revista Transinformação/ Quantidade de ensaios	68
Quadro 14 – Revista de Sociologia e Política/ Quantidade de ensaios.....	68
Quadro 15 – Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/ Quantidade de ensaios.....	69
Quadro 16 – Organização das seções nos ensaios de Ciência da Informação	73
Quadro 17 – Organização das seções dos ensaios de Linguística.....	76
Quadro 18 – Organização das seções nos ensaios de Sociologia	84
Quadro 19 – Organização das seções nos ensaios de Terapia Ocupacional	89
Quadro 20 – Resumo das categorias.....	102
Quadro 21 – Ensaios de Ciências da Informação por autor/pessoa	104
Quadro 22 – Ensaios de Linguística por autor/pessoa	106
Quadro 23 – Ensaios de Sociologia por autor/pessoa	109
Quadro 24 – Ensaios de Terapia Ocupacional por autor/pessoa.....	112
Quadro 25 - Organização retórica do ensaio CIE01	115
Quadro 26 – Organização retórica do ensaio CIE02.....	118
Quadro 27 – Organização retórica do ensaio CIE03.....	120
Quadro 28 – Organização retórica do ensaio CIE04.....	122
Quadro 29 - Organização retórica do ensaio LE01.....	127
Quadro 30 - Organização retórica do ensaio LE35.....	130
Quadro 31 - Organização retórica do ensaio LE38.....	134

Quadro 32 - Organização retórica do ensaio SE02.....	137
Quadro 33 - Organização retórica do ensaio SE06.....	140
Quadro 34 - Organização retórica do ensaio TOE12.....	143
Quadro 35 - Organização retórica do ensaio TOE08.....	145
Quadro 36 - Organização retórica do ensaio TOE38.....	147
Quadro 37 - Organização retórica do ensaio TOE34.....	149
Quadro 38 - Organização retórica do ensaio TOE36.....	151

LISTA DE TABELAS

Tabela 01 – Movimentos retóricos do ensaio CIE01	115
Tabela 02 – Movimentos retóricos do ensaio CIE02	117
Tabela 03 – Movimentos retóricos do ensaio CIE03	119
Tabela 04 – Movimentos retóricos do ensaio CIE04	122
Tabela 05 – Movimentos retóricos gerais dos ensaios em Ciências da Informação	125
Tabela 06 – Movimentos retóricos do ensaio LE01	127
Tabela 07 – Movimentos retóricos do ensaio LE35	129
Tabela 08 – Movimentos retóricos do ensaio LE38	133
Tabela 09 – Movimentos retóricos do ensaio SE02	137
Tabela 10 – Movimentos retóricos do ensaio SE06	139
Tabela 11 – Movimentos retóricos do ensaio TOE12	142
Tabela 12 – Movimentos retóricos do ensaio TOE08	144
Tabela 13 – Movimentos retóricos do ensaio TOE38	146
Tabela 14 – Movimentos retóricos do ensaio TOE34	148
Tabela 15 – Movimentos retóricos do ensaio TOE36	151

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	13
2	ENSAIO	20
2.1	Montaigne, o pai do ensaio	20
2.2	Definições para o ensaio	23
2.3	Ensaio na pesquisa acadêmica.	27
3	PERSPECTIVA DE JOHN SWALES	32
3.1	Análise de gêneros na perspectiva de John Swales.	32
3.2	O conceito de comunidade discursiva	33
3.3	O conceito de gênero	37
3.4	O modelo CARS (Create a research space).....	40
3.5	A adaptação do modelo CARS em pesquisas no contexto brasileiro	43
4	PERSPECTIVA DE KEN HYLAND	47
4.1	Culturas disciplinares, textos e interações.....	47
4.2	A escrita acadêmica	48
4.3	A criação social do conhecimento	50
4.4	Culturas disciplinares	52
4.5	Texto como interação social.....	55
5	METODOLOGIA.....	57
5.1	Caracterização da pesquisa.....	57
5.2	Coleta e Seleção do Corpus.....	58
5.3	Periódicos escolhidos	67
5.4	Procedimentos de análise dos dados.....	69
6	ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES EM ENSAIOS NAS CULTURAS DISCIPLINARES DAS GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO	71

6.1	Objetivo 1: descrever a organização das seções.	71
6.1.1	<i>Ciências Sociais Aplicadas: análise da cultura disciplinar de Ciência da Informação.....</i>	71
6.1.2	<i>Linguística, Letras e Artes: análise da cultura disciplinar de Linguística.....</i>	74
6.1.3	<i>Ciências Humanas: análise da cultura disciplinar de Sociologia</i>	83
6.1.4	<i>Ciências da Saúde: análise da cultura disciplinar de Terapia Ocupacional.....</i>	88
6.2	Objetivo específico 2: investigar a pessoa do discurso	103
6.2.1	<i>Ciências Sociais Aplicadas: análise da cultura disciplinar de Ciência da Informação.....</i>	103
6.2.2	<i>Linguística, Letras e Artes: análise da cultura disciplinar de Linguística</i>	105
6.2.3	<i>Ciências Humanas: análise da cultura disciplinar de Sociologia</i>	108
6.2.4	<i>Ciências da Saúde: análise da cultura disciplinar de Terapia Ocupacional</i>	110
6.3	Objetivo específico 3: esquematizar a organização retórica dos ensaios nas culturas disciplinares escolhidas.....	114
6.3.1	<i>Ciências Sociais Aplicadas: análise da cultura disciplinar de Ciência da Informação.....</i>	114
6.3.2	<i>Linguística, Letras e Artes: análise da cultura disciplinar de Linguística.....</i>	126
6.3.3	<i>Ciências Humanas: análise da cultura disciplinar de Sociologia</i>	136
6.3.4	<i>Ciências da Saúde: análise da cultura disciplinar de Terapia Ocupacional.....</i>	142
7	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	154
	REFERÊNCIAS.....	157
	CORPUS ANALISADO.....	159
	ANEXOS.....	169

1 INTRODUÇÃO

Pois não sei se todos aceitarão minha desculpa de que devo ter nisso mais liberdade que os outros porque, justamente, escrevo sobre mim, e sobre meus escritos e sobre minhas ações, já que meu tema se revira sobre si mesmo.

Montaigne

O ensaiar na universidade parece ser tarefa pouco praticada dentro do mundo acadêmico, apesar de, muitas vezes, encontrarmos esse gênero em periódicos das várias áreas do saber. É um texto acadêmico que, muitas vezes, parece não o ser, pois não sabemos exatamente como produzi-lo. É a partir desse não conhecimento sobre o gênero que apresento¹ um relato muito particular da motivação para esta pesquisa: por que, durante o curso de Mestrado, mais da metade da turma, em uma disciplina de Teorias Linguísticas, não soube produzir, corretamente, um ensaio? Por que, na avaliação do professor que ministrava a disciplina, mais da metade da sala teve que refazer o ensaio? Será que os mestrandos e doutorandos mesmo conhecendo a estrutura de tantos gêneros acadêmicos – do resumo, da resenha e, principalmente, do artigo científico – não dominavam a organização do gênero ensaio? Por que, apesar de utilizarem uma temática livre para a feitura do ensaio, os alunos não conseguiram atingir o propósito comunicativo do gênero?

Essas perguntas não são aleatórias. Elas fazem parte de uma vivência pessoal ao iniciar o curso de Mestrado em Linguística. Quando o professor, como atividade final da disciplina ministrada, pediu à nossa turma que escrevesse um “ensaio” sobre um tema da Linguística, acreditei que a produção desse gênero fosse mais fácil. Contudo, nunca havia escrito um ensaio. Saberria produzir o gênero? Teria “bagagem intelectual”, leituras, que me guiassem nessa reflexão aprofundada sobre temas gerais de Linguística? Durante minha vida acadêmica, tive contato com o gênero? Afinal, seria capaz de entregar um bom texto, profundo, reflexivo, coerente, como deve ser um ensaio acadêmico? Ainda, o que significa “ensaio” para o professor?

A falta de contato com esse gênero resultou na produção de textos que oscilavam entre

¹ A presente Introdução desta tese é apresentada na primeira pessoa do singular. Apesar de este estudo apresentar várias vozes que me ajudaram a pesquisar o tema, na Introdução, o relato é pessoal, carregado de perguntas retóricas que acredito terem sido importantes para traçar os objetivos desta investigação científica.

um artigo científico e uma resenha acadêmica. Para minha surpresa, depois que o professor pediu para os alunos refazerem o texto, ele afirmou que muitas de nossa segunda produção do texto ainda não era um ensaio. Diante dessa afirmação, pensei: como alunos do curso de Letras/Português, que estudam gêneros textuais e produzem textos na academia, não estavam habilitados a produzir um ensaio?

Esses questionamentos refletem a necessidade de que, durante a vida acadêmica, os alunos devem conhecer e praticar o ensaio acadêmico, que, por se tratar de um gênero de cunho mais pessoal e profundo, em termos de conteúdo, merece atenção no meio acadêmico, não apenas por ser mais um gênero que os estudantes utilizariam, mas também por ser um tipo de prática discursiva pela qual os discentes aprofundariam temáticas e argumentariam a respeito dessa temática, com a finalidade de expor suas opiniões de forma madura, consistente e lógica, atitude indispensável aos alunos desse nível acadêmico.

Dessa forma, ao pensar em qual tema, sobre qual objeto e que teorias, eu me dedicaria a estudar em meu percurso investigativo de doutorado, todas essas perguntas vieram à mente como forma de preencher uma lacuna em minha vida acadêmica, com a pretensão de tentar compreender o mistério por trás desse gênero que, na avaliação do meu professor, eu não soube produzir. Por isso, a escolha desse tema como pesquisa é desafiadora, além de relevante, pois os sentimentos vividos na época do Mestrado vieram à tona. Se não fui capaz de produzir um ensaio, significa que não soube atender à sua organização retórica, aos propósitos do gênero, que não estava habilitada a produzi-lo. Então, seria capaz de analisar ensaios? Seria capaz de construir uma pesquisa consistente, com o rigor científico que a ciência exige? Essas são algumas das muitas inquietações que me levaram a investigar esse tema.

Mas, o que é o ensaio? Como se define? Quais são os principais usuários desse gênero? Para alguns autores, como Lucács (1971), o ensaio é considerado uma forma de arte. Para outros, como Rodrigues (2015), um texto com introdução, desenvolvimento e conclusão, mas que não chega a se concluir, a se fechar, a dar uma resposta ao leitor. Talvez, por esse motivo, haja uma dificuldade em se reconhecer a proposta de um ensaio. Talvez, ainda, por não saberem como se organiza um ensaio, de onde vem nossa maior preocupação, tantos estudantes o confundem com outros gêneros acadêmicos, como artigo e resenha.

Em geral, encontram-se como modelos de gêneros textuais acadêmicos as resenhas, os artigos científicos e os relatórios de estágio (cursos de licenciatura), que são usados largamente no início ou no fim do curso ou mesmo no final de disciplinas. Esses gêneros são importantes para quem pretende desenvolver pesquisas na esfera acadêmica, uma vez que o artigo científico, por exemplo, é o gênero mais utilizado, tanto em final de disciplinas, como forma de atribuir

notas ao final do curso, como temos vivenciado e praticado como alunos de pós-graduação, ou para publicação em periódicos com temáticas específicas. Contudo, não questionamos aqui a importância dessas práticas discursivas, pois acreditamos que cada gênero da esfera acadêmica tem importância para os alunos e professores, mas refletimos sobre a escrita do ensaio acadêmico.

Por meio de um gênero no qual possam se colocar mais livremente para a expressão de sua voz, entendemos que a escrita do ensaio pode ser mais uma ferramenta à disposição dos discentes (docentes também) para expressar suas opiniões de forma mais livre, com mais profundidade sobre determinado assunto. Esse gênero que pesquisamos, o ensaio, pode gerar controvérsias quanto à sua estrutura, organização, propósito comunicativo, além de ser comumente associado a outros gêneros produzidos nesse ambiente, tal como o artigo científico, como já destacamos. Assim, buscamos compreender como se organiza retoricamente esse gênero em periódicos, produzido por especialistas (a estrutura muda? O que há de diferente? O que esperamos de um escritor especialista quando ele escreve um ensaio?), para que possamos, também, esclarecer sua função retórico-social à comunidade acadêmica, professores e estudantes.

Ainda, pensamos no que significa a *palavra ensaio* dentro do contexto universitário/acadêmico. Em uma conversa livre, com um colega do curso de Mestrado em Sociologia, da Universidade Federal do Ceará, perguntamos se eles produziam ensaios. Como resposta, o colega disse que, na sua área, as pessoas que escrevem de forma ensaística soam como “pedantes”, algo negativo. O *status* do gênero ensaio é a de um texto que poucos sabem escrever ou que apenas pessoas brilhantes, como Montaigne, Schopenhauer, Nietzsche ou Sartre dominam o gênero e, por isso, merecem o título de “ensaístas”, como se fosse um gênero para poucos. Mas, contrapondo esse ponto de vista sobre a palavra ensaio, estão os professores (no caso aqui relatado, na área de Linguística) que solicitam aos alunos, ao final da disciplina, que escrevam ensaios.

Entendemos que, para produzir um ensaio, os discentes (e também docentes) necessitam apreender sua forma de organização retórico-discursiva. No tocante ao ensino de gêneros acadêmicos, a proposta não é de organizar um “modelo sobre como redigir ensaios”, a partir do qual todos deverão fazer um ensaio seguindo essas normas. O que pretendo é verificar como se organiza, nas culturas disciplinares da Linguística, Terapia Ocupacional, Sociologia e Ciências da Informação esse gênero tão pouco explorado. Para além da proposta, o estudo desse gênero em particular (a sua organização retórica, em culturas disciplinares diversas) produzido na esfera acadêmica, vem para somar junto às pesquisas que envolvem outros gêneros acadêmicos,

como artigos científicos, resumos e resenhas. Além disso, reveste-se de contribuições que auxilia e orienta discentes e docentes na escrita desse gênero.

Outro ponto importante que nos motiva pesquisarmos o gênero ensaio recai no uso desse gênero em sala de aula no ensino médio também. Apesar de nosso foco não estar diretamente relacionado ao ensino básico, esse gênero pode ser produzido nos cursos de licenciatura e, também, de acordo com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), pode ser explorado durante o ensino médio (BRASIL, 2018).

A esse respeito, a BNCC (BRASIL, 2018) apresenta algumas palavras-chave que podem facilmente ser relacionadas ao estudo de gêneros acadêmicos, tais como: protagonismo, abstração, reflexão, conhecimento científico-metodológico, linguagem científica e disseminação de conhecimento. Essas palavras podem servir de estímulo para a utilização do gênero ensaio no espaço escolar, uma vez que, neste documento norteador do ensino de Língua Portuguesa, observamos uma lista de gêneros textuais que devem ser aprofundados: palestra, debate, artigo científico, artigo de opinião e o ensaio. Assim, defendemos que, além de uma prática discursiva exercida dentro da academia, as pesquisas com o gênero ensaio serão frutíferas para profissionais de ensino que são disseminadores dos conhecimentos adquiridos no ambiente acadêmico nas salas de aula do ensino básico.

Para isso, utilizamos como aporte teórico a perspectiva sociorretórica de John M. Swales (1990) e de Askehave e Swales (2001), além de estudos desenvolvidos à luz dessa perspectiva que trazem significativa contribuição teórico-metodológica ao tema, trabalhos em que são discutidos a análise de gênero sob a perspectiva de Swales são produzidos no Brasil, desde a década de 90.

Encontramos em Motta-Roth (1995) o início de pesquisas na área de gêneros acadêmicos, a qual verificou como texto e contexto influenciam no desenvolvimento de diferentes maneiras de se realizar um mesmo gênero (resenha crítica em inglês), porém em áreas distintas, no caso, química, linguística e economia. Nessas três áreas, a pesquisadora concluiu que, apesar de existirem traços comuns entre elas, como conteúdo, função e forma, cada área traz as particularidades de sua cultura disciplinar.

Em Araújo (1996), o foco de estudo se concentrou na organização retórica da resenha crítica. Já Biasi-Rodrigues (1998) pesquisou como se realiza a distribuição das informações em textos-resumos. Na década seguinte, Bezerra (2001), por sua vez, verificou a organização retórica em resenhas acadêmicas.

Outra abordagem que utilizamos é a perspectiva teórica de Ken Hyland (2000), sobre as culturas disciplinares. Buscamos analisar semelhanças e diferenças na escrita do gênero ensaio,

partindo de culturas disciplinares diversas. No caso, essa análise foi realizada nas seguintes culturas disciplinares: Linguística, Terapia Ocupacional, Sociologia e Ciências da Informação, que fazem parte da grande área do conhecimento de Linguística, Letras e Artes, Ciências da Saúde, Ciências Humanas e Ciências Sociais Aplicadas, respectivamente.

Sobre os trabalhos que se debruçaram sobre a perspectiva de Hyland (2000), destacamos Pacheco (2016) e Abreu (2016), ambos derivados de pesquisas na Universidade Estadual do Ceará. O primeiro estende sua pesquisa à área de Nutrição e, o segundo, à área de Psicologia, em artigos acadêmicos, visando a compreender como se constrói esse gênero nessas duas culturas disciplinares.

Sobre o ensaio, mostraremos a importância de Michel de Montaigne (considerado o “pai do ensaio”) como “fundador” desse tipo de escrita tão relevante. Consideramos importante falar sobre dois autores: George Lukács e Theodor Adorno. Os autores, cada um a seu modo, escreveram um texto para expor suas percepções sobre o ensaio. Lukács (1971), em “Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper”, chama ensaio de crítica, algo relacionado à obra de arte. Faz ainda um questionamento que vem somar às questões já feitas até aqui: por que lemos ensaios? Em contrapartida, Adorno (2003) vai de encontro à “proposta” de Lukács. No ensaio “O ensaio como forma”, Adorno vai mostrando ao leitor o que é o ensaio – e o que não é.

Em relação ao *gênero ensaio*, pautamo-nos, ainda, sob o ponto de vista de Ferragini (2011, 2015), que verificou particularidades entre os gêneros ensaio acadêmico, artigo científico e resenha acadêmica. Porém, diferentemente de nosso direcionamento teórico, a autora segue o viés de ensino de língua materna e da transposição didática, que consideramos importante e válido. Temos ainda Rodrigues (2015), no artigo “Ensaio: um gênero em busca de sua caracterização”, em que a autora analisou ensaios artísticos e/ou literários, ensaios acadêmicos e ensaios filosóficos com o objetivo de caracterizá-los por meio de uma proposta tipológica. No trabalho, a pesquisadora elencou alguns traços que caracterizam esse gênero, o que nos auxiliará nas análises que faremos dos ensaios em periódicos e em sala de aula. O trabalho de Galvão (2018) também nos traz reflexões sobre o ensaio do ponto de vista de uma professora que é constantemente questionada sobre o que é esse gênero.

Para o estudo que empreendemos nesta tese, temos como objetivo geral analisar a organização retórica do gênero ensaio produzido por especialistas em culturas disciplinares das grandes áreas de Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes para evidenciar as peculiaridades genéricas inerentes a essas áreas. Como objetivos específicos, temos três: 1) descrever e caracterizar a organização das seções do

gênero ensaio nas seguintes culturas disciplinares: Linguística, Terapia Ocupacional, Sociologia e Ciências da Informação 2) investigar a pessoa do discurso nos ensaios nas culturas disciplinares escolhidas e 3) esquematizar a organização retórica dos ensaios nas culturas disciplinares escolhidas.

Sobre as questões e hipóteses que nortearam esta pesquisa, temos como questão central: como o gênero discursivo ensaio acadêmico organiza-se retoricamente? Partimos do pressuposto geral de que assim como os demais gêneros da esfera acadêmica, o ensaio apresenta organização retórico-discursiva característica nas diversas área de culturas disciplinares. Sobre as questões e hipóteses específicas, temos: Questão 1) Quais as diferenças presentes na organização das seções dos ensaios nas diferentes culturas disciplinares? Hipótese 1) há diferenças no que tange às seções apresentadas entre a Introdução e a Conclusão dos textos, podendo variar de cultura disciplinar para cultura disciplinar quanto à quantidade de seções, porém sempre com a prevalência das seções de Introdução e Conclusão; Questão 2) Que pessoa do discurso predomina nos ensaios publicados nas culturas disciplinares analisadas? Hipótese 2) os ensaios publicados apresentam, em sua maioria, apenas um autor nas culturas disciplinares analisadas; Questão 3) Quanto à organização retórica dos ensaios, quais as diferenças entre as culturas disciplinares de Linguística, Sociologia, Terapia Ocupacional e Ciências da Informação? Hipótese 3) Há diferenças significativas entre as quatro culturas, principalmente nas culturas de Linguística/Sociologia com as culturas disciplinares de Terapia Ocupacional/Ciências da Informação.

Depois de delimitados os objetivos gerais e específicos, assim como as questões norteadoras e seus pressupostos, podemos descrever como esta tese está composta. A tese está dividida em sete capítulos, sendo o presente capítulo desta pesquisa o capítulo 1, Introdução, no qual apresentamos as motivações que nos levaram a esta pesquisa, os objetivos, questões e pressupostos, além de apontar as bases teóricas que norteiam esta investigação.

No capítulo 2, Ensaio, apresentamos o gênero ensaio em diferentes perspectivas: passamos pelos ensaios de Montaigne, escritos no século XVI, além de abordarmos as motivações do escritor para escrever seus textos. Em seguida, discorreremos sobre algumas concepções do termo “ensaio”, além de evidenciarmos a dificuldade de definição do termo. Posteriormente, damos um salto e apresentamos como o ensaio é visto fora e dentro da academia, e descrevemos algumas pesquisas que têm como objeto de estudo esse gênero.

No capítulo 3, Perspectiva de John Swales, está presente uma das duas teorias norteadoras desta pesquisa. Apresentamos os conceitos delineados por Swales sobre gêneros

textuais, comunidade discursiva, propósito comunicativo e o modelo CARS. Tal modelo nos serviu como guia para descrevermos a organização retórica dos ensaios analisados.

No capítulo 4, Perspectiva de Ken Hyland, discutimos o conceito de cultura disciplinar apresentado pelo autor, conceito que nos é caro pelo fato de, frequentemente, usarmos esse termo quando falamos em áreas do saber, além de apresentarmos como o autor chegou a esse conceito.

No capítulo 5, Procedimentos metodológicos, descrevemos os passos metodológicos que fizemos para chegarmos aos ensaios escolhidos para análise, desde os sites de consulta às grandes áreas do conhecimento, a procura dos periódicos, até os volumes que apresentavam ensaio. Destacamos o tipo de pesquisa, as abordagens e o percurso de tratamento dos dados para realização das análises.

No capítulo 6, Análise dos ensaios em diferentes culturas disciplinares, analisamos os ensaios escolhidos nas culturas disciplinares de Linguística, Sociologia, Terapia Ocupacional e Ciências da Informação, a fim de atingirmos. Com base nas análises destacamos que as culturas disciplinares apresentam configurações de organização de seções parecidas, com prevalência maior das seções de Introdução e de Conclusão; a quantidade de páginas dos ensaios constitui característica importante de algumas áreas, pois identificamos que o gênero com maior número de páginas nas culturas disciplinares da Linguística e da Sociologia, enquanto há menor quantidade na cultura disciplinar de Terapia Ocupacional; quanto à pessoa do discurso, identificamos que, apesar de o ensaio ser caracterizado por uma escrita mais pessoal, voltada para a primeira pessoa do singular, a maioria dos ensaios foram escritos por mais de um autor, prevalecendo o uso da terceira pessoa do singular; quanto à organização retórica dos ensaios, verificamos que, no geral, a reflexão do texto foi encontrada na conclusão, não havendo momentos em que o leitor esteja em diálogo com o autor. Os ensaios analisados apresentaram objetividade e organização, indo de encontro às características de subjetividade e fragmentação, que elencamos como categorias de análise.

No capítulo 7, Considerações Finais, evidenciamos reflexões sobre as análises dos ensaios, além de nos certificarmos se os nossos objetivos foram de fato alcançados. Nas considerações também instigamos e orientamos caminhos para novos estudos acerca do objeto de estudo desta investigação.

Dando continuidade à leitura desta tese, passamos ao capítulo 2, Ensaio, no qual ampliamos nossa visão acerca do gênero ensaio, a partir de diferentes perspectivas, e explicitamos nossa concepção para o gênero.

2 ENSAIO

Ao menos tenho essa regra de que nunca um homem tratou de assunto que compreendesse e conhecesse melhor do que o faço com este que empreendi: e neste sou o homem mais sábio em vida.

Montaigne

Neste capítulo, o título é nosso objeto de estudo: o ensaio. Devemos alertar, entretanto, que, apesar de buscarmos definição ou características do ensaio, certamente não as encontraremos de forma rígida, pois uma das percepções que tivemos ao longo da pesquisa sobre este gênero é a dificuldade em defini-lo. Muitas vezes, assim como fazemos na abertura deste capítulo, os autores explicam sobre a complexidade de buscar uma caracterização ou definição. Acreditamos, porém, que nossa pesquisa possa encontrar peculiaridades entre ensaios de culturas disciplinares diferentes, ainda que sejam distantes daqueles ensaios produzidos ainda no século XVI, por Michel de Montaigne.

Antes de nos concentrarmos nas especificidades dos ensaios de cada cultura disciplinar, buscamos mostrar aqui as origens do ensaio, alguns nomes que são destaques na escrita do gênero, além de citar pesquisas acadêmicas que envolvem o ensaio. Começamos, então, com a apresentação de Montaigne, considerado o pai do ensaio.

2.1 Montaigne, o pai do ensaio

O fato de esse gênero parecer distante de nós, distante do que costumamos ver em sala de aula (ensino básico, ensino superior) pode ter vindo de uma “aura inalcançável”, vem de Michel de Montaigne, o grande precursor do gênero, por meio de sua obra *Ensaaios*, cujos três livros foram publicados entre 1571 e 1588.

Zweig (2018) explica Montaigne em seu *O mundo insone e outros ensaios*, ou melhor, como bem frisado no livro, torna-se o porta-voz de Montaigne. Zweig (2018) nos lembra que alguns ensaios de Montaigne parecem fora da realidade para nós, ou para ele, leitor do século XX, como se não fosse interessante para o jovem Zweig de 20 anos de idade. Ele nos explica alguns episódios da vida de Montaigne, além de deixar claro a liberdade individual que o autor tanto preza e escreve em seus ensaios.

Zweig (20013) explica que, ainda criança, Montaigne foi cercado de cuidados pelo pai, Pierre Eyquem, que queria transformar o destino de Montaigne. Antes, porém, já vinha

preparando terreno para oferecer uma educação mais refinada ao filho. Relata Zweig (2013, p.17) que Pierre realizou o sonho de seu avô, pois reformou um castelo já decadente em um

lugar de formação humanista e de generosa hospitalidade. [...] Ele lança as bases de uma imponente biblioteca, atrai para sua casa homens eruditos, humanistas e professores e, sem negligenciar a administração da grande fortuna e de seus vastos domínios, considera ser o seu dever de aristocrata servir em tempos de paz à sua pátria, assim como antes servira ao rei na guerra.

Com esse alicerce construído, com bibliotecas, professores e homens eruditos, o pai de Michel chamou seus amigos mais influentes e de grandes conhecimentos, como humanistas eruditos, e pediu conselhos sobre como educar seu filho em vários aspectos de sua vida humana e social “para se tornar alguém extraordinário” (2013, p.19). Sobre essa etapa de sua vida, “Mal saiu do berço e do seio materno, em vez de ser entregue a uma ama de leite, como se fazia em casas aristocráticas, levam o menino embora do castelo de Montaigne e confiam sua guarda a pessoas da camada mais baixa” (2013, p.19). O próprio Montaigne enfatiza em seu ensaio “Sobre a experiência”, último texto do livro três, sobre esse momento da sua vida:

O bom pai que Deus me deu (que de mim só tem o reconhecimento por sua bondade, mas certamente muito vigoroso) enviou-me desde o berço para ser criado num vilarejo pobre de sua senhoria, e ali me manteve enquanto eu estava sendo amamentado e mesmo mais tarde, habituando-me assim ao mais modesto e ordinário modo de viver: *Magna pars libertatis est bene moratus venter*. [...] A conduta de meu pai ainda visava a outra finalidade: ligar-me ao povo e àquele gênero de homens que precisam de nossa ajuda, e considerava que eu devia olhar mais para quem me estende os braços do que para quem me vira as costas (MONTAIGNE, 2017, p.560).

Como explica Sweig (2013), Montaigne viveu durante toda a sua vida situações de “recaídas do mundo”, começa a desaparecer a “humanização do mundo” nas palavras de Zweig, pois, desde a adolescência, Montaigne presenciou episódios violentos na sociedade, em que pessoas foram duramente repreendidas. Mais tarde, no episódio da Noite de São Bartolomeu, viu o aniquilamento de milhares de pessoas. O fato de ter presenciado tantas situações de desumanidade ao longo de sua vida talvez tenha sido o motivo para buscar tanto o seu eu mais profundo, mais humano, por meio de suas reflexões, em seus ensaios. No ensaio “Sobre a afeição dos pais pelos filhos”, Montaigne (2017) nos diz que

foi um humor melancólico, e por conseguinte um humor muito oposto à minha compleição natural, produzido pela tristeza e pela solidão em que havia alguns anos me atirara, que me pôs primeiramente na cabeça esse desvario de me meter a escrever. E depois, encontrando-me inteiramente desprovido de vazio de qualquer outra matéria

a tratar, apresentei eu mesmo a mim como argumento e assunto (MONTAIGNE, 2017, p. 236).

Mais precisamente sobre os seus textos, o próprio Montaigne adverte o leitor na abertura de seus *Ensaio*s que esses textos ele escreveu para si², além de ser enfático ao longo de vários ensaios em que exprime sua opinião sobre tudo, até mesmo sobre aquilo que não conhece. E de fato assim o faz, pois “Quem busca sabedoria, que a busque onde se aloja; não tenho a pretensão de possuí-la. O que aí se encontra é produto de minha fantasia; não viso explicar ou elucidar as coisas que comento, mas tão somente mostrar-me como sou” (2018, p.418).

Sobre esse escrever para si sem pensar na posteridade, Auerbach (2010) nos diz que em Montaigne não há nada de profissional em seus textos, pois falta um método, falta um público:

Toda a sua atividade prática não tem nenhuma relação profissional com sua produção intelectual. Muitas vezes aquela fornece o material para seus pensamentos. Mas tais pensamentos não são de grande importância para nenhuma disciplina específica; não tem caráter jurídico, nem militar, nem diplomático, nem filológico, embora retirem de todos esses campos e outros mais sua encantadora concretude. E também não são propriamente filosóficos: falta-lhes todo o sistema ou método. [...] O público dos *Ensaio*s de Montaigne não existia, e ele não podia supor que existisse. Não escrevia para a corte nem para o povo, nem para os católicos nem para os protestantes, nem para os humanistas nem para alguma outra coletividade já existente (AUERBACH, 2010, p.12-13).

Scoralick (2018), seguindo a mesma linha de pensamento de Auerbach (2010), nos diz que os *Ensaio*s não são textos que falam sobre ciência, mas textos em que Montaigne comenta sobre vários assuntos, como podemos notar pela grande diversidade de títulos e temas em seus três livros: fala sobre a educação das crianças, medo, ociosidade, livros, solidão, religião e arremata com reflexões sobre sua vida em “Sobre a experiência”. No ensaio “Sobre versos de Virgílio”, por exemplo, Montaigne nos fala que o tema de seus textos podem ser assuntos já mencionados de forma excessiva, pois “ao escrever acato mais a contragosto os assuntos batidos, por receio de tratá-los como outro já tratou. Todo assunto é para mim igualmente fértil. [...] Começo por aqueles que me agradar, pois as matérias estão todas encadeadas umas nas

² “Votei-o em particular a meus parentes e amigos, e isso a fim de que, quando eu não for mais deste mundo (o que em breve acontecerá), possam nele encontrar alguns traços de meu caráter e de minhas ideias e assim conservem mais inteiro e vivo o conhecimento que de mim tiveram. [...] Prefiro, porém, que me vejam na minha simplicidade natural, sem artifício de nenhuma espécie, porquanto é a mim mesmo que pinto. Vivos se exibirão meus defeitos e todos me verão na minha ingenuidade física e moral, pelo menos enquanto o permitir a conveniência” (MONTAIGNE, 2018, p.39).

outras” (2018, p.2017). Ainda que pareçam temas bastante pontuais, muitas vezes ele se afastava do tema central e o retomava nas últimas linhas de seu ensaio.

Podemos notar ao longo dos ensaios que, ainda que seu pensamento fosse o ponto crucial de seus escritos, Montaigne citava vários autores ao longo de seus textos, principalmente autores de língua latina, pois ele aprendeu latim antes mesmo de dominar o francês. Critica, entretanto, com firmeza autores “insensatos” que utilizam trechos inteiros de obras antigas para dar valor ao seu texto ou a si mesmo. Nesse ensaio em particular, “Sobre a educação das crianças”, nos fala sobre ensinar a criança/educando a tomar a sua opinião e diversidade de pensamentos e julgamentos, e não apenas tomar para si opiniões de outros autores. Essa concepção do ensino mais centrado em acolher as próprias opiniões vai ao encontro de tudo que é explorado em seus ensaios, pois eles são a representação da forma de pensar de Montaigne, ainda que despretensiosamente não tenha pensado em um gênero literário quando escrevia.

Porém, explica Gómez-Martínez (1999) que Montaigne foi o criador do gênero literário ensaio e “foi o primeiro a usar o termo ‘ensaio’, em sua concepção moderna, para caracterizar seus escritos, e o fez consciente de sua arte” (1999, p.5)³ e foi com ele que o ensaio tomou forma.

Até aqui, vemos que os ensaios escritos por Montaigne abordam vários temas, uma escrita baseada principalmente em pontos de vista, quase sem pretensão, mas podemos encontrar alguma definição mais delineada para ensaio?

2.2 Definições para o ensaio

Ao pesquisarmos sobre o gênero ensaio, nos deparamos com a dificuldade em torno de sua definição. Por isso, mostramos algumas considerações sobre o que seria ensaio e como ele se define a partir da perspectiva de vários autores.

Começemos com Aira (2018), que nos apresenta o ensaio como um texto em que há mais do que expor uma opinião. Aira (2018) é assertivo ao explicar que o tema do ensaio é algo que, “caso seja acertada a escolha, o ensaio já está escrito, antes de se escrever” (2018, p.232). Esse ponto deve ser explorado com atenção, pois, muitas vezes, ao se deparar com a escrita desse texto, o escritor provavelmente pode sentir dificuldade ao encontrar um tema que possa ser interessante ao leitor. Porém, como aponta Aira (2018), o tema do ensaio provém de uma

³ “Montaigne, en efecto, fue el primero en usar el término ‘ensayo’, en su acepción moderna, para caracterizar sus escritos, y lo hizo consciente de su arte y de la innovación que éste suponía”.

estratégia particular, em que há a presença de dois temas conjugados A + B. Para o autor, essa estratégia seria inerente ao ensaio:

Quero falar da escolha do tema do ensaio a partir de uma estratégia particular, não difícil de detectar porque costuma ficar declarada no título: me refiro aos dois termos conjugados, A e B. “A muralha e os livros”, “As palavras e as coisas”, “A sociedade aberta e seus inimigos”. É um formato muito comum e suspeito que não há outro, ainda que se dissimule. (2018, p.232)

Aira (2018) explica que o ensaio se manifesta pela inteligência subjetiva do ensaísta, algo de enunciativo, pois “Essas formulações antiquadas como ‘havíamos deixado nosso herói em tal ou qual situação...’ ou ‘mas os leitores estarão se perguntando...’, que já não são usadas, no ensaio persistiram porque são inerentes ao gênero (2018, p. 237). A não busca incessante pela verdade também seria uma característica do ensaio.

Larrosa (2004), por sua vez, ao ensaiar sobre Foucault, nos diz que o ensaio é um texto em primeira pessoa, “uma escrita e um pensamento que estabelece uma certa relação com a primeira pessoa: que diz ‘eu’, mesmo não dizendo ‘eu’, que diz ‘nós’ mesmo que a forma que esse ‘nós’ adota seja um de seus maiores problemas” (LARROSA, 2004, p.36), mas que esse “eu” não é necessariamente o tema central, mas que se sobressai por meio de opiniões, um ponto de vista. Explica ainda que o ensaio está mais centrado na experiência vivida por alguém, a verdade da subjetividade.

George Lukács (1971, s.p.), no seu texto “Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper”, define o ensaio como uma forma de arte. E se questiona: por que lemos ensaios? E a resposta vem em seguida: “muitos deles por causa dos ensinamentos, mas há também outros que oferecem atrativos bem diversos”. Segundo Lukács (1971), o ensaísta fala não apenas de imagens, livros, quadros ou poemas, mas fala da vida, algo diretamente relacionado a Montaigne. É também um texto com traços de ironia, e o autor vai além na definição:

Quando escrevi a Kassner, eu já o mencionei a ele: o ensaio fala sempre de algo já formado, ou ao menos de algo que já existiu; é, portanto, próprio de sua essência não retirar coisas novas de um nada vazio, e sim apenas reordenar aquelas que já foram vivas alguma vez. E porque ele apenas as reordena, em vez de formar algo novo do informe, ele está também comprometido com elas, tem sempre de dizer a “verdade” sobre elas, encontrar expressões sobre sua essência (LUKÁCS, 1971, s/p).

Essas definições sobre o ensaio parecem torná-lo mais distante do leitor, pois os ensaístas seriam os representantes da ciência da arte. Seria, então, um gênero artístico, de vida própria. Porém, essas definições de Lukács são diferentes do que pensa Adorno (2003).

O filósofo Adorno (2003, p.18), em seu texto “O ensaio como forma”, apresenta o ensaio como uma forma diferente da arte, “tanto por seu meio específico, os conceitos, quanto por sua pretensão à verdade desprovida de aparência estética”. Explica que, na Alemanha, por exemplo, o gênero é tratado com certo preconceito e, diz ainda, que “ainda hoje, elogiar alguém como *écrivain* é o suficiente para excluir do âmbito acadêmico aquele que está sendo elogiado” (ADORNO, 2003, p.15). O autor nos apresenta várias características, não exatamente de forma pontual, sobre o ensaio, mas não sem antes nos mostrar o que é e o que não é o ensaio de acordo com o seu ponto de vista.

Uma das características que Adorno (2003) nos indica é sobre a liberdade que o ensaio evoca. É um tipo de liberdade espiritual, na qual o ensaio não precisa necessariamente criar um tema, pois o ensaio é tão livre que pode abordar um assunto que já foi debatido. Explica que o ensaio “não começa com Adão e Eva, mas com aquilo sobre o que deseja falar; diz o que a respeito lhe ocorre e termina onde sente ter chegado ao fim, não onde nada mais resta a dizer; ocupa, desse modo, um lugar entre os despropósitos” (2003, p.17).

Outro ponto a se considerar é sobre o seu objeto. Para Adorno (2003, p. 27), o ensaio não apresenta um método, pois “O ensaio suspende ao mesmo tempo o conceito tradicional de método. O pensamento é profundo por se aprofundar em seu objeto, e não pela profundidade com que é capaz de reduzi-lo a uma outra coisa”. Da mesma forma que rejeita o método, também não define conceitos: “o ensaio, em contrapartida, incorpora o impulso antissistemático em seu próprio modo de proceder, introduzindo sem cerimônias e ‘imediatamente’ os conceitos, tal como eles se apresentam. Estes só se tornam mais precisos por meio das relações que engendram entre si” (p.28).

Para Adorno (2003, p.35), o ensaio é um texto que pode ser interrompido a qualquer momento, beirando à relativização, pois “o ensaio pensa em fragmentos, uma vez que a própria realidade é fragmentada; ele encontra sua unidade ao buscá-la através dessas fraturas, e não ao aplainar a realidade fraturada”, uma vez que “a descontinuidade é essencial ao ensaio; seu assunto é sempre um conflito em suspenso”.

Essa característica de descontinuidade leva a outra, ao fato de o ensaio não chegar a uma conclusão, pois, na verdade, o fator determinante para o ensaio seria a unidade do seu objeto,

junto com a unidade de teoria e experiência que o objeto acolhe. [...] A sua forma acompanha o pensamento crítico de que o homem não é nenhum criador, de que nada humano pode ser criação. Sempre referido a algo já criado, o ensaio jamais se apresenta como tal, nem aspira a uma amplitude cuja totalidade fosse comparável à da criação (2003, p.36).

As palavras de Adorno (2003, p.44) nos indicam ainda que o ensaio está longe de ser um gênero estático, uma vez que há intensa reflexão sobre si mesmo. É mais dinâmico: “a serena flexibilidade do raciocínio do ensaísta obriga-o a uma intensidade maior que a do pensamento discursivo, porque o ensaio não procede cega e automaticamente como este, mas sim precisa a todo instante refletir sobre si mesmo”.

A seguir, apresentamos um quadro síntese com as características para ensaio que Adorno (2003) explanou:

Quadro 1 – Características do ensaio, segundo Adorno (2003)

Liberdade espiritual
Tema debatido
Caráter desproposital
Interpretação flexível e ponderada
Autonomia estética
Aprofundamento do objeto
Recusa em definir conceitos
Antissistemático
Pensamento fragmentado
Não conclusivo

Fonte: Elaboração da autora, com base em Adorno (2003)

Ao longo das trinta páginas de seu texto, Adorno (2003) apresenta ainda muitas características do gênero e seu texto parece nos dar uma luz no fim do túnel. Ainda que essas definições pareçam nebulosas para alguns, ao menos nos dá uma noção do que é o ensaio em todas as suas formas.

Bense (1947 *apud* ADORNO, 2003, p. 35-36) nos explica que o ensaio significa tentativa, um gênero que se utiliza da prosa sem deixar de lado a poesia. O ensaio teria algo de experimental, uma tentativa de buscar uma verdade. Destaca ainda que os ensaios foram

escritos por grandes críticos, em momentos históricos igualmente críticos. Sintetiza o ensaio da seguinte forma:

Escreve ensaisticamente compõe experimentando; quem vira e revira seu objeto, quem o questiona e o apalpa, quem o prova e o submete à reflexão; quem o ataca de diversos lados e reúne no olhar de seu espírito aquilo que vê, pondo em palavras o que o objeto permite vislumbrar sob as condições geradas pelo ato de escrever.

As definições que encontramos até aqui nos dão uma ideia de que o ensaio é, muitas vezes, visto como forma de arte ou poético, com pouca preocupação em buscar uma verdade, o que nos leva a uma dedução de que esse gênero vai além de colocar dois temas em confronto, havendo a presença do “eu” como fator principal para o seu desenvolvimento. Mas o gênero textual ensaio, como é visto e definido?

2.3 Ensaio na pesquisa acadêmica

Depois de nos debruçarmos sobre a origem do ensaio e sua definição (ou definições), entramos em um ponto do capítulo mais relacionado ao que pesquisamos nesta tese, o ponto de vista acadêmico. Três pesquisadoras nos chamam a atenção: Rodrigues (2015) por trazer à tona um artigo em que explora a questão da busca de uma caracterização do gênero ensaio, e Ferragini (2011) e Galvão (2018) que exploram em dissertação e teses, respectivamente, em salas de aula, o “ensaiar” no ensino básico e no ambiente acadêmico.

Entretanto, lembremos, antes, uma fala de Larrosa (2003) em seu texto “O ensaio e a escrita acadêmica”. Nele, o autor pontua que dentro de academia existem certos modos de escrita, um tipo de privilégio de um gênero e a exclusão de outros, e encaixa nessa exclusão o ensaio. Ao citar a liberdade como uma das características do ensaio, Larrosa (2003, p.106-107) explica que “o ensaio se dá uma liberdade temática e formal que só pode incomodar num campo tão reprimido e tão regulado como o do saber organizado”. Dentro de um espaço (o acadêmico) que prima pelo método, por textos que apresentam seções bem divididas, como no gênero artigo acadêmico, o ensaio parece ser um texto que não sabe para onde vai: “O ensaísta inicia no meio e termina no meio, começa falando do que quer falar, diz o que quer e termina quando sente que chegou ao final e não por que já nada resta a dizer, sem nenhuma pretensão de totalidade” (LARROSA, 2003, p.112).

O motivo de destacarmos o ponto de vista de Larrosa (2003) é mostrarmos como é estudado e ensaiado o ensaio no ambiente acadêmico, até então, uma vez que, para o autor, o ensaio não apresenta método, não há um princípio e fim e, talvez, seja o motivo de o gênero não ter destaque na academia.

Rodrigues (2015), em seu artigo, busca uma real caracterização do ensaio, além de explorar os usos dos operadores argumentativos em vários ensaios, e parte de um questionamento que também nos intriga: “um gênero se realiza de maneiras diferentes em esferas de atividade diferente?” (2015, p.158). O que nos chama a atenção quando nos deparamos com o *corpus* apresentado pela autora é a separação destes em três grupos: ensaios artísticos e/ou literários, ensaios filosóficos ensaios acadêmicos. Quando verificamos os ensaios acadêmicos escolhidos pela autora, vimos que alguns estão presentes em periódicos, da mesma forma que os ensaios filosóficos. Ao nosso entender, Rodrigues (2015) não encarou esses ensaios de periódicos como pertencentes ao grupo ensaio acadêmico. Para a nossa pesquisa, levamos em conta as culturas disciplinares que estão presentes nas grandes áreas. Não falamos em ensaio filosófico ou sociológico, mas tomamos todos por ensaio em diferentes culturas.

Um ponto que destacamos em Rodrigues diz respeito ao quadro de características do ensaio, a seguir, que ela apresenta:

Quadro 2 – Características do ensaio, segundo Rodrigues (2015)

CARACTERÍSTICAS DO ENSAIO	PROPRIEDADES
Teor interrogativo	Questionar, refletir sobre objetos, ideias e conceitos
Conflito não sedimentado	Presença constante da tensão sem desfecho definitivo
Descontinuidade	Não sucumbe à ideia de completude e continuidade
Certa universalidade	Não trata de fatos e, sim, de ideias e conceitos
Auto-exercício da razão	Reflexões pautadas na própria experiência e conhecimento do ensaísta
Caráter crítico	Auto exercício crítico sobre um tema, não comprometendo seu caráter aberto e inacabado
Pensamento original	Autonomia mental para produzir um pensamento original decorrente de seu caráter interrogativo
Relação específica com o leitor	Não fornece respostas prontas ao leitor, sua conclusão é sempre inacabada
Incompletude e relativização	Sem conclusões objetivas
Escolhas pessoais	Forte presença das escolhas do ensaísta, acentuando o caráter subjetivo
Reflexão lenta e ponderada	Livre indagação
Rigor conceitual e precisão teórica	Conhecimento teórico, conceitual e prático inerentes no seu teor interrogativo

Fonte: Rodrigues (2015, p. 159).

Neste quadro, Rodrigues (2015) apresenta “as características mais relevantes que devem

estar presentes em um ensaio”. Sobre isso, cita a autora (2015, p.159) que

[Em seu livro *Ensaio sobre a essência do ensaio* (1964),] Lima discorre sobre a gênese desse gênero por meio da(re)construção da obra de Montaigne, num procedimento pautado do particular para o universal. Ainda de acordo com o autor, as características básicas presentes nos *Ensaaios* de Montaigne, e nos ensaios de modo geral, são: i) o auto-exercício da razão, das faculdades; ii) a autonomia mental; iii) o esforço constante pelo pensar original; iv) a vivência experiencial da universalidade; v) o juízo crítico.

Partindo dessas caracterizações, Rodrigues (2015) aponta as seguintes considerações: ao explorar como foram utilizados os operadores argumentativos, a autora explica que a maioria dos operadores encontrados (mas, como, quanto/tão, ou) estão relacionados à tipologia textual em que o ensaio é definido, o dissertativo. Ainda, aponta que, apesar de o ensaio ter seu caráter dissertativo-argumentativo, esse gênero não apresenta uma estrutura que leve a uma determinada conclusão do pensamento do autor, pois “o ensaio não tem pretensão de finalizar a discussão, deixando questionamentos em aberto, como uma reflexão em processo” (2015, p.175).

Percorrendo outro caminho, no que tange à pesquisa sobre esse gênero, temos as contribuições de Ferragini (2011, 2015). A autora nos guia, inicialmente, até a origem da palavra “ensaio” que, de acordo com suas pesquisas, significa tentar, experimentar. Ferragini (2011) observa que esse gênero foi amplamente difundido na Inglaterra, na França e nos Estados Unidos, porém, sua presença no Brasil foi marcada pelo uso do gênero durante o descobrimento do Brasil e que, a partir daí, houve pouca produção, voltando apenas a ser visto entre pré-modernistas e modernistas. O foco da autora em sua pesquisa de mestrado (2011) está relacionado ao gênero em um contexto de ensino superior, mais precisamente ao primeiro ano do curso de Turismo. Já a sua pesquisa de doutorado (2015) está concentrada nos alunos do curso de Letras, também dos anos iniciais.

Ferragini (2011) elenca as características do gênero ensaio, descritas no quadro a seguir:

Quadro 3 – Características do ensaio, segundo Ferragini (2011)

Liberdade de expressão
Objeto de estudo claro como foco
Presença de nuances de subjetividade
Uso linguagem mais formal, por pertencer à esfera acadêmica
Círculo restrito de leitores

Modificações de acordo com o contexto de produção
Extensão curta, geralmente, pois apresenta um recorte de um tema e o aprofunda
Exposição e a argumentação de temas
Tendência à impessoalidade
Discurso em primeira ou terceira pessoa

Fonte: Elaboração da autora, com base em Ferragini (2011)

As características do ensaio apontadas pela autora apresentam consonância com às já apresentadas pelos teóricos do tópico anterior, porém, para a nossa pesquisa, salta aos olhos as características apontadas pelas autoras quanto à questão da liberdade de expressão, a subjetividade e, principalmente, o fato de esse gênero se modificar de acordo com o contexto de produção, o que nos faz pensar que esse contexto de produção também possa se referir às várias áreas do conhecimento e que cada área traz consigo diferenças que podem ser observadas em seus textos, ainda que seja um gênero dado à versatilidade.

Já Galvão (2018) nos traz uma preocupação sobre o ensaio dentro da academia, pois os textos que circulam no mundo acadêmico trazem em si certa rigidez, a ponto de, ao perguntarmos o que é ou como é feito artigo científico, já sabemos como fazê-lo, pois já os praticamos desde os anos iniciais de graduação. Diferentemente da percepção adotada nesta pesquisa – a de aluna – Galvão (2018) parte da perspectiva da professora que é constantemente perguntada “o que é um ensaio?”. A autora explora a questão da leitura e ensino do gênero e é notável destacar as impressões da professora sobre o termo ensaio no contexto acadêmico – e que são parecidas com a que foi exposta na Introdução desta tese: o professor pedir para o aluno fazer um ensaio, o aluno não saber produzir um ensaio, pois não conhecia o gênero, o fato de o ensaio ser um texto mais flexível e talvez aí resida a dificuldade em explicar o que ele de fato é e a ausência de leitura e produção do gênero naquele contexto.

Depois de passarmos por várias explanações sobre o que é o ensaio e suas características a partir de várias perspectivas, cabe aqui estabelecermos as características mais recorrentes e que usaremos em nossa análise posteriormente. As particularidades são as seguintes:

Quadro 4 – Características do ensaio para análise

Texto aberto

Sem desfecho; o leitor poderá chegar à conclusão
Escrito em primeira pessoa do singular
Liberdade de expressão
Linguagem mais formal
Teor reflexivo mais lento e fragmentado
Aprofundamento do objeto/tema

Fonte: Elaboração da autora.

Das conclusões que podemos tirar sobre o que é o gênero ensaio, podemos apontar que o ensaio perpassa várias disciplinas, como história, sociologia, literatura. É, de fato, um gênero que apresenta certa liberdade de expressão sobre assuntos já examinados à exaustão, em que há criticidade no que está escrito. Como podemos notar ao longo do percurso que fizemos até aqui, desde entender as motivações de Montaigne para escrever ensaios, pontos de vistas teóricos e como o ensaio é tratado na academia, notamos que há entre eles semelhanças e diferenças. A nosso ver, o que encontramos nos ensaios das várias culturas disciplinares que pesquisamos e detalhamos no capítulo 6 estão em acordo com várias das características que aqui exploramos.

Passemos, a seguir, ao capítulo 3, a apresentação da perspectiva de Swales sobre gêneros e seus correlatos.

3 PERSPECTIVA DE JOHN SWALES

Dou à minha alma ora um aspecto, ora outro, segundo o lado por onde a examino. Se falo de mim de diversos modos é porque me observo de diversos modos.

Montaigne

Neste capítulo, expomos uma das teorias de base para análise dos ensaios da área da linguística. Assim, ao longo do capítulo, apresentamos a definição de gênero de Swales (1990), além de apresentar a linha de pensamento do autor, pois Swales (1990) cita alguns termos que são significativos dentro de sua teoria para o estudo de gêneros, como o conceito de comunidade discursiva, de propósito comunicativo e seu modelo de análise de gêneros, o modelo CARS, que serviu de inspiração para várias pesquisas desenvolvidas na esfera acadêmica. No percorrer do capítulo, expomos algumas pesquisas que se utilizaram desse modelo, que reforçam nossa concepção de que teoria e metodologia swalesianas são pertinentes para o que pretendemos nesta tese.

Nesse sentido, destacamos que a perspectiva de Swales (1990) insere-se na sociorretórica que abriga, além do autor, Carolyn Miller (1984) e Charles Bazerman (1989).

3.1 Análise de gêneros na perspectiva de John Swales

Como mencionamos, a perspectiva de Swales (1990) faz parte do que se chamada sociorretórica, de caráter etnográfico, que, de acordo com Marcuschi (2008, p. 153),

[...] analisam e identificam estágios [movimentos e passos] na estrutura do gênero. Persiste um caráter prescritivo nessa posição teórica. Há também preocupação com o aspecto socioinstitucional dos gêneros. Vinculação particular com os gêneros do domínio acadêmico e forte vinculação institucional. Maior preocupação com a escrita do que com a oralidade. Há uma visão nitidamente marcada pela perspectiva etnográfica com os conceitos de comunidade, propósito de atores sociais.

Para Biasi-Rodrigues, Hemaís e Araújo (2009), a teoria de Swales auxiliaria os estudantes no reconhecimento dos gêneros textuais e na identificação de suas características, o que os levaria a fazer exemplares desses gêneros de maneira eficaz, incluindo, então, suas escolhas linguísticas. Conforme os autores, para a perspectiva swalesiana, o contexto é fundamental para a compreensão do gênero, para que haja entendimento no ato comunicativo. Além disso, Swales (1990) esclarece que, durante sua pesquisa, ele teve a oportunidade de construir uma ponte entre Inglês para fins específicos/Análise de discurso aplicada de um lado

e a escrita/composição de língua materna, de outro.

Assim, Swales (1990) parte de vários campos de estudo para desenvolver sua concepção de gênero: Estudos variados, Habilidades e estratégias de estudo (as quatro habilidades: ler, escrever, escutar e falar), Abordagens situacionais, Abordagens nocionais/funcionais, Análise do Discurso, Sociolinguística, Estudos em contexto de escrita (com Bazerman (1989) e Miller (1984)) e Antropologia cultural (com Geertz, 1983). Essas influências que Swales elencou serviriam de base para a construção de uma abordagem baseada no gênero, porém, como destaca o autor, ao explicar cada uma dessas influências, algumas dessas noções devem ser revistas com cautela.

3.2 O conceito de comunidade discursiva

O conceito de comunidade discursiva proposto por Swales em 1990 é um dos pontos principais de seu estudo, como também ponto importante para esta pesquisa, junto ao conceito de propósito comunicativo. Inicialmente, o autor explica que o termo comunidade discursiva, naquela época, tinha sido apropriado pela perspectiva social, com foco em estudos aplicados na pesquisa sobre escrita. Cita Herzberg (1986), pois este acredita que o uso do termo comunidade discursiva “atesta a crescente suposição comum de que o discurso opera dentro de convenções definidas por comunidades, sejam elas disciplinas acadêmicas ou grupos”⁴ (p.21). O ponto de vista declarado por Herzberg já nos indica que Swales (1990) iria pelo mesmo pensamento, pois, como nas palavras de Herzberg (1986), comunidade discursiva implicaria uma forma de comportamento social, além de ampliar e manter conhecimento sobre determinado grupo social e inserir novos membros nesse grupo.

Segundo Swales (1990), não havia à época uma definição de comunidade discursiva, nem ao menos a obra Herzberg oferecia uma definição, mas um conjunto de ideias que poderiam levar a uma definição. Por causa dessa lacuna, Swales (1990) apresenta seis critérios que, em suas palavras, seriam necessários e suficientes para identificar determinado grupo como uma comunidade discursiva. São eles:

1. Uma comunidade discursiva baseia-se em um conjunto amplamente acordado de objetivos públicos comuns. Esses objetivos poderiam ser inscritos formalmente em documentos, como associações ou clubes.

2. Uma comunidade discursiva tem mecanismos de intercomunicação entre seus

⁴ “Use of the term ‘discourse community’ testifies to the increasingly common assumption that discourse operates within conventions defined by communities, be they academic disciplines or social groups”.

membros.

3. Uma comunidade discursiva usa seus mecanismos participativos principalmente para fornecer informações e feedback.

4. Uma comunidade discursiva utiliza e, portanto, possui um ou mais gêneros na promoção comunicativa de seus objetivos.

5. Além de possuir gêneros, uma comunidade discursiva adquiriu algum léxico específico.

6. Uma comunidade discursiva tem um nível limitado de membros com um grau adequado de conteúdo relevante e experiência discursiva.

Segundo esse modelo, Swales (1990) concebe os objetivos em comum de um grupo como definidor de uma comunidade discursiva, porém, tal modelo foi alvo de críticas, uma vez que considerava situações ideais. Nota-se, também, que os membros de uma comunidade discursiva podem não pertencer apenas a uma, mas a várias, o que levaria a uma variedade de práticas sociais (HEMAIS, BIASI-RODRIGUES, ARAÚJO, 2009).

Diante das críticas, Swales (1992) reformulou seu conceito sobre o tema. No seu texto sobre repensar gêneros, Swales pontuou que é importante para os professores saberem em que ponto da vida acadêmica os estudantes estão no que tange à socialização ou se são falantes nativos ou não nativos. Sobre essa preocupação com falantes não nativos, algumas tentativas, por parte do autor, foram feitas para tentar ajudar a esses alunos, porém essa tarefa passava por alguns pontos de superfície. Explica que o uso do gênero pode ser melhor compreendido por alunos nativos, pois isso acontece de forma mais natural, e pode ser difícil para os não nativos, uma vez que esses estudantes não estão familiarizados com a questão gramático-retórica.

Swales (1990) revela que foi seduzido pela ideia de comunidade discursiva, junto com outros autores que viam a comunidade discursiva como “grupos reais e estáveis de pessoas com posições consensuais” (p.7), porém, ao mesmo tempo em que acredita que podemos considerar algumas características do termo comunidade discursiva, entende que para outros autores o termo é motivo de incerteza. O termo é “uma conveniente e abrangente metáfora, ou pior, uma visão ilusória que nos oferece a duvidosa facilidade de tentar generalizações a respeito do mundo e de suas palavras?”. Cita que as críticas estavam entre o termo ser reducionista, utópico, estático, além de não dar ênfase à participação individual em várias comunidades, nem se ater à busca de novos gêneros.

As novas características de comunidade discursiva elencadas por Swales (1992) podem ser observadas a seguir:

- 1) Uma comunidade discursiva possui um conjunto perceptível de objetivos. Esses objetivos podem ser formulados pública ou explicitamente e também ser no todo ou em partes estabelecidos pelos membros; podem ser consensuais; ou podem ser distintos mas relacionados (velha e nova guardas; pesquisadores e clínicos como na conflituosa Associação Americana de Psicologia);
- 2) Uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros. (Não houve mudança neste ponto. Sem mecanismos, não há comunidade)
- 3) Uma comunidade discursiva usa mecanismos de participação para uma série de propósitos: para prover o incremento da informação e do feedback; para canalizar a inovação; para manter os sistemas de crenças e de valores da comunidade; e para aumentar seu espaço profissional. [...]
- 4) Uma comunidade discursiva utiliza uma seleção de gêneros em evolução no alcance de seu conjunto de objetivos e na prática de seus mecanismos participativos. Eles frequentemente formam conjuntos ou séries (Bazerman).
- 5) Uma comunidade discursiva já adquiriu e ainda continua buscando uma terminologia específica.
- 6) Uma comunidade discursiva possui uma estrutura hierárquica explícita ou implícita que orienta os processos de admissão e de progresso dentro dela. (SWALES, 1992, p.11)

Ao revisitar essas características, Swales (1992) nos dá um exemplo particular: ele participa de uma associação de ornitólogos e a descreve como exemplo comunidade discursiva revisitada, pois possui mecanismos de participação, com reuniões por mês, possui uma hierarquia mais informal e adquire novos membros que não possuem tanto conhecimento da área. Para Swales, ao fechar seu ponto de vista sobre as comunidades, fala que “o conceito de comunidade discursiva estabelece, embora de forma confusa, uma rede de conexão interdisciplinar” (1992, p.16).

Anos depois, em 2016, Swales apresenta mais reflexões acerca do conceito de comunidade discursiva. Em seu artigo, Swales nos diz que, na época, no conceito não havia indícios de como as pessoas entravam ou saíam dessas comunidades, além de ver o conceito por meio de uma lente muito idealista, ⁵“especialmente em termos de suposições sobre crenças compartilhadas, valores, motivos e lealdades entre seus membros (Harris 1989)” (p.4). Para o autor, “À medida que esse interesse pelo conceito proliferou, passamos a ver que essas comunidades são, de fato, diferenciadas por vários fatores, como o quão localizadas são, quais as origens que tiveram e quais os tipos de atividade são centrais para sua existência” (p.6) e, assim, apresenta três tipos de categorização: comunidade discursiva local, focal e folocal. A primeira apresenta três subtipos – residencial, vocacional e ocupacional – sendo o último

⁵ “A third problematic area is that both the discourse community concept and that of communities of practice tend to view their objects of study through an overly idealistic lens, especially in terms of assumptions about shared beliefs, values, motives, and allegiances among its members (Harris 1989)”.

subtipo aplicado ao contexto da universidade. Uma das características dessa comunidade é o fato de apresentar abreviações ou frases que são necessárias para fazer o trabalho mais rápido e eficiente. Nessas comunidades, ⁶“existem acordos de aprendizes (como períodos de estágio) por meio do qual os novos membros são examinados enquanto tentam se aculturar em comportamentos ocupacionais aceitos” (p.5).

A comunidade discursiva focal é oposta à comunidade local. Geralmente, são associações que contemplam uma região, nação e internacionalmente. A Associação Britânica de Linguística Aplicada pode ser um bom exemplo. Já a comunidade discursiva folocal apresenta as duas características. Para Swales (2016, p.6)⁷, “Estas são comunidades híbridas cujos membros têm uma dupla - e às vezes dividida - lealdade, uma vez que são confrontados por interna e desafios e pressões externas”.

Assim, Swales reformula outra vez os critérios (2016):

- 1) Uma comunidade discursiva tem um conjunto de objetivos potencialmente detectáveis;
- 2) Uma comunidade discursiva possui mecanismos de intercomunicação entre seus membros;
- 3) Uma comunidade discursiva usa seus mecanismos participativos para gerenciar as operações da comunidade discursiva e promover (geralmente) o recrutamento, mudança, crescimento e desenvolvimento, e para orquestrar (raramente) contenção e extinção;
- 4) Uma comunidade discursiva utiliza uma seleção de gêneros em evolução na promoção de seus conjuntos de objetivos e como um meio de instanciar seus mecanismos participativos;
- 5) Uma comunidade discursiva adquiriu e continua a refinar a terminologia específica da comunidade;
- 6) Uma comunidade discursiva tem uma hierarquia e / ou estrutura explícita ou implícita que, *inter alia*, gerencia os processos de entrada e avanço na comunidade do discurso;
- 7) Uma comunidade discursiva desenvolve um senso de “relações silenciais” (Becker 1995); e
- 8) Uma comunidade discursiva desenvolve horizontes de expectativa.

Swales (2016) acredita que, apesar de as definições de comunidade discursiva se

⁶ Often, in these communities, there are apprentice arrangements (such as probationary periods) whereby new members are scrutinized as they attempt to acculturate into accepted occupational behaviours”.

⁷ These are hybrid communities whose members have a double—and sometimes split—allegiance, as they are confronted by internal and external challenges and pressures”.

mostrarem confusas ao longo dos anos, os critérios ainda são úteis para fins específicos.

3.3 O conceito de gênero

Ao iniciar a conceituação de gênero, Swales (1990) nos diz previamente que o conceito de gênero que adota não foi simplesmente usurpado da literatura, pois ambos os conceitos se manifestam de forma diferente. Examina como a palavra gênero é usada por meio de quatro áreas: o folclore, os estudos literários, a linguística e a retórica. No folclore, Swales (1990) nos diz que o termo teve uma posição central nos mitos e lendas alemãs, principalmente vindo dos Irmãos Grimm. Gênero poderia ser visto como uma categoria classificatória ou como uma forma, seriam textos considerados ideais. O gênero nos estudos literários já é o oposto dos estudos de folclore: críticos e teóricos literários não enfatizam a estabilidade, pois o que se pretende dos autores escolhidos é que eles quebrem as convenções em nome da originalidade.

Sobre o gênero na linguística, Swales (1990) explica que linguistas vistos como um grupo não davam a devida atenção ao termo, pois o associavam aos estudos literários. Apenas os estudiosos da base etnográfica, como Hymes (1974) e Saville-Troike (1982), se dedicaram ao termo. Quando ao gênero na retórica, Swales destaca o trabalho de Miller (1984), pois para a autora reconhecer os gêneros são “como um fator decisivo para que os membros de uma comunidade percebam as finalidades que pretendem alcançar” (BIASI-RODRIGUES, HEMAIS E ARAÚJO, 2009, p.21).

Para definir gênero, Swales (1990) utiliza cinco critérios:

1. Um gênero é uma classe de eventos comunicativos;
2. A principal característica que transforma uma coleção de eventos comunicativos em um gênero é um conjunto compartilhado de propósitos comunicativos;
3. Exemplares ou instâncias de gênero variam de acordo com a sua prototipicidade;
4. A lógica por trás de um gênero estabelece restrições às contribuições permitidas em termos de conteúdo, posicionamento e forma;
5. A nomenclatura de uma comunidade discursiva é uma importante fonte de entendimento.

Assim, na primeira característica, a classe, estão relacionados textos similares que pertencem ao mesmo gênero. Quanto ao propósito comunicativo, um dos pontos centrais da proposta de Swales, é situado por Biasi-Rodrigues, Hemaís e Araújo (2009, p.21), que “entendem que os eventos que compõem o gênero têm em comum um propósito comunicativo”. Em relação à prototipicidade, estão relacionados aqueles textos nos quais as características do

gênero mais se evidenciam e, assim, esses textos são considerados os modelos daquele gênero, os prototípicos. Em relação à lógica ou razão subjacente, essa está relacionada ao propósito comunicativo, ou, em outras palavras, se cumprem as formalidades exigidas pelo gênero mediante o propósito subjacente. Por último, temos a terminologia empregada pela comunidade discursiva, ou como ela usa essas terminologias e como percebem a organização retórica do gênero.

Para este autor, a ideia de gênero é proposta da seguinte maneira:

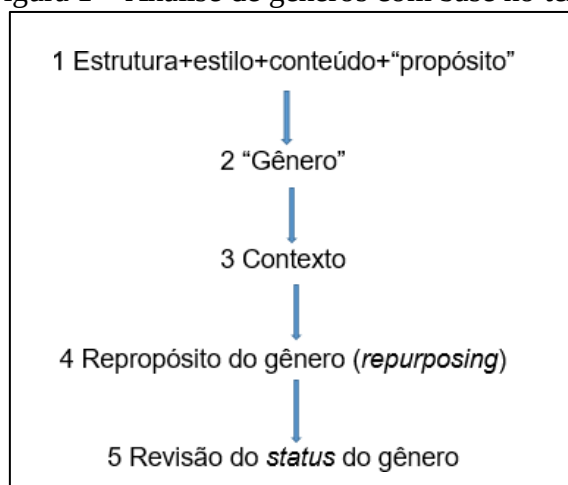
Um gênero compreende uma classe de eventos comunicativos, cujos exemplares compartilham os mesmos propósitos comunicativos. Esses propósitos são reconhecidos pelos membros mais experientes da comunidade discursiva original e, portanto, constituem a razão do gênero. A razão subjacente dá o contorno da estrutura esquemática do discurso e influencia e restringe as escolhas de conteúdo e estilo. O propósito comunicativo é o critério privilegiado que faz com que o escopo do gênero se mantenha relacionado estreitamente com uma determinada ação retórica compatível com o gênero. Além do propósito, os exemplares do gênero demonstram padrões semelhantes, mas com variações em termos de estrutura, estilo, conteúdo e público-alvo. Se forem realizadas todas as expectativas em relação àquilo que é altamente provável para o gênero, o exemplar será visto pela comunidade discursiva original como um protótipo (SWALES, 1990, p.58).⁸

Um dos pontos importantes da teoria de Swales (1990) diz respeito exatamente ao propósito comunicativo, um dos elementos para a caracterização de um gênero textual. Porém, em 1990, Swales já declarava que o propósito comunicativo de alguns gêneros seria difícil de definir, exatamente de acordo com o que dizia sobre o propósito não estar livre de dificuldades.

Assim, Askehave e Swales (2001) apontam que o propósito comunicativo não deve ser pensado como fator imediato de identificação de um gênero, o que remete a uma mudança, uma redefinição na análise dos gêneros, chamado de repropósito do gênero, de acordo com a imagem a seguir:

⁸ “A genre comprises a class of communicative events, the members of which share some set of communicative purposes. These purposes are recognized by the expert members of the parent discourse community, and thereby constitute the rationale for the genre. This rationale shapes the schematic structure of the discourse and influences and constrains choice of content and style. Communicative purpose is both a privileged criterion and one that operates to keep the scope of a genre as here conceived narrowly focused on comparable rhetorical action. In addition to purpose, exemplars of a genre exhibit various patterns of similarity in terms of structure, style, content and intended audience. If all high probability expectations are realized, the exemplar will be viewed as prototypical by the parent discourse community”.

Figura 1 – Análise de gêneros com base no texto

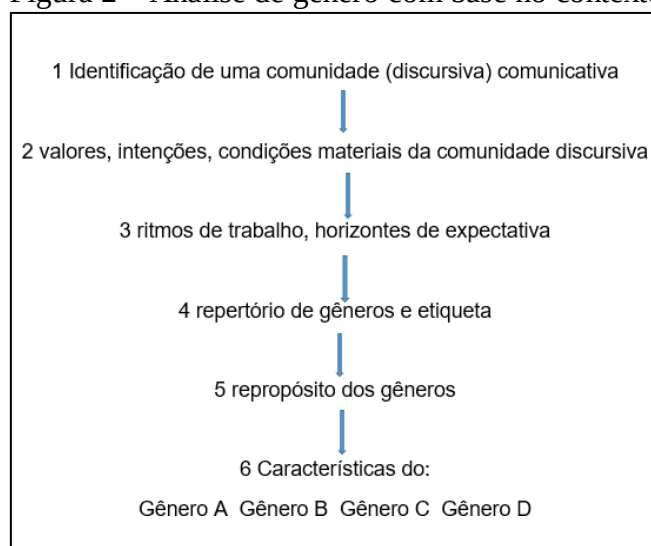


Fonte: Askehave e Swales (2001, p.11-12).

Nessa primeira imagem, o textual, o passo 1 (estrutura, estilo, conteúdo e propósito) são investigados em um primeiro momento. Logo depois, o propósito é revisto para confirmar ou definir o gênero.

Na figura 2, o contexto, as etapas para se identificar o gênero são maiores, e incluem a identificação da comunidade discursiva, levando em conta os valores e intenções dessa comunidade para, assim, se redefinir o proposto comunicativo.

Figura 2 – Análise de gênero com base no contexto



Fonte: Askehave; Swales (2001, p.12)

Para finalizar, Swales (2004) acredita que seria mais prudente utilizar o termo repropósito, uma vez que tanto as comunidades discursivas como os gêneros mudam, evoluem.

3.4 O modelo CARS (Create a research space)

Com o intuito de verificar como os autores distribuem as informações no texto, Swales (1990) elabora sua pesquisa com base em estudos sobre introduções de artigo de pesquisa, chamado modelo CARS (*Create a research space*), que resultaram em quatro movimentos para a composição dessas introduções. A conclusão a que o autor chegou veio, porém, de outras duas pesquisas, desenvolvidas na década de 1980, em que o modelo apresentava menos movimentos.

O primeiro modelo que Swales apresentou data de 1984, com base em 48 introduções de artigo. Nele, ainda não há a presença dos passos, apenas movimentos, conforme esclarece Bezerra (2001, p.25), na figura 3:

Figura 3 – Modelo CARS 1

Move 1 – Estabelecendo o campo de pesquisa
a) Afirmando centralidade
ou
b) Apresentando conhecimento corrente
Move 2 – Sumariando pesquisas prévias
Move 3 – Preparando a presente pesquisa
a) Indicando uma lacuna nas pesquisas prévias
ou
b) Levantando questões sobre as pesquisas prévias
Move 4 – Introduzindo a presente pesquisa
a) Apresentando o objetivo
ou
b) Esboçando a presente pesquisa

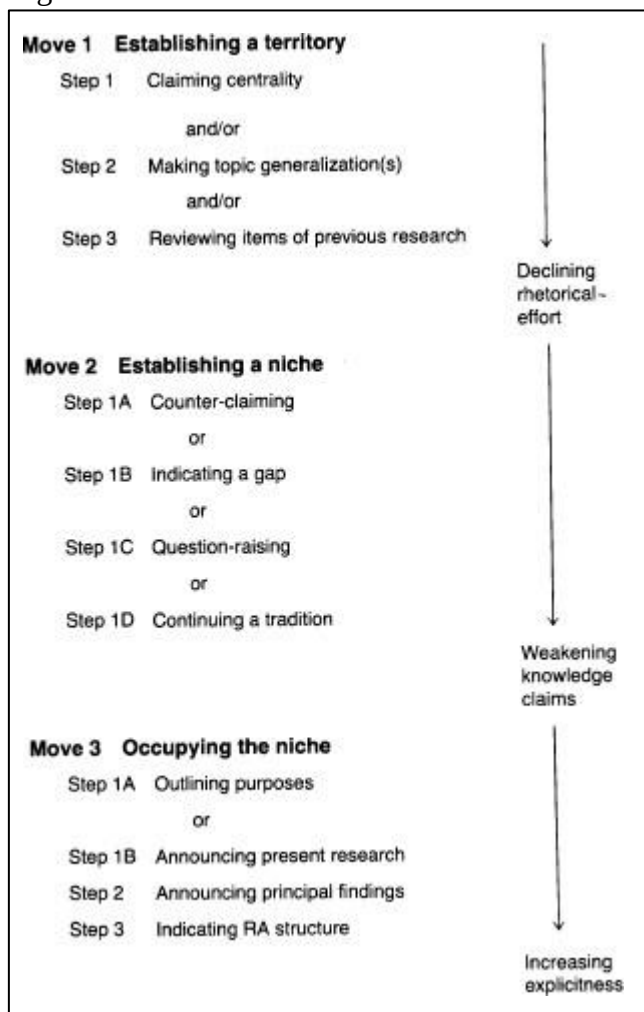
Fonte: Swales (1984, p.80 *apud* BEZERRA, 2001, p.26)

Neste primeiro modelo, Swales apresenta quatro movimentos: o primeiro movimento (estabelecendo o campo de pesquisa) apresenta o campo de pesquisa; a segunda (sumariando pesquisas prévias) apresenta pesquisas já desenvolvidas sobre o tema; o terceiro (preparando a presente pesquisa) indica lacunas nessas pesquisas já desenvolvidas ou levanta questões sobre pesquisas prévias; e o quarto e último (introduzindo a presente pesquisa) apresenta aspectos relevantes da pesquisa.

Porém, ao ser aplicado em outros gêneros, houve certa dificuldade, pois havia confusão ao separar alguns movimentos. Swales (1990), então, apresenta outro modelo, dessa vez, com três movimentos e onze passos, em que há a indicação de setas, para apontar o movimento decrescente.

Tal modelo é apresentado a seguir:

Figura 4 – Modelo CARS 2



Fonte: Swales (1990, p.141).

O modelo CARS de 1990 apresenta três movimentos acrescentado de passos, em cada movimento: o primeiro movimento é “estabelecer o território”. Nesse primeiro movimento, há três passos, “estabelecer a importância da pesquisa”, “fazer generalizações quanto ao tópico”, “fazer revisão de literatura”. Como podemos observar no modelo, os passos não são obrigatórios, daí a necessidade de o autor colocar entre os passos “e/ou”. No segundo movimento, “estabelecer o nicho”, apresenta quatro passos: “contra-argumentar”, “indicação de lacunas no conhecimento”, “provocar questionamentos” e “continuar a tradição”. O último movimento, “ocupar o nicho”, apresenta três passos, no qual o primeiro apresenta duas possibilidades: passo 1A, “delinear objetivos”, passo 2A, “apresentar a presente pesquisa”, passo dois, “apresentar os principais resultados” e passo três, “indicar a estrutura do artigo”⁹.

⁹ A tradução dos movimentos e passos utilizados nesta tese estão descritos no artigo “Análise de gêneros na abordagem de Swales: princípios teóricos e metodológicos”, de Biasi-Rodrigues, Hemais e Araújo (2009).

Ao explorarmos os conceitos de gênero, comunidade discursiva, propósito comunicativo, percebemos que Swales modificou algumas definições, diante das críticas recebidas principalmente quanto ao conceito de comunidade discursiva. Ao escolhermos uma teoria que data de 1990, tivemos certa expectativa de que esse modelo poderia não se ajustar às nossas expectativas de trabalho com o gênero ensaio. Essa perspectiva foi reforçada pela ideia que alguns estudos passam de que o modelo CARS ser um “padrão” de escrita. Na verdade, constatamos que trabalhos realizados sobre resenhas, artigos, resumos estão longe de se tornar um padrão, no sentido mais rígido da palavra.

Porém, ao estabelecermos a perspectiva de Swales como um dos principais aportes teóricos desta pesquisa, vimos algumas críticas que vão ao encontro do que pensávamos. Bawarshi e Reiff (2013) citam alguns autores que criticam essa concepção prescritiva, como Casanave (2003), que ressalta a possibilidade de essa perspectiva priorizar um produto socialmente situado, e Kay e Dudley-Evans (1998) falam que essa abordagem poderia ser vista como listas para identificar gêneros. Bawarshi e Reiff (2013) ressaltam que o resultado dessas observações

pode ser caracterizado como uma aquisição de gêneros baseada na competência e não no desempenho, pela qual os estudantes reconhecem e reproduzem as convenções constitutivas do gênero, mas não são tão capazes de aplicar e adaptar essas convenções como resposta a objetivos e situações comunicativas reais (2013, p.75).

Contudo, apesar das críticas quanto ao modelo, alguns autores, como Hemais e Biasi-Rodrigues (2005) destacam que Swales possivelmente não pensou no modelo CARS como guia para a produção de um determinado gênero:

o valor do modelo CARS está na visão de que há movimentos retóricos que parecem estar comprovadamente nos textos, e essa ideia principal da existência de movimentos e regularidades neles é uma contribuição importante em termos teóricos, analíticos e pedagógicos (2005, p.129).

Um dos pontos importantes dessa reflexão das autoras (2005) é exatamente a relação entre os movimentos retóricos do modelo CARS e as adaptações do modelo, de acordo com o gênero pesquisado.

A esse respeito, a seguir apresentamos, com base em pesquisas brasileira, algumas das modificações a que se submeteu esse modelo que, a nosso julgamento, constituíram-se em ganhos importantes para as pesquisas nessa perspectiva.

3.5 A adaptação do modelo CARS em pesquisas no contexto brasileiro

Várias pesquisas que abarcam a análise de gêneros utilizaram como modelo para investigar a condução das informações o modelo CARS, proposto por Swales (1990), em sua pesquisa sobre introduções em artigos de pesquisa. No que tange à pesquisa desenvolvida em território brasileiro, apresentamos, a seguir, alguns estudiosos que se dedicaram a investigar como as informações estão organizadas retoricamente em gênero acadêmicos, como o resumo e a resenha.

Demos ênfase exatamente à modificação/flexibilização do modelo CARS, pois, uma vez que o foco recai sobre outros tipos de gêneros diferentes daquele pesquisado por Swales, e levando em conta o propósito comunicativo de cada um, é perceptível que haveria modificações nos movimentos/passos. Tais considerações são importantes para a pesquisa que desenvolvemos, visto que, assim como os exemplos a serem citados, o gênero ensaio também se manifesta retoricamente de forma diferente.

Um dos trabalhos que citamos é o de Biasi-Rodrigues (1998). A pesquisadora teve como foco de seu estudo as estratégias de condução de informações em resumos de dissertações. Optou por utilizar a nomenclatura unidades retóricas que, segundo a autora, “são identificadas pelo seu conteúdo informativo, nem sempre coincidindo com os limites da sentença/e ou do parágrafo e, às vezes, se apresentam sobrepostas de tal forma que as suas fronteiras não podem ser marcadas fisicamente no texto” (1998, p.89). Assim, durante sua pesquisa inicial, os movimentos que a autora destacou se apresentaram da seguinte forma, como exposto a seguir:

Figura 5 – Unidades retóricas de resumos em dissertações

Unidade retórica 1 - Apresentação da pesquisa		
Subunidade 1A - Expondo o tópico principal		e/ou
Subunidade 1B - Apresentando o objetivo		
Unidade retórica 2 - Situação da pesquisa		
Subunidade 1 - Indicando a área de conhecimento		e/ou
Subunidade 2 - Citando pesquisas/teorias/modelos anteriores		
Unidade retórica 3 - Metodologia		
Subunidade 1A - Descrevendo procedimentos metodológicos gerais		e/ou
Subunidade 1B - Relacionando variáveis		e/ou
Subunidade 2 - Citando o método		
Unidade retórica 4 - Resultados		
Subunidade 1A - Relacionando fato(s)/achado(s)		e/ou
Subunidade 1B - Comentando evidência(s)		
Unidade retórica 5 - Conclusão		
Subunidade 1A - Apresentando conclusão(ões)		e/ou
Subunidade 1B - Relacionando hipótese(s) a resultado(s)		e/ou
Subunidade 2 - Oferecendo contribuição		

Fonte: Biasi-Rodrigues (1998, p.103)

Como explica a autora, em alguns resumos, as unidades não aparecem de forma homogênea e nem na mesma sequência: as unidades 1 (apresentação da pesquisa), 2 (situação da pesquisa) e 5 (conclusão) são as mais recorrentes, e quando há a presença de todas as unidades são resumos longos e não estão na sequência esperada.

Outra pesquisa que se destaca é o trabalho com resenhas acadêmicas, desenvolvido por Bezerra (2001, 2004), que teve como objetivos fazer uma descrição do gênero resenha acadêmica produzidas por estudantes de graduação de Teologia e por escritores proficientes da mesma área. Bezerra (2001, 2004) construiu um corpus composto por 60 resenhas acadêmicas, das quais 30 eram de especialistas, retirados de periódicos, e a outra metade produzidas por alunos do Seminário Teológico Batista do Ceará.

O autor dividiu o padrão descritivo das resenhas em duas: uma voltada para a organização retórica de resenhas dos especialistas e a outra e a outra voltada para as resenhas produzidas por alunos. Vejamos como se configurou o primeiro padrão:

Quadro 5 – Resenhas de especialistas, por Bezerra (2001, 2004)

Resenhas de especialistas	
Unidade Retórica 1 – Introduzir a obra	
Subunidade 1 – Definindo o tópico geral	e/ou
Subunidade 2 - Argumentando sobre a relevância da obra	e/ou
Subunidade 3 – Informando sobre o autor	e/ou
Subunidade 4 – Fazendo generalizações sobre o tópico	e/ou
Subunidade 5 – Informando sobre a origem da obra	e/ou
Subunidade 6 – Referindo-se a publicações anteriores	
Unidade Retórica 2 – Sumarizar a obra	
Subunidade 7- Descrevendo a organização da obra	e/ou
Subunidade 8 – Apresentando/discutindo o conteúdo	e/ou
Subunidade 9 – Citando material extratextual	
Unidade Retórica 3 – Criticar a obra	
Subunidade 10 – Avaliando positiva/negativamente	e/ou
Subunidade 11 – Apontando questões editoriais	
Unidade Retórica 4 – Concluir análise da obra	
Subunidade 12A – Recomendando a obra completamente	e/ou
Subunidade 12B – Recomendando a obra apesar de indicar limitações	e/ou
Subunidade 13 – Indicando leitores em potencial	

Fonte: Bezerra (2004, p.100-101)

Bezerra (2001, 2004) dividiu as resenhas em 4 unidades retóricas, e 13 subunidades retóricas, podendo a subunidade 12 ser dividida em A e B. O autor deu ênfase à subunidade 13 pois esta geralmente se encontra na primeira subunidade e não na quarta, como ficou explícito na sua análise. Já a organização retórica dos estudantes é diferente:

Quadro 6 – Resenhas de estudantes, por Bezerra (2001, 2004)

Resenhas de estudantes	
Unidade Retórica 1 – Introduzir a obra	
Subunidade 1 – Definindo o tópico geral	e/ou
Subunidade 2 - Argumentando sobre a relevância da obra	e/ou
Subunidade 3 – Informando sobre o autor	e/ou
Subunidade 4 – Fazendo generalizações sobre o tópico	e/ou
Subunidade 5 – Referindo-se a publicações anteriores	
Unidade Retórica 2 – Sumarizar a obra	
Subunidade 6 - Descrevendo a organização da obra	e/ou
Subunidade 7 – Apresentando/discutindo o conteúdo	

Unidade Retórica 3 – Criticar a obra	
Subunidade 8 – Avaliando positiva/negativamente	e/ou
Unidade Retórica 4 – Concluir análise da obra	
Subunidade 9 – Recomendando a leitura	e/ou
Subunidade 10 – Indicando leitores em potencial	

Fonte: Bezerra (2001, 2004, p.102-103).

O número de subunidades, quando comparada aos de especialistas, é menor, com o total de 10 subunidades retóricas. Bezerra (2001, 2004) nos diz, de sua análise, que os alunos utilizam mais as unidades retóricas 1 e 2, especialmente a 2 – Sumariar a obra.

Notamos que, ao apresentarmos a organização retórica desses dois gêneros textuais vai ao encontro do tipo de “ensaio” produzido pelos alunos do Mestrado no contexto descrito na Introdução. Alguns alunos desenvolviam resenhas ou resumos, ao invés de ensaios. Os modelos CARS aqui mostrados nos deram uma direção sobre como podemos organizar retoricamente o ensaio nas culturas disciplinas, assunto do próximo capítulo.

4 PERSPECTIVA DE KEN HYLAND

Aqui só tenciono descobrir a mim mesmo, que amanhã porventura será outro se nova aprendizagem me mudar. Não tenho nenhuma autoridade para que creiam em mim, nem o desejo, sentindo-me muito mal instruído para instruir os outros.

Montaigne

Neste capítulo, vamos explorar o conceito de cultura disciplinar cunhado por Ken Hyland. Esse conceito é de extrema importância para a metodologia de nossa tese, uma vez que é por ela que vamos definir as culturas disciplinares para posterior análise e, assim, compreender – ou tentar - como as informações são organizadas nos ensaios, em cada cultura disciplinar. De antemão, explicamos que a organização retórica desenvolvida neste capítulo seguirá a linha de raciocínio do autor.

4.1 Culturas disciplinares, textos e interações

Um dos motivos para se estudar o gênero ensaio vem da perspectiva proposta por Hyland (2000). A proposta do autor é clara nas primeiras linhas de seu livro: é um estudo sobre interações sociais e como os membros de áreas específicas usam a língua da forma como usam. Assim, por meio de pesquisas em artigos, resumos, resenhas críticas, manuais didáticos, ou seja, gêneros da esfera acadêmica, Hyland verifica a escrita acadêmica. São esses gêneros que o autor explora em cada capítulo de sua obra de 2000.

Um dos pontos que Hyland (2000) defende ao falar em culturas disciplinares envolve questões sobre a escrita acadêmica e como esses textos são “the lifeblood of the academy” (2000, p.1), (a alma da academia), pois “é através dos discursos públicos de seus membros que as disciplinas autenticam o conhecimento, estabelecem suas hierarquias e sistemas de recompensa e mantêm sua autoridade cultural” (2000, p.1)¹⁰. Ainda, Hyland (2000) afirma que estudar essas interações sociais por meio da escrita acadêmica não é sobre (apenas) saber como membros de culturas disciplinares diferentes produzem conhecimento, é além disso: é estudar

¹⁰ “These texts are the lifeblood of the academy as it is through the public discourses of their members that disciplines authenticate knowledge, establish their hierarchies and reward systems, and maintain their cultural authority”.

sobre as crenças epistêmicas, comportamentos sociais e a estrutura das comunidades acadêmicas.

A escrita, é claro, é sobre interação, mas, para Hyland (2000), não é tão óbvio assim o que um texto pode nos dizer sobre essas interações ou sobre os membros que participam delas. Mais adiante, o autor lança questionamentos importantes: o que motiva essas interações na escrita acadêmica? Que estratégias estão envolvidas e que princípios são empregados? O que isso nos diz sobre as crenças e práticas das disciplinas? Afirmo que as interações permitem

que os usuários questionem tanto as práticas discursivas predominantes quanto as relações que elas expressam, oferecendo a professores, novatos e escritores especialistas maiores alternativas em sua escolha de formas de discurso e em sua capacidade de negociar e estabelecer uma pluralidade de normas culturais em disciplinas (HYLAND, 2000, p.2).¹¹

Essas premissas desenvolvidas por Hyland (2000, p.2) é o que levam o autor – assim como pesquisadores que trabalham com análise de gêneros – a pesquisar “textos, seus contextos e suas ideologias - para ver como os gêneros são escritos, usados e respondidos como parte da cultura social e intelectual mais ampla de um determinado grupo e histórico período”¹² [tradução nossa]. A escrita acadêmica, como veremos, é um dos tópicos relevantes para se pesquisar os gêneros.

4.2 A escrita acadêmica

Não é surpresa que uma das motivações para manter um bom rendimento acadêmico – do aluno, do próprio programa e da instituição - está relacionada à produção de artigos, resenhas, resumos e posterior publicação. Para Hyland (2000), a escrita desses textos envolve o reconhecimento de que entender as disciplinas envolve entender seus discursos. Dessa forma, o autor entende que há duas razões para entender a importância do texto acadêmico.

De um lado, Hyland (2000) entende que os discursos disciplinares são boas fontes para se compreender as práticas sociais dos acadêmicos. O discurso seria, então, socialmente constitutivo e não apenas socialmente modelado. Por outro lado, o autor explica que a tarefa

¹¹“Such an understanding, in turn, allows users to question both prevailing discursive practices and the relations they express, offering teachers, novices and expert writers greater alternatives in their choice of discourse forms and in their ability to negotiate and establish a plurality of cultural norms in disciplines”.

¹² “This, then, provides the starting point, a theoretical and pedagogical imperative which urges us to research texts, their contexts and their ideologies - to see how genres are written, used and responded to as part of the wider social and intellectual culture of a particular group and historical period”.

principal que os acadêmicos fazem é escrever gêneros acadêmicos: artigos, resenhas, submissões de resumos, porém isso não se restringe aos gêneros voltados para a publicação do conhecimento, mas também está relacionado aos gêneros que circulam dentro da universidade. Como cita Bazerman (2015, p.40),

estudantes podem vir a compartilhar sua compreensão em desenvolvimento ou suas concepções com seus professores, mas somente em certos formatos – provas, artigos, discussões em classe, talvez discussão individual durante o horário de atendimento a alunos ou reuniões casuais no pequeno café do recinto universitário.

Hyland (2000) é contundente ao falar que a visão de estudantes levando uma vida solitária durante a pesquisa não passa de mito, pois pesquisa envolve relações sociais, seria uma criação social do conhecimento, ponto de vista com que concordamos plenamente. É um empreendimento social, seja com a relação com os colegas de universidade como com a própria instituição.

Disciplinas seriam, então, definidas por sua escrita, mas o que interessa a Hyland (2000) é como os acadêmicos escrevem de forma que o que eles escrevem apresentam aspectos tão diferentes entre si. Artigos de diferentes culturas podem apresentar, por exemplo, diferentes maneiras de persuadir o leitor. Sobre essas diferenças encontradas no discurso da academia, explica que¹³

O discurso acadêmico não é uniforme e monolítico, diferenciados apenas por tópicos e vocabulários especializados. É um resultado de uma infinidade de práticas e estratégias, onde o que conta como argumento convincente e o tom apropriado é cuidadosamente administrado para um determinado público. Essas diferenças são um produto de forças institucionais e interacionais, o resultado de diversas práticas sociais de escritores em suas áreas (HYLAND, 2000, p.3).

As motivações que levam a essas diferenças claras seriam justamente a prática desses gêneros, que se revelam práticas repetidas. Em outras palavras, há uma tipificação, pois “exibem respostas retóricas repetidas a situações semelhantes, com cada ato genérico envolvendo algum grau de inovação e julgamento”¹⁴ (2000, p.4).

Um dos interesses de Hyland é a variação textual não apenas relacionada ao conteúdo presente nos textos de culturas disciplinares, mas também à estrutura e ao tipo de estratégias retóricas utilizadas. Ao explorar a questão da variação nas disciplinas, Hyland (2000) explica que as variações nos textos estavam ofuscadas por uma visão mais formal dos gêneros

¹³ “Scholarly discourse is not uniform and monolithic, differentiated merely by specialist topics and vocabularies. It is an outcome of a multitude of practices and strategies, where what counts as convincing argument and appropriate tone is carefully managed for a particular audience. These differences are a product then of institutional and interactional forces, the result of diverse social practices of writers within their fields”.

¹⁴ “They build on the writer's knowledge of prior texts and therefore exhibit repeated rhetorical responses to similar situations with each generic act involving some degree of innovation and judgement”.

acadêmicos – notadamente quando falamos em Inglês para Fins Específicos (EAP) – que davam maior ênfase ao gênero e às semelhanças, quando, na visão do autor, o foco poderia ser voltado para as disciplinas e as diferenças. Para Hyland (2000, p.4), a academia passou a ver seus textos “como objetivos, racionais e impessoais, e se propunha a fornecer aos alunos as habilidades genéricas de que precisavam para reproduzi-los”¹⁵. Esse tipo de abordagem é considerado pelo autor como um treinamento de sobrevivência para os estudantes conseguirem utilizar o inglês. Porém, essa concepção do estudo do gênero não situado socialmente foi modificada a partir das propostas de Halliday, Miller e Toulmin que

juntas, essas perspectivas levaram a uma visão do gênero como um meio de representar rotineiramente informações de maneiras que refletem os contextos sociais de sua construção e as crenças de seus usuários, fornecendo insights sobre as normas, epistemologias, valores e ideologias de campos particulares do conhecimento (2000, p.4).¹⁶

A escrita acadêmica não estaria à margem das disciplinas, mas seria um componente delas. Por meio dela, os membros da comunidade se relacionam uns com os outros e dirão quem será considerado parte dela. Para Hyland, os textos apresentam os traços de suas disciplinas e refletem as práticas e crenças da comunidade.

4.3 A criação social do conhecimento

Um dos pontos destacados por Hyland (2000) diz respeito ao discurso disciplinar. Explica que é essa ideologia presente nos discursos que faz a diferença entre o discurso acadêmico e outros tipos de discurso e que é exatamente nessa diferença que nos é permitido investigar essas variações entre disciplinas.

Hyland (2000, p.6) acredita que, de acordo com o construcionismo social, “acadêmicos trabalham dentro de comunidades em um determinado tempo e lugar, e que o clima intelectual em que vivem e trabalham determina os problemas que eles investigam, os métodos que empregam, os resultados que veem e as formas como eles os escrevem”¹⁷. Hyland (2000)

¹⁵ “This was a view which largely took for granted the academy's perception of its texts as objective, rational and impersonal, and set out to provide students with the generic skills they needed to reproduce them”.

¹⁶ “Together these perspectives have led to a view of genre as a means of routinely representing information in ways that reflect the social contexts of their construction and the beliefs of their users, providing insights into the norms, epistemologies, values and ideologies of particular fields of knowledge”.

¹⁷ “The basic premise of constructionism is that academics work within communities in a particular time and place, and that the intellectual climate in which they live and work determine the problems they investigate, the methods they employ, the results they see, and the ways they write them up”.

explica que é de certa forma ingenuidade pensar os textos como representações exatas do mundo, pois esse tipo de representação geralmente é mais filtrado “por atos de seleção, primeiro plano e simbolização” (2000, p.6). Dessa forma, o conhecimento produzido dentro da academia é considerado indexical e situado, e seria simples pensar o texto como uma representação fiel do mundo, e os textos acadêmicos representam mais que apenas relatar pesquisas – é mais ainda transformar reflexões em conhecimento acadêmico. Considera, então, que “este conhecimento não é uma representação privilegiada da realidade não humana, mas uma conversa entre indivíduos e entre indivíduos e suas crenças”¹⁸, uma vez que não podemos nos esquivar das crenças de nosso grupo social para fundamentar ideias mais pessoais, pois essas relações são construídas entre indivíduos.

Ao falar sobre a importância de fatores sociais na transição de atividades de pesquisa para conhecimento acadêmico, Hyland (2000, p.7) nos oferece alguns exemplos. Cita o trabalho de Robert Boyle, que estabeleceu regras do discurso, pois afirmava como os escritores deveriam “reproduzir os fenômenos em seus textos e estabelecer-se como provedores de testemunho confiável”¹⁹. Cita também Atkinson, ao citar que a pesquisa feita nos séculos XVII e XVIII estava mais relacionada a normas de conduta da época e que, ao longo dos anos, com as mudanças sociais, o jeito de fazer e escrever pesquisa se tornou mais informativo e abstrato, centrada no objeto.

O autor conclui que a retórica “emergiu do estabelecimento político de uma comunidade científica e foi cada vez mais refinada ao longo dos séculos para refletir uma mudança de audiência e condições materiais”²⁰. Publicar tornou-se uma parte importante para a academia e essa mudança fez modificar também o modo de se escrever e pesquisar – o aumento das referências e modificação de argumentos, por exemplo – pois essas mudanças refletem o aumento do conhecimento e a sua procura. Envolver o leitor no jogo argumentativo de uma leitura de texto de pesquisa não está ligada apenas à evidência, mas à prática retórica desenvolvida ao longo do texto, em que estão em jogo o escritor e os colegas daquela comunidade. Hyland (2000, p.8) conclui que as práticas discursivas que legitimam conhecimento estão apoiadas em “decisões subjetivas de plausibilidade do que em princípios

¹⁸ “This knowledge is not a privileged representation of non-human reality, but a conversation between individuals and between individuals and their beliefs”.

¹⁹ “Boyle laid down literary and social means of verifying facts by a multiplication of the witnessing experience, stating how writers should reproduce the phenomena in their texts and establish themselves as providers of reliable testimony”.

²⁰ In other words, today's rhetorical situation has emerged from the political establishment of a scientific community and increasingly refined over the centuries to reflect a changing audience and material conditions”.

universais de racionalidade”²¹. As escolhas – a metodologia usada, o tipo de argumento, evidências – são escolhas particulares de cada comunidade.

4.4 Culturas disciplinares

Hyland desenha o conceito de cultura disciplinar explicando como podemos enxergar uma disciplina. Para ele, disciplina pode ser visto como uma tribo acadêmica, “com suas particularidades, normas, nomenclatura, corpos de conhecimento, conjuntos de convenções e modos de investigação constituindo uma cultura separada” (2000, p.8)²². Por meio dessas particularidades de cada cultura, os membros assumem competências especializadas, o que lhes permite entrar naquela comunidade específica. Explica ainda que essas culturas são diferentes entre si em vários sentidos, tanto no social como no cognitivo, e isso se reflete “não apenas em seus campos de conhecimento, mas em seus objetivos, comportamentos sociais, relações de poder, interesses políticos, formas de falar e estruturas de argumentação” (2000, p.8).²³

Assim, ao falar sobre o conceito de comunidade discursiva, Hyland (2000) explica que essa noção foi importante para identificar, por exemplo, revistas das próprias comunidades, agência de concessão de bolsas, conferências ou departamentos, ou seja, os membros realizam ações em contextos particulares. Porém, assim como Swales (2016), que compreendeu depois de alguns anos que os critérios propostos eram excessivamente estáticos e idealistas, Hyland (2000) aponta que o conceito de comunidade discursiva não foi universalmente aceito dentro da academia, pois relacionavam essa noção a algo mais estagnado:

Chin (1994), Cooper (1989) e Prior (1998) veem mais claramente o termo como muito estruturalista, estático e determinista, dando muita ênfase em um núcleo subjacente estável de valores compartilhados que remove a escrita das situações reais em que os indivíduos criam significados²⁴ (2000, p. 9).

Enxergar a escrita em algo tão estanque seria, para Hyland (2000), compreender que não poderia existir nessas comunidades a questão da variação da escrita dos membros da própria comunidade. Compreende, então, que as comunidades discursivas não são monolíticas e

²¹ “In sum, the discursive practices which certify knowledge rely more on subjective decisions of plausibility than universal principles of rationality”.

²² “Each discipline might be seen as an academic tribe (Becher, 1989) with its particular norms, nomenclature, bodies of knowledge, sets of conventions and modes of inquiry constituting a separate culture (Bartholomae, 1986; Swales, 1990)”.

²³ “These cultures differ along social and cognitive dimensions, offering contrasts not only in their fields of knowledge, but in their aims, social behaviours, power relations, political interests, ways of talking and structures of argument”.

²⁴ “Chin (1994), Cooper (1989) and Prior (1998) more pointedly view the term as altogether too structuralist, static and deterministic, giving too much emphasis to a stable underlying core of shared values which removes writing from the actual situations where individuals make meanings”.

unitárias, uma vez que os membros que delas participam trazem consigo experiências e, além disso, tanto os alunos novatos como professores utilizam um mesmo conjunto de gêneros para situações diferentes, por exemplo. Nesse sentido, entende disciplinas como “instituições humanas onde ações e entendimentos são influenciados pelo pessoal e interpessoal, bem como pelo institucional e sociocultural”²⁵ (2000, p. 9).

Hyland explica que, apesar de ser um termo muito criticado, o conceito de comunidade foi se aprimorando ao longo do tempo, até mesmo por Swales (1998), quando citou a ideia de textografia de comunidades. O ponto importante da ideia de comunidade é que “chama a atenção para o fato de que o discurso está socialmente situado e ajuda a iluminar algo do que escritores e leitores trazem para um texto, enfatizando essa composição e a interpretação ambas dependem de suposições sobre a outra”²⁶ (2000, p. 10) e, além disso, não importa exatamente como se classifica disciplina, pois

esses conceitos nos movem de uma preocupação com a lógica abstrata e a substância das ideias da escrita acadêmica para o mundo das práticas concretas e crenças sociais. Eles colocam a tomada de decisões e o envolvimento da comunidade no centro do palco e destacam o fato de que o discurso disciplinar envolve os usuários da linguagem na construção e exibição de seus papéis e identidades como membros de grupos sociais²⁷ (2000, p. 10).

No que tange ao conceito de cultura disciplinar, Hyland (2000) elucida que esse conceito “implica um certo grau de diversidade interdisciplinar e um certo grau de homogeneidade intradisciplinar” (p.10), pois “Escrever como membro de um grupo disciplinar envolve textualizar o trabalho de alguém como biologia ou linguística aplicada e a si mesmo como biólogo ou linguista aplicado” (p.10). Diz ainda que existem restrições disciplinares ao discurso, que são restritivas e autoritárias ao mesmo tempo, e isso permite que se criem textos

que mostram a disciplinaridade de alguém, ou conhecimento tácito de suas expectativas, para fins práticos de comunicação com os pares. Isso aponta para as relações de poder ocultas no texto, as suposições não ditas de um mundo amplamente não discutido que é a base para a ação cooperativa (Bourdieu, 1980: 269) (2000, p.10).

²⁵ “Disciplines are, in short, human institutions where actions and understandings are influenced by the personal and interpersonal, as well as the institutional and sociocultural”.

²⁶ “It draws attention to the fact that discourse is socially situated and helps to illuminate something of what writers and readers bring to a text, emphasising that composition and interpretation both depend on assumptions about the other”.

²⁷ “Irrespective of whether we choose to label disciplines as tribes, cultures, discourse communities or communities of practice, these concepts move us from a concern with the abstract logicity and substance of ideas of academic writing to the world of concrete practices and social beliefs. They put community decision-making and engagement at centre-stage and underline the fact that disciplinary discourse involves language users in constructing and displaying their roles and identities as members of social groups”.

Sobre essas restrições disciplinares, Hyland cita o trabalho de Sullivan (1996), que apresenta quatro elementos de restrições: 1) perspectiva ideológica da disciplina e do mundo, 2) suposições sobre a natureza das coisas e metodologias, 3) sistema de relações hierárquicas de poder e 4) corpo de conhecimento doutrinário da realidade externa. Para Hyland (2000), apesar de essas restrições ajudarem a delinear certos limites de cooperação entre os membros de uma disciplina, devemos ter cautela ao falarmos que consenso e autoridade determinam certo comportamento dentro de uma disciplina, pois Hyland (2000) vê disciplina como um lugar em que crenças e práticas se encontram.

Sobre essas diferentes crenças, Hyland (2000, p.11) menciona que várias disciplinas apresentam perspectivas diferentes sobre determinado tema, pois as comunidades “são frequentemente pluralidades de práticas e crenças que acomodam desacordos e permitem subgrupos e indivíduos a inovar dentro das margens de suas práticas em formas que não enfraqueçam sua capacidade de se engajar em ações comuns”²⁸. Ver disciplina como cultura auxilia no modo como assuntos podem ser discutidos e entendidos, criando então uma base de cooperação para a criação do conhecimento. No entanto, não há necessidade de que haja sempre acordos entre todos os membros, mas que os pares se envolvam com os pontos de vista diferentes que são apresentados.

Hyland (2000) aponta que o discurso acadêmico apresenta semelhanças amplas, como a honestidade intelectual, por exemplo, mas existem diferenças evidentes: os escritores se representam e representam a sua disciplina de determinada forma, assim como um argumento utilizado ou a manutenção da autoridade da disciplina – tudo isso são práticas culturalmente influenciadas. Ressalta, porém, que essas práticas não são exatamente características pessoais, como um recurso estilístico, mas que é além disso, são práticas reconhecidas pelas comunidades

de adotar uma posição e expressar uma posição. “Fazer boa pesquisa” significa empregar certas justificativas post-hoc sancionadas por arranjos institucionais. Como resultado, as convenções retóricas de cada texto irão refletir algo dos pressupostos epistemológicos e sociais da cultura disciplinar do autor. (HYLAND, 2000, p.11)²⁹.

Essas práticas disciplinares envolvem, então, engajamento social com os colegas e com o próprio material, o que significa que esse engajamento por meio da escrita pode ser vinculado a uma forma de poder dentro das disciplinas. É exatamente a representação desses discursos

²⁸ “Communities are frequently pluralities of practices and beliefs which accommodate disagreement and allow subgroups and individuals to innovate within the margins of its practices in ways that do not weaken its ability to engage in common actions”.

²⁹ “These practices are not simply a matter of personal stylistic preference, but community-recognised ways of adopting a position and expressing a stance. ‘Doing good research’ means employing certain post-hoc justifications sanctioned by institutional arrangements. As a result, the rhetorical conventions of each text will reflect something of the epistemological and social assumptions of the author's disciplinary culture”.

que pode definir e colocar limites dentro da academia, pois os textos produzidos nesse ambiente são feitos para serem lá consumidos. O estudo do gênero seria de grande utilidade, pois poderia “fornecer insights sobre o que está implícito nessas culturas acadêmicas, suas operações retóricas rotineiras revelando as percepções individuais do escritor sobre os valores do grupo”³⁰ (2000, p.11). Estudar os gêneros ajudaria a compreender como cada disciplina enxerga o conhecimento e se define.

4.5 Texto como interação social

Tudo o que foi explanado descrito por Hyland (2000) nos indica um caráter retórico e interativo da escrita produzida dentro da academia. A escrita desses textos é um processo social, no qual o significado dos textos é socialmente mediado e influenciado pelas comunidades, as quais esses escritores pertencem. Mas como esses textos refletem essas negociações sociais? Hyland (2000) nos diz que os textos acadêmicos são em sua maioria persuasivos, não apenas quando falamos de um artigo acadêmico, mas também quando pedimos uma concessão de bolsa, por exemplo.

Sobre essa persuasão do escritor para com o leitor, Hyland (2000, p.13) nos explica que o escritor tem uma capacidade restrita quanto a influenciar uma resposta do leitor, devido à pluralidade de interpretações:

Esta pluralidade de interpretações concorrentes, sem meios objetivos de distinguir absolutamente o real do plausível, significa que embora os leitores possam ser persuadidos para julgar uma reclamação aceitável, eles sempre têm a opção de rejeitá-la. Todas as declarações requerem ratificação da comunidade, e porque os leitores são fiadores da negabilidade das afirmações, isso lhes dá um papel ativo e constitutivo na maneira como os escritores as constroem³¹.

Melhor dizendo, o escritor deve tentar antecipar possíveis reações, mesmo que sejam reações negativas, de seus leitores. Por fim, Hyland (2000, p.14) sintetiza o seu pensamento quando nos diz que os textos revelam como os escritores tentam “negociar o conhecimento de maneiras que sejam localmente significativas, empregando aptidões retóricas que estabelecem

³⁰ “Because texts are written to be understood within certain cultural contexts, the analysis of key genres can provide insights into what is implicit in these academic cultures, their routine rhetorical operations revealing individual writer's perceptions of group values and beliefs”.

³¹ “This plurality of competing interpretations, with no objective means of absolutely distinguishing the actual from the plausible, means that while readers may be persuaded to judge a claim acceptable, they always have the option of rejecting it. All statements require community ratification, and because readers are guarantors of the negatability of claims this gives them an active and constitutive role in how writers construct them”.

a sua credibilidade através da orientação para argumentos, tópicos e leitores”³². A escrita acadêmica nos indica não apenas as convenções epistemológicas de determinada comunidade, mas também conectam textos com culturas disciplinares.

³² “Texts thus reveal how writers attempt to negotiate knowledge in ways that are locally meaningful, employing rhetorical skills which establish their credibility through an orientation towards arguments, topics and readers”.

5 METODOLOGIA

*Aqui iremos num mesmo passo e em harmonia,
meu livro e eu.*

Montaigne

Diante do que foi exposto na introdução deste trabalho, na qual nos debruçamos, dentre outros assuntos, sobre o objetivo geral desta pesquisa, Investigar a organização retórica do gênero ensaio produzido por especialistas em culturas disciplinares das grandes áreas de Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, apresentamos os procedimentos usados para atingir os objetivos específicos, os seguintes: 1) descrever e caracterizar a organização das seções do gênero ensaio nas seguintes culturas disciplinares: Linguística, Terapia Ocupacional, Sociologia e Ciências da Informação 2) investigar a pessoa do discurso nos ensaios nas culturas disciplinares escolhidas e 3) esquematizar a organização retórica dos ensaios nas culturas disciplinares escolhidas.

Decidimos analisar o gênero ensaio em periódicos produzido por especialistas³³ com o propósito de analisar as formas de apropriação desse gênero por diferentes usuários, nas culturas disciplinares de Linguística, Sociologia, Terapia Ocupacional e Ciências da Informação. Por essa razão, empreendemos a etapa de investigação explicitada a seguir.

5.1 Caracterização da pesquisa

Esta pesquisa caracteriza-se como *exploratória* e *descritiva*, visto que, como explica Gil (1999, p.43), essas pesquisas “são desenvolvidas com o objetivo de proporcionar visão geral, de tipo aproximativo, acerca de determinado fato”. Geralmente, esse tipo de pesquisa pode ser considerado “a primeira etapa de uma investigação mais ampla” (GIL, 1999, p.43), o que vai ao encontro do que detalhamos nos objetivos específicos já citados.

Como aponta Gil (1999, p.66), uma pesquisa exploratória “vale-se de materiais que não receberam ainda um tratamento analítico, ou que ainda podem ser reelaborados de acordo com os objetivos da pesquisa”. Assim, nosso delineamento aponta esta pesquisa como *documental*, pois analisaremos ensaios produzidos por especialistas, publicados em periódicos de culturas disciplinares diversas, procedimento que será apresentado no tópico sobre a composição do

³³Retomamos aqui a noção que temos de “especialista”: para a nossa pesquisa, especialistas seriam os professores/pesquisadores que publicam em periódicos.

corpus.

O tipo de abordagem que usaremos é o *qualiquantitativo*, uma vez que faremos um levantamento quantitativo de ensaios por área (ou cultura disciplinar) para selecionarmos os ensaios produzidos e publicados por escritores proficientes os quais serão analisados, além da abordagem qualitativa, relativa à análise dos ensaios utilizando o aporte teórico dos capítulos 3 e 4, além de inserir categorias delineadas no capítulo 2 sobre o ensaio.

Depois de fazermos um levantamento sobre a quantidade de ensaios nos periódicos, passamos à análise dos ensaios escolhidos, mediante a seleção do *corpus*. Esta fase foi considerada *qualitativa*, pois verificamos as categorias linguísticas presentes nos ensaios de especialistas que podem nos indicar uma categorização da organização retórica do ensaio nas diferentes áreas.

5.2 Coleta e Seleção do *Corpus*

A ideia de trabalhar com ensaios, como já mencionamos, surgiu de questionamentos sobre a escassez e dificuldade para a produção desse gênero na esfera acadêmica. Inicialmente, pensávamos em verificar ensaios de uma grande área do conhecimento e, depois, escolher as culturas disciplinares dessa área, porém consideramos ampliar o corpus e verificar outras grandes áreas do conhecimento, a fim de descobrir similaridades e diferenças na construção desse gênero.

Antes de selecionarmos os ensaios a serem analisados da pesquisa, recorremos a Hyland (2000) quanto à noção de culturas disciplinares, para nos orientarmos, inicialmente, sobre às áreas de conhecimento disponíveis na Plataforma Lattes/CNPq. Assim, observamos que essas áreas estão divididas em oito: Ciências Agrárias, Ciências Biológicas, Ciências da Saúde, Ciências Exatas e da Terra, Engenharias, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas, Linguística, Letras e Artes³⁴, dentre as quais selecionamos: Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes, por estas apresentarem ensaios em seus periódicos, como veremos adiante.

Uma preocupação que tivemos no início da pesquisa foi: seria equivocados delinear como áreas a serem pesquisadas apenas aquelas que poderiam conter outros tipos de gêneros acadêmicos além do artigo, incluindo o ensaio (Ciências da Saúde, Ciências Humanas, Ciências Sociais Aplicadas e Linguística, Letras e Artes)? Para sanarmos essa dúvida, consideramos

³⁴ Disponível em: <<http://lattes.cnpq.br/documents/11871/24930/TabeladeAreasdoConhecimento.pdf/d192ff6b-3e0a-4074-a74d-c280521bd5f7>>. Acesso em: 09/jul./2019.

pesquisar a lista de periódicos da Scielo Br³⁵, especificamente os “títulos recorrentes”, e verificar, em cada área e em cada periódico, se havia ou não outros tipos de gêneros acadêmicos além do artigo. Assim, essa verificação está resumida³⁶ no quadro a seguir:

Quadro 7- Áreas do conhecimento/periódicos

Áreas do conhecimento	Número de periódicos	Presença ou não de ensaios
Ciências Agrárias	39 periódicos	Não
Ciências Biológicas	27 periódicos	Não
Ciências da Saúde	94 periódicos	Sim
Ciências Exatas e da Terra	10 periódicos	Não
Ciências Humanas	90 periódicos	Sim
Ciências Sociais Aplicadas	41 periódicos	Sim
Engenharias	20 periódicos	Não
Linguística, Letras e Artes	14 periódicos	Sim
Total	335 periódicos	

Fonte: elaborado pela autora.

No site da Scielo Br, encontram-se os periódicos por assunto, relacionados às grandes oito áreas do conhecimento e, em cada uma, há uma lista de periódicos recorrentes e, a título de exemplo, mostramos a seguir a lista de periódicos da grande área de Linguística, Letras e Artes:

³⁵Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_subject&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 09/jul./2019.

³⁶ A lista completa (com a área e os títulos dos periódicos) está disponível em anexo, ao final deste trabalho.

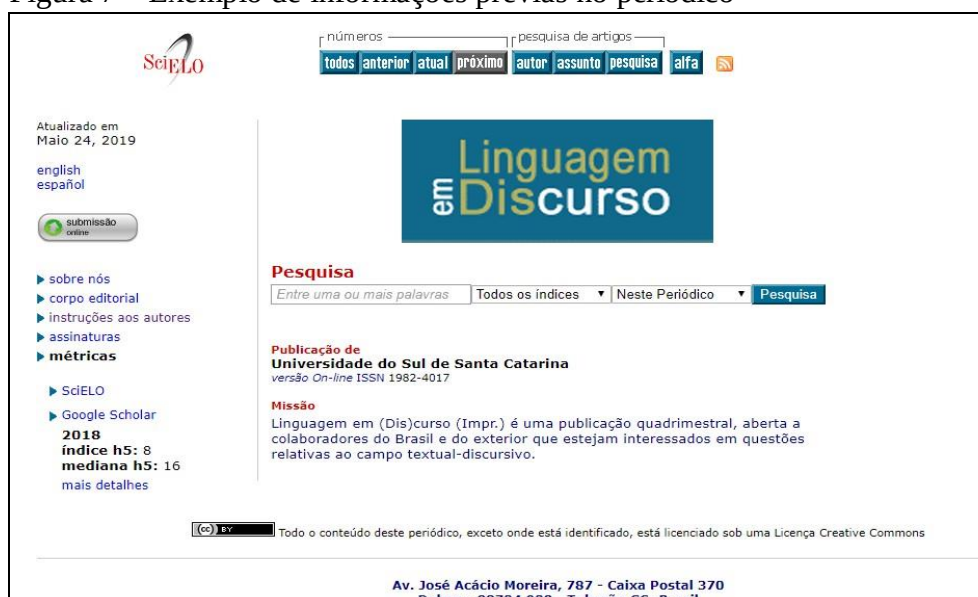
Figura 6 – Grande área de Linguística, Letras e Artes



Fonte: Scielo Br (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_subject&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10/jul./2019)

O passo seguinte (figura 2) foi obtido da seguinte forma: clicamos no periódico *Linguagem em (Dis)curso*, da área de Linguística, e lá encontramos algumas informações prévias sobre o periódico; à esquerda, há cinco tópicos (sobre nós, corpo editorial, instruções aos autores, assinaturas e métricas); à direita, informações sobre a missão (um pequeno resumo sobre a quem se destina e o tipo de estudo que o periódico abarca).

Figura 7 – Exemplo de informações prévias no periódico

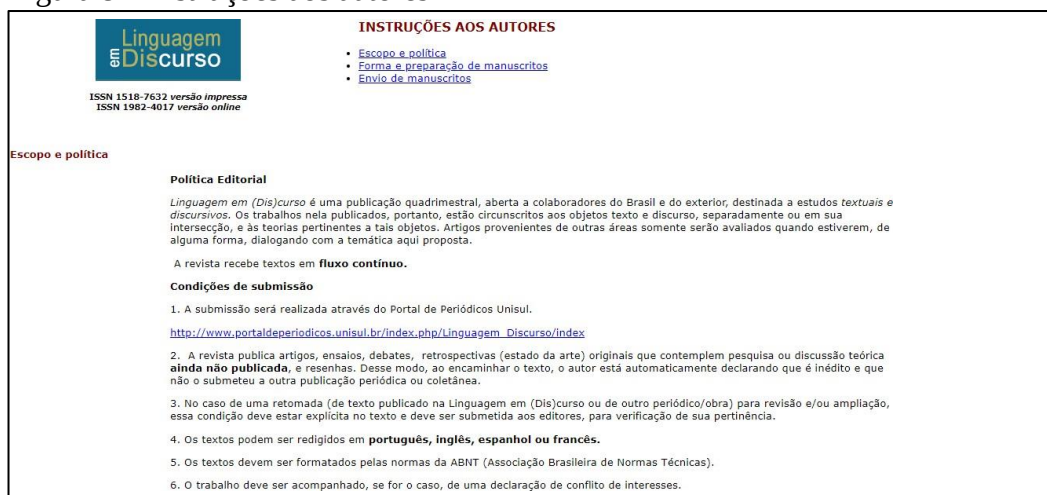


Fonte: Scielo Br (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=1518-7632&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 10/jul./2019)

Para verificar quais áreas e periódicos publicavam o gênero ensaio, selecionamos o tópico “informações aos autores”, como pode ser observado na figura 3. Nesse tópico, estão descritas as informações necessárias para os possíveis autores publicarem seus trabalhos (gêneros que são aceitos, temas etc.).

No caso, o periódico exemplificado, *Linguagem em (Dis)curso*, publica o gênero ensaio (“A revista publica artigos, ensaios, debates, retrospectivas (estado da arte) originais que contemplem pesquisa ou discussão teórica, ainda não publicada, e resenhas” – Figura 3).

Figura 8 – Instruções aos autores



The image shows the 'Instruções aos Autores' (Instructions for Authors) page for the journal 'Linguagem em (Dis)curso'. The page includes the journal's logo, ISSN numbers (1518-7632 for the print version and 1982-4017 for the online version), and a list of links: 'Escopo e política', 'Forma e preparação de manuscritos', and 'Envio de manuscritos'. The main content is divided into sections: 'Escopo e política', 'Política Editorial', 'Condições de submissão', and a list of six submission rules. The rules cover submission via the journal's portal, the types of articles accepted (original research, reviews, etc.), the language of publication (Portuguese, English, Spanish, or French), formatting according to ABNT standards, and the requirement for a conflict of interest declaration.

INSTRUÇÕES AOS AUTORES

- [Escopo e política](#)
- [Forma e preparação de manuscritos](#)
- [Envio de manuscritos](#)

Escopo e política

Política Editorial

Linguagem em (Dis)curso é uma publicação quadrimestral, aberta a colaboradores do Brasil e do exterior, destinada a estudos *textuais e discursivos*. Os trabalhos nela publicados, portanto, estão circunscritos aos objetos texto e discurso, separadamente ou em sua intersecção, e às teorias pertinentes a tais objetos. Artigos provenientes de outras áreas somente serão avaliados quando estiverem, de alguma forma, dialogando com a temática aqui proposta.

A revista recebe textos em **fluxo contínuo**.

Condições de submissão

1. A submissão será realizada através do Portal de Periódicos Unisul.
http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/Linguagem_Discurso/index
2. A revista publica artigos, ensaios, debates, retrospectivas (estado da arte) originais que contemplem pesquisa ou discussão teórica **ainda não publicada**, e resenhas. Desse modo, ao encaminhar o texto, o autor está automaticamente declarando que é inédito e que não o submeteu a outra publicação periódica ou coletânea.
3. No caso de uma retomada (de texto publicado na *Linguagem em (Dis)curso* ou de outro periódico/obra) para revisão e/ou ampliação, essa condição deve estar explícita no texto e deve ser submetida aos editores, para verificação de sua pertinência.
4. Os textos podem ser redigidos em **português, inglês, espanhol ou francês**.
5. Os textos devem ser formatados pelas normas da ABNT (Associação Brasileira de Normas Técnicas).
6. O trabalho deve ser acompanhado, se for o caso, de uma declaração de conflito de interesses.

Fonte: Scielo br (Disponível em: <http://www.scielo.br/revistas/ld/pinstruc.htm> Acesso em: 10/jul./2019)

Porém, é importante observar que nem todos os periódicos apresentam essas informações (ao menos em português). Isso foi constatado no tópico “informações aos autores” dos 335 periódicos analisados e, como exemplo, citamos a seguir um periódico da grande área das Ciências Biológicas:

Figura 9 – Grande área das Ciências Biológicas



Fonte: Scielo Br (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-3306&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 13/jul./2019)

No periódico *Acta Botanica Brasilica*, verificamos que há a informação de que não podemos ter acesso a informações sobre a revista em português, mas em inglês, como pode ser verificado nas figuras 5 e 6:

Figura 10 – Mensagem da revista



Fonte: Scielo Br (Disponível em: <http://www.scielo.br/revistas/abb/pinstruc.htm>. Acesso em: 13/jul./2019)

Figura 11 - Acesso em inglês



Fonte: Scielo Br (Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_serial&pid=0102-3306&lng=en&nrm=iso. Acesso em: 13/jul./2019)

Como previsto, há uma explicação (figura 7) sobre o referido periódico: os temas que norteiam a revista, o idioma em que devem ser escritos os textos e os “tipos de artigos” e, nessa categoria, estão artigos originais, resenhas, pontos de vista, métodos e comunicações curtas. O periódico não publica o gênero ensaio.

Figura 12 – Tipos de artigos

Why publish in Acta Botanica Brasilica?

- Acta bot. bras. is an indexed, open-access, peer-reviewed journal devoted to publishing high quality research in Plant Biology.
- There is no cost for publication.
- All manuscripts published by Acta bot. bras. are open-access, maximizing the impact of your research.
- The submissions are peer-reviewed by at least two experts who evaluate scientific quality and novelty.
- Our review process is very efficient. It will only take about two months for the first decision on your manuscript.
- The manuscripts are advertised to all members of the SBB, available in the journal website, in the SciELO database and in social media.
- Acta bot. bras. is indexed in Scopus and Web of Science among others.
- Increasing impact factor: Acta bot. bras. IF has been increasing in the last evaluations (from 0.374 in 2012 to 0.545 in 2014).

Language editing

If English is not your first language, it is strongly recommended to have your manuscript edited for language before submission. This is not a mandatory step, but may help to ensure that the academic content of your paper is fully understood by journal editors and reviewers. Language editing does not guarantee that your manuscript will be accepted for publication. Authors are liable for all costs associated with such services.

Types of articles

- Original Articles
- Reviews
- Viewpoints
- Methods
- Short Communications

Fonte: Scielo Br (Disponível em: <http://www.scielo.br/revistas/abb/iinstruc.htm>, Acesso em:13/jul./2019)

Após esse primeiro passo, em que definimos as áreas do conhecimento, partimos para uma etapa mais árdua: a busca dos ensaios do período de 2009.1 a 2019.1, bem como a catalogação da nomenclatura (terminologia) que cada periódico apresenta para o que denominamos de gênero ensaio. Para melhor compreensão, mostramos o resultado desse momento da pesquisa (ver Quadro 1 - Áreas do conhecimento/periódicos).

Anexo A – Ciências Agrárias (39 periódicos)

- Não há presença de ensaios nos periódicos pesquisados.

Anexo B – Ciências Biológicas (27 periódicos)

- Não há presença de ensaios nos periódicos pesquisados.

Anexo C – Ciências da Saúde (94 periódicos)

- Dos 94 periódicos pesquisados, apenas 7 apresentam ensaios. O interessante sobre os periódicos é a nomenclatura do gênero: artigo de reflexão ou ensaio/ensaios curtos.

Quadro 8 – Ensaio/Quantidade de ensaios (Anexo C)

Periódicos	Ensaio
Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional	Artigo de reflexão ou ensaio
Cadernos de Saúde Pública	Ensaio
Escola Anna Nery Revista de Enfermagem	Ensaio*
Physis	Ensaos curtos
Revista Brasileira de Saúde Ocupacional	Ensaio*
Saúde e Sociedade	Ensaos
Saúde em debate	Ensaio

Fonte: elaborado pela autora.

Convém observar dois periódicos, destacados com asterisco (*): *Escola Anna Nery Revista de Enfermagem* e *Revista Brasileira de Saúde Ocupacional*. Geralmente, os periódicos não apresentam um detalhamento da organização retórica dos gêneros pedidos, porém, esses

dois se destacam por explicar ao escritor não apenas o que se espera de um ensaio (e dos demais gêneros acadêmicos), mas também da organização retórica esperada.

Anexo D – Ciências Exatas e da Terra (10 periódicos)

- Não há presença de ensaios nos periódicos pesquisados.

Anexo E – Ciências Humanas (90 periódicos)

Quadro 9 - Ensaio/Quantidade de ensaios (Anexo E)

Periódico	Ensaio
Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior	Ensaaios bibliográficos
BPSR	Revisão de ensaios
Cadernos de Pesquisa	Caráter ensaístico
Caderno CRH	Ensaaios bibliográficos
Ciência e Educação	Ensaaios originais
Educação e Sociedade	Ensaaios
Estudos Históricos	Ensaaios bibliográficos
Interface: comunicação, saúde e educação	Artigos de demanda livre, analíticos e/ou ensaísticos
Mana: Estudos de Antropologia Social	Ensaaios bibliográficos
Pro-posições	Ensaaios bibliográficos
Psicologia escolar e educacional	Estudos teóricos/ensaaios
Psicologia USP	Ensaio
Revista Brasileira de Ciências Sociais	Review essays
Revista Brasileira de Educação Especial	Ensaio teórico
Revista Brasileira de Educação Médica	Ensaio
Revistas de Estudos Feministas	Ensaio
Revista de Sociologia e Política	Ensaaios bibliográficos
Saúde e Sociedade	Ensaaios
Topoi. Revista de História	Ensaaios

Trabalho, Educação e Saúde	Ensaaios
VIBRANT – Virtual Brazilian Anthropology	Ensaaios bibliográficos

Fonte: elaborado pela autora.

Anexo F – Ciências Sociais Aplicadas (41 periódicos)

- Dos 41 periódicos dessa área, apenas em 4 encontramos a presença de ensaios, com os seguintes tipos: ensaios bibliográficos, artigos analíticos ou ensaísticos e ensaios teóricos.

Quadro 10 - Ensaio/Quantidade de ensaios (Anexo F)

Periódicos	Ensaaios
Caderno CRH	Ensaaios bibliográficos
Intercom – Revista Brasileira de Ciências da Comunicação	Artigos analíticos ou ensaísticos
Revista Brasileira de Estudos de População	Ensaaios teóricos
Transinformação	Ensaio

Fonte: elaborado pela autora

Anexo G – Engenharias (20 periódicos)

- Não há presença de ensaios nos periódicos pesquisados.

Anexo H – Linguística, Letras e Artes (14 periódicos)

- Dos 14 periódicos dessa área, apenas em 3 notamos a presença de ensaios, ao menos durante a pesquisa prévia. Os periódicos são os seguintes: Linguagem em (Dis)curso, Revista Brasileira de Estudos da Presença e Trabalhos em Linguística Aplicada.

Quadro 11 - Ensaio/Quantidade de ensaios (Anexo H)

Periódicos	Ensaio
Linguagem em (Dis)curso	Ensaio
Revista Brasileira de Estudos da Presença	Ensaio

Trabalhos em Linguística Aplicada	Ensaio
--	---------------

Fonte: elaborado pela autora.

Diante do que foi descrito, vemos que há diferentes formas de se nominar o ensaio: ensaio acadêmico, ensaios curtos, ensaio bibliográfico, ensaios teóricos, ensaios analíticos, porém, na cultura disciplinar de Linguística há uma possível padronização ao nomear o gênero: ensaio.

Também observamos a presença de ensaios na grande área de Ciências Biológicas. Acreditamos que essa ocorrência acontece pelo fato de, nessa área, haver periódicos que estão na fronteira entre uma grande área e outra grande área do conhecimento, daí o porquê de verificarmos nas oito áreas do conhecimento a ocorrência ou não de ensaios nos periódicos.

5. 3 Periódicos escolhidos

Quanto à quantidade de ensaios escolhidos para a análise, optamos por uma cultura disciplinar de cada grande área. Escolhemos as culturas disciplinares de Linguística, Sociologia, Terapia Ocupacional e Ciências da Informação. Destacamos aqui que escolhemos um periódico por grande área, resultando nas culturas disciplinares já descritas, e os periódicos que apareciam em duas grandes áreas diferentes não foram considerados para análise. Buscamos dar ênfase a áreas que fossem de diferentes perspectivas, daí a escolha de áreas tão distintas.

Os ensaios escolhidos da cultura disciplinar da Linguística estão inseridas no periódico *Revista Linguagem em (Dis)curso*, com o total de 37 ensaios. Vale ressaltar que o periódico é quadrimestral, logo, publica três volumes por ano. Observemos o quantitativo de ensaios publicados, por ano, no quadro 6, a seguir:

Quadro 12 – Revista Linguagem em (Dis)curso/Quantidade de ensaios

Ano	Quantidade de ensaios
2009	12 ensaios
2010	7 ensaios
2011	1 ensaio
2012	9 ensaios
2013	1 ensaio
2014	0

2015	3 ensaios
2016	0
2017	1 ensaio
2018	3 ensaios
2019	0
Total	37 ensaios

Fonte: Elaborado pela autora.

Na cultura disciplinar de Ciências da Informação, analisamos os ensaios inseridos no periódico *Transformação*. A quantidade de ensaios encontrado é pequena em relação aos de Linguística, pois foram encontrados 4 ensaios entre 2013 e 2016, como descrito no quadro a seguir:

Quadro 13 – Revista Transinformação/ Quantidade de ensaios

Ano	Quantidade de ensaios
2009	0 ensaios
2010	0 ensaios
2011	0 ensaios
2012	0 ensaios
2013	2 ensaios
2014	0 ensaios
2015	1 ensaio
2016	1 ensaio
2017	
2018	0 ensaios
2019	0 ensaios
Total	4 ensaios

Fonte: elaborado pela autora.

Na cultura disciplinar de Sociologia, analisamos os ensaios presentes no periódico *Revista de Sociologia e Política*. Dentro de um intervalo de dez anos, encontramos 15 ensaios, como pode ser observado no quadro a seguir:

Quadro 14 – Revista de Sociologia e Política/ Quantidade de ensaios

Ano	Quantidade de ensaios
2009	2 ensaios
2010	2 ensaios
2011	0 ensaios
2012	0 ensaios
2013	0 ensaios

2014	0 ensaios
2015	2 ensaios
2016	4 ensaios
2017	2 ensaios
2018	0 ensaios
2019	1 ensaio
Total	15 ensaios

Fonte: elaborado pela autora.

Já na cultura disciplinar de Terapia Ocupacional, analisamos o periódico Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional. Foram encontrados 46 ensaios no período de dez anos, como podemos observar no quadro a seguir:

Quadro 15 – Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional/ Quantidade de ensaios

Ano	Quantidade de ensaios
2009	0 ensaios
2010	0 ensaios
2011	4 ensaios
2012	3 ensaios
2013	8 ensaios
2014	7 ensaios
2015	3 ensaios
2016	8 ensaios
2017	8 ensaios
2018	5 ensaios
2019	0 ensaios
Total	46 ensaios

Fonte: elaborado pela autora.

Nas quatro culturas disciplinares, encontramos um total de 102 ensaios, que foram analisados de acordo com os três objetivos específicos da pesquisa.

5.4 Procedimentos de análise dos dados

Sobre a análise dos dados, optamos por dividi-la da seguinte forma: para cada objetivo específico, analisamos as 4 culturas disciplinares. Para o objetivo específico 1, verificamos a organização das seções nas 4 culturas disciplinares; para o objetivo específico 2, verificamos, por meio de categoria descrita no capítulo 2 (texto escrito em primeira pessoa do singular), qual/quais pessoa/pessoas do discurso foram utilizadas nos ensaios. Já no objetivo específico

3, verificamos as categorias descritas também no capítulo 2 (texto aberto, sem desfecho, linguagem mais formal, teor reflexivo lento e fragmentado e aprofundamento do tema/objeto), de acordo com cada cultura disciplinar.

No capítulo seguinte, apresentamos as análises e resultados da pesquisa dessas diferentes culturas disciplinares. A análise organizou da seguinte forma: separamos as culturas disciplinares e, em cada uma, analisamos os objetivos específicos, seguindo a ordem construída na Introdução.

6 ORGANIZAÇÃO DAS INFORMAÇÕES EM ENSAIOS NAS CULTURAS DISCIPLINARES DAS GRANDES ÁREAS DO CONHECIMENTO

Neste capítulo, são apresentadas as análises dos ensaios das culturas disciplinares das áreas de Linguística, Letras e Artes, Ciências Sociais Aplicadas, Ciências da Saúde e Ciências Humanas, com seções divididas de acordo com cada objetivo delineado na Introdução desta pesquisa, de modo a conduzir um olhar mais atento e contextualmente situado para a nossa investigação. Nosso foco não é priorizar um periódico para análise, mas sintetizar as informações mais relevantes em vários ensaios.

6.1 Objetivo 1: descrever a organização das seções

Com foco no primeiro objetivo específico deste estudo, abordamos aqui como foram organizadas as seções textuais do gênero estudado, nas quatro culturas disciplinares, com base na descrição da organização dos ensaios investigados fundamentada pelos postulados teóricos que embasam esta pesquisa, a iniciar pela área de Ciências Sociais Aplicadas, em seguida a área de Linguística, Letras e Artes, por conseguinte Ciências Humanas e por último Ciências da Saúde.

6.1.1 Ciências Sociais Aplicadas: análise da cultura disciplinar de Ciências da Informação

A princípio, devemos esclarecer o que significa Ciência da Informação para, logo em seguida, elucidar de que forma a Ciência da Informação é percebida dentro da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, universidade da qual faz parte o periódico em análise. Ciência da Informação tem como objeto de estudo a informação, que está relacionada “a todos os campos do conhecimento científico, moldando-se aos interesses de cada uma delas” (FREIRE, 2006).

A análise dos ensaios da cultura disciplinar da Ciência da Informação compreende os ensaios publicados no periódico *Transinformação*, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, que publica os seguintes gêneros textuais: artigo original, revisão (a convite), ensaio (a convite), comunicação e tradução (a convite). Dois pontos destacamos sobre a questão das submissões: a) os gêneros textuais descritos estão sob o guarda-chuva da nomenclatura “artigo” e b) o fato de o ensaio ser publicado a convite, dando a entender que, só autor(a) mais especializado poderá publicar.

Do período de recorte de nossa pesquisa, entre 2009 e 2019, encontramos apenas 4 ensaios, entre os anos de 2013 a 2016. Algo a se destacar é a quantidade de páginas dos ensaios, que variam de 8 a 15 páginas, característica diferente quando comparada à quantidade de páginas dos ensaios da área da Linguística, que serão analisados em outra seção.

Vejamos como se organizam retoricamente os ensaios da Ciência da Informação.

Ao iniciarmos a análise, devemos atentar que, no site do periódico³⁷, há uma explicação sobre as submissões, especificamente sobre a estrutura dos textos que serão enviados para submissão. Sobre esse tópico, destacamos a seguinte recomendação:

Estrutura do texto: O texto de todo trabalho submetido à publicação deverá ter uma organização clara e concisa. Com exceção dos manuscritos apresentados como Revisão, Ensaio e Comunicação, os trabalhos deverão seguir a estrutura formal para trabalhos científicos: Introdução [...], Procedimentos Metodológicos [...], Resultados [...], Discussão [...], Conclusão [...].

A princípio, apontamos o resumo como fator indicativo do que pode ser apresentado no texto, se o autor ou autores autodenominam seu texto como ensaio:

I. “Resumo: Este trabalho aborda a questão da esfera pública proposta por Habermas a partir das redes sociais na Internet e o processo de participação política proporcionado por essa forma de comunicação e informação” (CIE01)

II. “O objetivo deste artigo é conceituar e apresentar as redes de dois modos, que são empregadas nos estudos que utilizam a metodologia Análise de Redes Sociais” (CIE02)

III. “Este artigo tem por objetivo analisar a relação existente entre os ritos de passagem inerentes à cultura organizacional e o processo de construção do conhecimento nos sujeitos” (CIE03).

IV. “A proposta do trabalho, sob a via metodológica de uma epistemologia histórica da organização dos saberes, de fundo diltheyano, é discutir alguns aspectos preponderantes da Bibliologia, tomada como macrossaber [...]” (CIE04)

Nenhum dos 4 textos apresentam no Resumo o termo ensaio como definidor do trabalho que foi escrito, porém, ao lembrarmos que os ensaios, assim como todos os outros gêneros do periódico, foram tratados como artigo, faz sentido os autores tomarem para si seus textos como artigo e não como ensaio. O que pode ser questionada é a motivação maior para chamar esses textos de ensaio. As seções nos dão pistas sobre essa escolha por parte do periódico.

³⁷ <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/submissoes>

Na Introdução do ensaio CIE01, notamos que o autor fala em “breves considerações”, apenas com o intuito de refletir: “busca-se trazer à lume algumas reflexões sobre a participação política nesses espaços”. Logo depois, chama a atenção a questão da *não conclusão do texto*, o cuidado em deixar explícito o não fechamento de um raciocínio: “Sem a pretensão de trazer respostas, mas, sim, vislumbrar caminhos a serem trilhados, percorre-se brevemente os conceitos de esfera pública, opinião pública e redes sociais (na Internet), visando, a partir da interlocução desses conceitos, algumas reflexões sobre o tema” (CIE01). Adiante, explica a questão da *possibilidade* de conceituação: “este trabalho objetiva abordar aspectos de uma possível esfera pública na Internet” (CIE01)

No ensaio CIE02, na Introdução, notamos que os autores buscam apresentar conceitos com finalidade didática: “Com o objetivo de conceituar e apresentar as redes de dois modos, este artigo aborda o escopo dessas redes, que também são denominadas redes de afiliação ou bipartidas, e tem o intento de introduzir as possibilidades de aplicação” (CIE02).

No ensaio CIE03, também na Introdução, notamos que os autores situam o leitor sobre o tema, além de trazer referências para sustentar o ponto de vista. Porém, explicam que o que pretendem traçar como objetivo é algo complexo:

Nesse contexto, deparamo-nos com a seguinte questão: qual a relação entre os elementos da cultura organizacional e o processo de construção do conhecimento individual? Responder essa pergunta não consiste em tarefa fácil devido ao seu elevado grau de subjetividade. No entanto, acreditamos que os ritos de passagem presentes na cultura de uma organização podem se configurar como ponto de partida” (CIE03).

No ensaio CIE04, vemos que a Introdução nos mostra que o texto caminha para a reflexão em vários momentos. A discussão é presente quando o autor nos leva até a sua proposta:

A proposta deste estudo, sob a via metodológico-teórica de uma epistemologia histórica, de fundo diltheyano, é discutir alguns aspectos preponderantes da Bibliologia, tomada como macrociência da Organização dos Saberes entre Peignot e Otlet, ou seja, dois de seus momentos de maior produção argumentativa (CIE04).

No quadro a seguir, resumizamos a organização das seções dos 4 ensaios analisados:

Quadro 16 – Organização das seções nos ensaios de Ciência da Informação

ENSAIO	ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES NOS ENSAIOS DE CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO		
	Introdução	- Esfera pública e opinião pública - Redes sociais na <i>Internet</i>: espaço de intercâmbio - Redes sociais na Internet: esfera pública na rede como forma de participação	Considerações Finais

CIE01		- Discussão	
CIE02	Introdução	- Interação e círculos sociais - Análise de redes sociais - Redes de dois modos - Matriz de redes de dois modos -Gráfico bipartido	Considerações Finais
CIE03	Introdução	-Cultura organizacional -Ritos de passagem - Informação e conhecimento - A influência dos ritos de passagem nos processos de construção de conhecimentos	Conclusão
CIE04	Introdução	- A invenção da bibliologia - Os caminhos da utopia: a estrada do Oitocentos -Uma epistemologia da Bibliologia - O livro como objeto científico - A bibliologia e o livro O nome da Bibliologia	Conclusão

Fonte: Elaborado pela autora (2023).

6.1.2 *Linguística, Letras e Artes: análise da cultura disciplinar de Linguística*

A análise dos ensaios da cultura disciplinar da área da Linguística abarca os periódicos encontrados e expostos na seção Metodologia, área esta pertencente à grande área Linguística, Letras e Artes. Os periódicos que se destacaram e fizeram parte de nossos *corpora* são os seguintes: *Trabalhos em Linguística Aplicada* e *Linguagem em (Dis)curso*, porém apenas no último periódico foram encontrados ensaios publicados. Apesar de o primeiro periódico aceitar publicações de ensaios, nenhum foi encontrado no período que limitamos. Assim, como focamos nas publicações entre 2009 e 2019, foram encontrados 38 textos nesse período no periódico *Linguagem em (Dis)curso* na seção “Ensaio”.

No periódico, podemos notar que há uma breve descrição dos gêneros textuais que são aceitos para publicação, sendo ensaio assim definido: “b) ensaio - texto com o mínimo de 5.000 e o máximo de 9.000 palavras, contendo discussão de um problema teórico relevante ao campo em que se insere”³⁸. Salientamos que encontramos um obstáculo ao separarmos os ensaios analisados, pois vários deles, embora estivessem localizados na seção ensaio, se autodenominavam artigo.

³⁸Disponível em: <https://www.scielo.br/journal/ld/about/#about>. Acesso em: 22 out. 2021.

Os ensaios analisados apresentavam resumo. Por meio do resumo, pudemos verificar o objetivo dos autores e a marcação do gênero que escreveram: em alguns momentos, apresentavam-se como ensaio, em outros se autodenominavam artigo ou simplesmente “trabalho”. No entanto, como já sinalizamos, a forma de denominar-se ensaio ou não deixa de ser relevante frente aos traços que os abrigam e os definem.

O resumo no ensaio é de tal importância, pois, por meio dele, notamos o porquê de estes ensaios estarem inseridos na categoria “ensaio” ainda que se intitulem artigo. Em vários resumos, podemos notar os verbos “discutir”, “lançar mão de reflexões”, “fazer um percurso de leitura”, “explorar”, o que é diferente do que podemos encontrar em artigos científicos, por exemplo, ao encontrarmos verbos como “analisar”, com passos metodológicos e chegar a um resultado.

Observemos a partir dos seguintes exemplos:

- I. “Resumo: *O presente ensaio* **objetiva discutir** o conceito de valoração nos escritos do Círculo de Bakhtin” (LE29)
- II. “Resumo: *O presente artigo* trata de uma temática pouco considerada e discutida nos estudos da linguagem, qual seja, a voz. Para fazê-lo, **lança mão de reflexões** propostas acerca da construção do objeto voz em diferentes perspectivas teóricas e em diferentes campos do conhecimento” (LE36).
- III. “Resumo: *Este ensaio* **discute** efeitos do dialogismo nos modernos estudos do discurso” (LE32).
- IV. “*Neste texto* **proponho explorar** os conceitos de signo, acontecimento e fabulação de Gilles Deleuze para buscar deslocamentos no pensar o papel-imprensa” (LE18)

Como se observa, ainda que se trate do Resumo, notamos variadas formas de se tratar o ensaio, mas o que os une parte da ideia de se fazer uma reflexão ou discussão sobre uma temática.

Quanto às seções propriamente ditas, há uma organização bastante flexível: geralmente, encontramos uma seção de “Introdução” e “Considerações finais” mais marcadas nos ensaios analisados, e maior flexibilidade em relação ao número de seções entre elas. As seções variam de três a nove, dependendo do tipo de discussão que o autor faz no texto.

No ensaio LE38, por exemplo, há oito seções: 1) Considerações iniciais, 2) Pressupostos teóricos, 3) A emergência do conceito, 4) O contexto conceitual e o paradigma terminológico, 5) A problemática na qual se insere o conceito pecheutiano de FD, 6) Retificações,

refinamentos, ampliações do conceito de FD, 7) A questão da paternidade do conceito de FD e 8) Considerações finais.

O ensaio LE10 apresenta nove seções: 1) Quer teclar comigo?, 2) O brasileiro não lê, 3) A internet ameaça o hábito de ler, 4) A internet interfere negativamente na escrita, 5) Como falar em ‘acesso digital’ se o povo nem tomou gosto pelo papel?, 6) A internet não oferece conteúdos, textos e ambientes de credibilidade, 7) Textos, na internet, têm que ser concisos e superficiais, 8) Sem querer ser linear, já sendo e 9) O que é que dá para fazer?.

Já no ensaio LE05, vemos três seções: 1) Introdução, 2) Resgates teóricos e 3) Análise comparativa, além de dividir a segunda seção em três subseções, a partir da perspectiva de vários autores: 2.1) Louis Althusser e Michel Pêcheux, 2.2) Mikhail Bakhtin, 2.3) John Thompson, 2.4) Terry Eagleton.

Dos 38 ensaios analisados, 34 apresentam uma seção de Introdução ou Considerações iniciais devidamente marcada no texto, e apenas 4 ensaios vão na contramão da maioria. Para iniciar o texto, expressam-se de outras formas, vejamos:

- I. “1. A ESCOLA FRENTE AOS DESAFIOS DA COMUNICAÇÃO MEDIADA PELAS NOVAS TECNOLOGIAS” (LE09)
- II. “1. QUER TECLAR COMIGO?” (LE10)
- III. “1. O VIOLENTO MUNDO DOS SIGNOS” (LE18)
- IV. “1 COMEÇANDO A NOSSA CONVERSA: A CONTRIBUIÇÃO DE BAKHTIN” (LE27)

Dos 38 ensaios, 8 apresentam 3 seções definidas, sendo a seção que se encontra entre a Introdução e Conclusão voltadas mais para a discussão propriamente dita, seja iniciada pela discussão do tema ou apresentada por meio dos resgates teóricos.

No quadro a seguir, estão descritas todas as seções dos 38 ensaios analisados, que compõem sua organização.

Quadro 17 – Organização das seções dos ensaios de Linguística

ENSAIO	ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES NOS ENSAIOS DE LINGUÍSTICA		
LE01	1 Introdução	2 Os gêneros do discurso e um olhar (discursivo) sobre a tatuagem 3 Enunciado e estilo: as relações com o sentido	4 Enunciação/enunciado: texto/textualização/textualidade

LE02	1 Introdução	2 Caracterização da linguagem metafórica 3 A gênese metafórica do mundo das nações 3.1 O primado do social 3.2 A atividade perceptiva 3.3 Os protótipos	4 Considerações finais
LE03	1 Considerações iniciais	2 Entrelaçamento intertextual: texto ou discurso? 3 Uma tipologia hiperintertextual?	4 Considerações finais
LE04	1 Introdução	2 O conceito de “internetês” nos estudos da linguagem 3 “Escrita fonetizada”: discussão sobre dados do internetês	4 Considerações finais
LE05	1 Introdução	2 Resgates teóricos 2.1 Louis Althusser e Michel Pêcheux 2.2 Mikhail Bakhtin 2.3 John Thompson 2.4 Terry Eagleton	3 Análise comparativa
LE06	1 Introdução	2 O contexto de cultura: gênero 3 O contexto de situação: registro 4.1. Os estágios obrigatórios 4.2 Os estágios opcionais 4.3 Os estágios recursivos 5 As estruturas potenciais do gênero 6 O uso das epgs no ensino	7 Considerações finais
LE07	1 Introdução: a origem do conceito e do termo	2 Hipertexto e complexidade 2.1 Sistema complexo 2.2 Hipertextualidade: propriedade nuclear da linguagem (sac) 3 Recursividade, hipertextualidade e integração de espaços referenciais 3.1 Integração de espaços referenciais no processo enunciativo 3.2 Hipertextualidade na integração de espaços referenciais	4 Considerações finais
LE08	1 Introdução	2 Os níveis de escrita numa perspectiva psicogenética: a teoria e seus vieses 3.1 Estudos sobre o letramento emergente: o que faltava ser dito 3.2 Estudos sobre a aquisição da ortografia: aprendizagem do caráter arbitrário da escrita	6 Considerações finais

		3.3 Estudos aquisicionais que iluminam a categorização dos níveis 4 Os procedimentos da pesquisa 5 análise dos resultados: por uma nova categorização dos estágios de escritura a) escrita icônica b) escrita grafemática c) escrita fonográfica d) escrita ortográfica	
LE09	1 A escola frente aos desafios da comunicação mediada pelas novas tecnologias	2 Hipertexto: o meio digital muda o texto e a leitura? 3 A incorporação da internet nas práticas cotidianas de adolescentes 4 O uso da internet na construção de textos dissertativos 4.1 A relação entre os textos consultados on-line e as dissertações produzidas pelos alunos	5 Pesquisa na internet: um problema ou uma solução para o ensino do gênero dissertativo na escola?
LE10	1 Quer teclar comigo?	2 “O brasileiro não lê” 3 “A internet ameaça o hábito de ler” 4 “A internet interfere negativamente na escrita” 5 “Como falar em ‘acesso digital’ se o povo nem tomou gosto pelo papel?” 6 “A internet não oferece conteúdos, textos e ambientes de credibilidade” 7 “Textos, na internet, têm que ser concisos e superficiais” 8 Sem querer ser linear, já sendo	9 O que é que dá para fazer?
LE11	1 Introdução: o que há de novo?	2 Textualidade e textualização no hipertexto	3 Informática nos livros didáticos de língua portuguesa
LE12	1 Introdução	2 Conexionismo, dinamicismo e modelos de leitura 3 Os efeitos da frequência e da consistência lexical na leitura de palavras	6 Conclusão

		4 A recodificação leitora de palavras em língua estrangeira e a assimilação vocálica 5 A relação entre a compreensão de fonemas e a compreensão textual	
LE13	1 Introdução	2 Metáfora: breve percurso histórico 3 Metáfora – a dialética significação/sentido 4 A recusa da mudança de sentido 5 Metáfora e “verdade” 6 Formações discursivas e metáfora 7 Metáfora e iconicidade	8 Considerações finais
LE14	1 Introdução	2 A noção de sujeito e o ponto de vista da psicanálise 3 A noção de sujeito e a contribuição do materialismo histórico	4 O sujeito na teoria do discurso
LE15	1 Introdução	2 Sobre a gramática do design visual 3 Significados e funções das representações simbólicas	4 Considerações finais
LE16	1 Introdução	2 Discussão 2.1 Objetos de mundo versus objetos de discurso 2.2 Plurilinguismo referencial 2.3 Referenciação e gêneros do discurso 2.4 Referência de outrem	3 Considerações finais
LE17	1 Introdução	2 Em que consiste a prática de análise linguística? 2.1 situação social de produção 2.2 Relação do texto com seu gênero discursivo/textual 2.3 Organização textual 3 Propostas de atividades de análise linguística 3.1 Análise da situação social de produção 3.2 Reconhecimento do gênero discursivo 3.3 Análise linguística	4 Considerações finais
LE18	1 O violento mundo dos signos	2 Signos mundanos e amorosos	3 Desdobrar os signos

LE19	1 Introdução	2 Constelação de gêneros em Marcuschi 3 Bahktin e os gêneros do sério- cômico	4 Constelando os argumentos e propondo trilhas
LE20	1 Introdução	2 Desenvolvendo a noção de suporte: materialidade, forma e interação 2.1 Da materialidade dos suportes de gênero 2.2 da noção de forma de suportes de gênero 2.3 da interação como categoria 2.4 como a interação subsume a noção de suporte 2.5 afinal, como interagimos com gêneros e suportes?	3 Conclusões
LE21	1 Introdução	2 de que forma a linguagem mobiliza o cérebro? 3 o que se considera como metalinguagem: metaprocessos e epiprocessos 4 como se processam as operações metalinguísticas e epilinguísticas? 5 metalinguagem e contextos interativos 6 por que o contexto cultural se relaciona, estritamente, com metalinguagem? 7 então, o que pode ser considerado, de fato, como uma operação metalinguística?	8 Palavras finais
LE22	1 Introdução	2 o “terceiro” na obra de bakhtin 3 maingueneau: cena de enunciação, incorporação e hiperenunciador 4 tentando ordenar os fios teóricos	5 Notas a título de conclusão
LE23	1 Introdução	2 uma paródia 3 modernidade linguística em locke 4 a língua em locke 5 o sujeito-falante em locke 6 para uma crítica da economia linguística em locke	7 Considerações finais
LE24	1 Considerações iniciais	2 sobre mesclas genéricas 3 repensando um conceito... 3.1 da mescla por gêneros casualmente ocorrentes 3.2 mescla por gêneros intercalados	4 Das considerações (semi)finais

LE25	1 Introdução	2 propósito comunicativo: centralidade e definição 3 propósito comunicativo e estrutura esquemática do gênero 4 propósito comunicativo como critério de identificação de gêneros 5 a complexidade dos propósitos comunicativos 6 propósito comunicativo: versatilidade e níveis de análise	7 Considerações finais
LE26	1 Introdução	2 das cadeias de gêneros 2.1 a abordagem de fairclough 2.2 a abordagem de swales 3 rediscussão dos conceitos 3.1 sobre as cadeias simples 3.2 sobre a complexificação de cadeias simples	4 Considerações finais
LE27	1 Começando a nossa conversa: a contribuição de Bakhtin	2 Transmutação: processo auto e heteroconstitutivo dos gêneros	3 Encerrando nossa conversa: a contribuição da proposta delineada
LE28	1 Palavras iniciais	2 a não-substância da língua e seu paradoxo material 3 a teoria da enunciação – discurso e materialidade 4 discurso e história – o materialismo marxista e a questão da substância na ad atualmente 5 enunciado e substância	6 Breve epílogo
LE29	1 Introdução	2 a ideologia e o horizonte axiológico dos discursos 3 os enunciados e os gêneros: a materialização do discurso e da valoração 4 o cronotopo: a porta de entrada do estudo da valoração 5 as relações dialógicas: o encontro e o confronto das valorações	6 Considerações finais
LE30	1 Introdução	2 a lógica na interface com a linguagem natural 3 a emoção na interface com a linguagem natural 4 emoções no argumento natural na interface com o argumento lógico	5 Considerações conclusivas

LE31	1 Introdução	2 ler e escrever textos-enunciados: aspectos conceituais em torno dos escritos do círculo de Bakhtin 3 ler textos-enunciados: um evento sócio-histórico-cultural e ideológico	4 Considerações finais
LE32	1 Introdução	2 dialogismo e a comunicação de e com as massas 3 o dialogismo e a crise da autoria 4 a noção de texto 5 dialogismo e gênero do discurso 6 o dialogismo, polifonia e conceitos derivados	7 Considerações finais
LE33	1 Introdução	2 Verdade: efeito de uma dupla insistência	3 Sobre sexualidade e verdade: considerações finais
LE34	1 Introdução	2. Argumentação e dialogismo	3 Considerações finais
LE35	1 Introdução	2 Contexto histórico: surgimento e difusão do termo “intertextualidade” 3 Algumas recepções atuais da noção de intertextualidade 4 Relações dialógicas internas e externas: um princípio para diferenciar dialogismo de intertextualidade	5 Considerações finais
LE36	1 Introdução	2 A voz fenomenológica 3 A voz como ontologia vocálica da unicidade 4 A voz e o discurso emotivo 5 A estética da voz 6 Uma poética da voz 7 Por uma antropologia histórica da voz	8 Palavras finais
LE37	1 Introdução	2 Breve arqueologia da concepção negativa de ideologia 2.1 K. Marx 2.2 L. Althusser 2.3 M. Pêcheux 2.4 J. B. Thompson 3 A propósito da crítica: teoria crítica do discurso e realismo crítico 4.2 Localização 4.3 Natureza semiótica 4.4 Tratamento analítico	6 Considerações finais

		5 Aspectos problemáticos da concepção de ideologia na teoria crítica do discurso	
LE38	1 Considerações iniciais	2 Pressupostos teóricos 3 A emergência do conceito 4 O contexto conceitual e o paradigma terminológico 5 A problemática na qual se insere o conceito pecheutiano de fd 6 Retificações, refinamentos, ampliações do conceito de fd 7 A questão da paternidade do conceito de fd	8 Considerações finais

Fonte: elaborado pela autora (2023).

6.1.3 Ciências Humanas: análise da cultura disciplinar de Sociologia

Na cultura disciplinar de Sociologia, recorreremos ao periódico *Revista de Sociologia e Política*, vinculado à Universidade Federal do Paraná. Os gêneros textuais aceitos para submissão são os seguintes: artigos originais e ensaios bibliográficos. Sobre os ensaios bibliográficos, há uma explanação sobre o que se espera dos autores ao submeter esse gênero:

Os manuscritos publicados na seção “Ensaaios bibliográficos” devem promover revisões de literatura sobre um tema ou problema de pesquisa em Ciência Política ou em Sociologia Política. Revisões de literatura são balanços bibliográficos que informam o estado atual da discussão de determinada área de investigação, com foco nos estudos mais relevantes e mais atuais relacionados a um tópico de interesse. Os ensaios bibliográficos não podem ser uma compilação de resumos dos estudos disponíveis, mas devem: avaliar criticamente os materiais publicados; sumarizar estudos recentes, expondo e explicando seus pontos fortes e fracos; identificar lacunas e inconsistências da literatura analisada; esclarecer se e como a literatura selecionada respondeu a problemas específicos de pesquisa; e indicar como pesquisas futuras poderiam ser conduzidas para influenciar efetivamente a área de investigação ou cobrir alguma lacuna de conhecimento existente. Os ensaios bibliográficos podem mostrar como a literatura está organizada segundo escolas de pensamento, métodos empregados nos estudos, diferentes questões de pesquisa em uma mesma temática ou mesmo diferentes respostas para uma mesma questão de pesquisa. É importante que a revisão cubra a produção bibliográfica mais atual, mesclando literatura nacional e internacional. Há interesse específico nas modalidades de revisão sistemática, revisão de escopo, meta-análises, estudos bibliométricos e mapas cientométricos de uma área de investigação, mas revisões narrativas também são bem-vindas.³⁹

Foram encontrados 15 ensaios em um período de dez anos (2009 – 2019). Os ensaios não apresentam diferenças entre si, pois há seções bem demarcadas, e apenas depois da Introdução há maior ocorrência de seções, com a presença de subseções. No ensaio SE04, por

³⁹ Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/about/editorialPolicies#focusAndScope>

exemplo, temos as seguintes seções: Introdução, As associações de classe como fonte (Industrialização paulista (1910 e 1930), State-building, Ações políticas e dinâmicas estruturais: o lugar das associações de classe), As associações de classe como objeto (A questão da institucionalização, A questão genética, Escolha racional e lógica da ação coletiva, Materialismo estruturalista), Alcance das teses sobre associações de classe: São Paulo 1910-1945 (Naturalização doutra das associações de classe, Por uma definição das associações de classe) e Considerações finais.

Uma questão que nos chamou a atenção foi a quantidade de páginas, de 14 a 29 páginas. A maioria dos ensaios apresenta mais de vinte páginas, o que é relevante no contexto desta pesquisa, quando prevíamos e a análise prévia sinalizou, uma menor extensão em número de páginas. Ainda, destacamos significativa discrepância na extensão em número de páginas com relação aos ensaios de Terapia Ocupacional, como veremos adiante.

A seguir, observemos o quadro com a descrição de todas as seções dos ensaios analisados:

Quadro 18 – Organização das seções nos ensaios de Sociologia

ENSAIO	ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES NOS ENSAIOS DE SOCIOLOGIA		
SIE01	1. Introdução	2. Koselleck e a história dos conceitos 3. Quentin Skinner e o contextualismo lingüístico	4. Mark Bevir e o novo intencionalismo
SIE02	1. Introdução	2. Um antipositivista paradigmático: Giddens 2.1. Comte como promotor da tecnologia social não-reflexiva 2.2. A retórica da loucura 2.3. Filosofia das Ciências 3. Diferenciando os “positivismos” 4. O recuperar de Comte	5. Comentários finais
SIE03	1. Introdução	2. Sobre o uso da variável raça (ou cor) em estudos quantitativos 3. Limitações e possibilidades de uso da variável “raça” 4. Sobre o uso da raça em políticas públicas	5. Comentários finais
	1. Introdução	2. As associações de classe como fonte 2.1. Industrialização paulista (1910 e 1930) 2.2. State-building	5. Considerações finais

SIE04		2.3. Ações políticas e dinâmicas estruturais: o lugar das associações de classe 3. As associações de classe como objeto 3.1. A questão da institucionalização 3.2. A questão genética 3.2.1 Escolha racional e lógica da ação coletiva 3.2.2. Materialismo estruturalista 4. Alcance das teses sobre associações de classe: São Paulo 1910-1945 4.1. Naturalização doutra das associações de classe 4.2. Por uma definição das associações de classe	
SE05	1. Introdução	2. O conceito de hegemonia e sua aplicação nos estudos de relações internacionais 3. O poder americano segundo Joseph Nye Jr., Immanuel Wallerstein e Cristina Soreanu Pecequilo 4. A hegemonia e sua aplicação na análise do poder americano	5. Conclusões
SE06	1. Introdução	2. Famílias de argumentos 3. A função decorativa 4. A função política 5. A função burocrática 6. A função econômica	7. Conclusões
SE07	1. Introdução	2. A geometria variável dos projetos de pesquisa e a delimitação do <i>ceteris paribus</i>: entre o problema da parcimônia estrutural e o problema da subjetividade analítica 3. Teorias sobre burocracia e o desenho dos projetos de pesquisa 3.1. O poder como objeto de estudo e o desafio de sua identificação 3.2. Um breviário das “gerações” de modelos analíticos sobre burocracia 4. A “genética” e a tradição de pesquisa: as linhagens das teorias organizacionais	5. Conclusões
	1. Introdução	2. Balanço da literatura: o que se sabe? 2.1. Recursos e resultados eleitorais 2.2. Recursos eleitorais e benefícios para financiadores 2.2.1. Acesso ao financiamento de bancos públicos	4. Conclusões

SE08		2.2.2. Obtenção de contratos com o governo 2.2.3. Desempenho das firmas 2.2.4. Desvios da TEC 2.2.5. Benefícios tributários 2.2.6. Benefícios em geral 2.3. Determinantes do investimento eleitoral 3. Apontamentos para uma agenda de pesquisa 3.1. Desafios gerais 3.2. Linhas de investigação em cada vertente 3.2.1 Recursos e resultados eleitorais 3.2.2 Recursos eleitorais e benefícios para financiadores 3.3. Determinantes do investimento eleitoral	
SE09	1. Introdução	2. A presidência norte-americana: entre a personalidade e a institucionalização 2.1. A abordagem legal e o domínio da personalização nos estudos sobre a presidência 2.2. A abordagem institucional 3. Governos de coalizão no parlamentarismo europeu 3.1. Modelos de formação: tamanho, ideologia e instituições 3.2. Modelos de governança: governo ministerial versus controle mútuo 4. Entre o Executivo unipartidário americano e a coalizão multipartidária europeia: como explicar o Executivo no presidencialismo de coalizão? 4.1. Análises sobre composição 4.2. Análises sobre organização	5. Conclusões
	1. Introdução	2. Delimitando os contornos dos campos de produção acadêmicos 3. O papel dos aderentes na era do partido cartel 4. Abrindo a caixa preta da participação partidária: níveis de participação e práticas militantes 4.1. Motivações: por que aderir? 4.2. Níveis de participação nas atividades internas 4.3. Práticas, retribuições ao engajamento e identidades partidárias.	6. Conclusões

SE10		Uma abordagem interacionista da participação 5. Incorporando as variáveis sociográficas: do background social dos aderentes à microsociologia do entorno partidário 5.1. A origem social como Background 5.2. Microsociologia do entorno partidário: carreiras, trajetórias e atores multiposicionados	
SE11	1. Introdução	2. Ideários de superação do nacional desenvolvimentismo 3. Inflexão liberal e reorientação internacional do Brasil 4. Hegemonia liberal vs. ortodoxia neoliberal: o período Cardoso 5. O liberalismo econômico nos tempos de Lula	6. Conclusões: limitações e dilemas da forma contemporânea de Estado
SE12	1. Introdução	2. A Guerra Fria e o conceito de paz na ONU 3. O fim da Guerra Fria e o alargamento do conceito de paz na ONU 4. O conceito de peacebuilding: existência, êxito e consequências para as relações internacionais contemporâneas	5. Conclusões
SE13	1. Introdução	2. Goffman e as molduras interpretativas 3. A incorporação do conceito de molduras interpretativas pela literatura de movimentos sociais 4. Caracterizando o conteúdo das molduras interpretativas na literatura de movimentos sociais 4.1. Tarefas Nucleares de Enquadramento 4.2. A Formação de Molduras Interpretativas da Ação Coletiva 4.3. Os Resultados do Enquadramento Contestatório 5. Críticas e desafios à abordagem das molduras interpretativas na literatura de movimentos sociais	6. Conclusões: potencialidades analíticas da abordagem do enquadramento interpretativo para a literatura brasileira de movimentos sociais
	1. Introdução	2. Ideias e neoinstitucionalismos 2.1. Críticas ao IER 2.2. Críticas ao IH 2.3. Críticas ao IS 3. Vantagens teóricas do ID	7. Conclusões

SE14		3.1. Autonomia de ideias perante interesses 3.2. Ideias como variáveis explicativas 3.3. Atores como seres reflexivos 3.4. Indivíduos não intercambiáveis 3.5. Mudanças políticas 4. O que são ideias 5. Quando e como ideias impactam 5.1. Quando ideias impactam 5.2. Como ideias impactam 6. Como verificar o impacto das ideias 6.1. Descrição 6.2. Comparação 6.3. Congruência 6.4. Process tracing	
SE15	1. Introdução	2. Fontes e tipos de informação para estimar as preferências de eleitores e representantes 3. Vantagens e desvantagens no uso das diversas fontes e tipos de informação 3.1. O uso da escala esquerda-direita 3.2. As principais abordagens. 4. Os diferentes indicadores de congruência utilizados	5. Conclusões

Fonte: elaborado pela autora (2023).

6.1.4 Ciências da Saúde: análise da cultura disciplinar de Terapia Ocupacional

Para esta cultura disciplinar, analisamos os ensaios contidos no periódico *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, este vinculado ao Departamento de Terapia Ocupacional, da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar). No site da universidade encontramos uma apresentação sobre o curso⁴⁰: a terapia ocupacional está associada ao campo da saúde, atuando “na promoção da saúde, prevenção de doenças, tratamento, reabilitação e na ampliação da participação social”. Um adendo a essa informação está a de que em 1969 a Terapia Ocupacional se tornou um curso superior, pelo Decreto-Lei no.938. A respeito do periódico, nos *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* há a presença de quatro gêneros textuais para submissão: artigo original, artigo de revisão e/ou atualização de leitura, relato de experiência ou estudo de caso e artigo de reflexão ou ensaio. Sobre este último, há a seguinte descrição: “Texto que expresse ponto de vista acerca de assuntos polêmicos e/ou relevantes, relacionados à teoria e à prática em terapia ocupacional,

⁴⁰ <https://www.dto.ufscar.br/graduacao>

com reflexões e análises inovadoras (com, no máximo, 5.000 palavras, incluindo referências bibliográficas)⁴¹, o que nos permitiu avaliar tanto o artigo de reflexão como o próprio ensaio, uma vez que não há diferenças entre os dois gêneros textuais, de acordo com as crenças dessa cultura disciplinar.

Foram analisados 46 ensaios ou artigos de reflexão, e foram divididos da mesma forma como os ensaios analisados nas outras culturas disciplinares: no quadro a seguir, podemos observar que, na maioria dos ensaios, há uma organização de seções distribuída em introdução, desenvolvimento (desde uma seção a oito seções) e conclusão. Sobre os movimentos retóricos, estes serão explorados no objetivo 3.

Quadro 19 – Organização das seções nos ensaios de Terapia Ocupacional

ENSAIO	ORGANIZAÇÃO DAS SEÇÕES NOS ENSAIOS DE TERAPIA OCUPACIONAL		
TOE01	A posição das atividades no Contexto de vida	O lazer como expressão de escolhas e opção pessoal O lazer no contexto da Terapia Ocupacional	Considerações finais
TOE02	-----	O ideário neoliberal e suas repercussões no estado brasileiro A terapia ocupacional em tempos de neoliberalismo: apontamentos a uma discussão	----- --
TOE03	Introdução	O programa de reabilitação profissional do INSS As intervenções do programa de Reabilitação profissional para o Desenvolvimento de outra profissão e/ou função pelos segurados Terapia ocupacional e reabilitação profissional	Apontamentos finais
TOE04	1. Introdução	2. A alta em Terapia Ocupacional: ampliando conceitos	3Considerações finais
TOE05	1. Apresentação	2. Minha história: como virei Terapeuta Ocupacional e professora 3. Primeiros passos: início da carreira docente na UFMG	14 E agora? - planos e expectativas

⁴¹ <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/about/submissions>

		4. Iniciando a capacitação: o mestrado 5. Germinação: iniciando uma linha de pesquisa 6. Avançando na capacitação: o doutorado 7. A criação do laboratório de pesquisa em desenvolvimento infantil 8. Combinando esforços: a pesquisa e a extensão 9. Novos ventos: criando outra linha de pesquisa 10. Plantando o futuro: envolvimento com a pós-graduação 11. Melhorando o ensino: estágio pós-doutoral 12. Inspiração: a terapia ocupacional 13. A realidade final: correndo sem chegar lá	
TOE06	1. Apresentação	2. Ser terapeuta ocupacional – começando 3. Iniciando a vida acadêmica – implantação do curso de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos 4. Primeiros anos na Universidade de São Paulo 5. Construindo parâmetros para a Terapia Ocupacional 6. Definindo uma linha de pesquisa 6.1 Construindo a titularidade e assumindo novos desafios	7. Novos tempos para a Terapia Ocupacional
TOE07	1. Apresentação	2. Exórdio: de onde venho 3. Início do meu caminhar: por onde andei 4. Um novo caminho: definindo trilhas	7. Peroração: perspectivas para novos caminhos

		5. Meu caminhar: consolidando trilhas 5.1 Trilha 1: exercendo a interdisciplinaridade nas parcerias 5.2 Trilha 2: novas propostas para o ensino 5.3 Trilha 3: estruturando laboratórios e programas acadêmicos 5.4 Trilha 4: Sinergismo pesquisa-extensão 5.5 Trilha 5: Ultrapassando os muros da UFMG - alcançando serviços de reabilitação 5.6 Trilha 6: Trilhando a administração 5.7 Trilha 7: Transpondo limites - representações externas 5.8 Trilha 8: Mais um passo à frente 5.9 Trilha 9: Avançando com a investigação e a produção científica 6. Marcas que deixei no meu caminhar: uma síntese 6.1 Implementação do foco na funcionalidade 6.2 Pós-graduação, pesquisa e produção de conhecimento	
TOE08	1. Apresentação	2 A profissionalização da/na terapia ocupacional 3 Terapeuta Ocupacional: Técnico + Político (1980-1982) 4 A Docência em Terapia Ocupacional: o início do exercício e da capacitação (1983-1988) 5 Os últimos tempos na FMUSP e a mudança para São Carlos (1988-1989) 7 Os primeiros anos na UFSCar (1991-1994) 8 Novas perguntas no campo da terapia ocupacional e a pesquisa de doutorado (1995-1999) 9 Os caminhos para a continuidade da pesquisa e do ensino em terapia ocupacional 10 O Laboratório METUIA no DTO/UFSCar: ensino, pesquisa e extensão (1999-2006) 12 O ensino no mestrado e no doutorado: caminhos pelos	16 Sobre o caminho e a continuidade: perspectivas – de 2012 para o futuro

		Fundamentos da Educação (desde 2004) 13 Renovando e consolidando interfaces: o pós-doutorado no Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Sociais em Saúde Pública (2007) 14 Sempre presente: a atuação na organização docente em terapia ocupacional, do ensino à pesquisa 15 Um Programa de Pós- Graduação em Terapia Ocupacional na UFSCar (1999-2009)	
TOE09	1. Apresentação	2. Minha história 3. A formação em Terapia Ocupacional 4. O exercício da Terapia Ocupacional e da docência 4.1 A clínica no Hospital Raul Soares 4.2 A docência na Faculdade de Ciências Médicas de Minas Gerais 5. A docência na UFMG 5.1 As disciplinas 5.2 Os projetos de ensino 5.3 A administração 5.3.1 A administração na UFMG 5.3.2 As representações externas 5.4 A extensão 5.5 Atendimento ambulatorial ao idoso: do Ambulatório Bias Fortes ao Instituto Jenny Faria de Saúde do Idoso e da Mulher 6. A capacitação 6.1 O doutorado 7. Pesquisa e produção científica 8. Pós-graduação: stricto sensu e lato sensu 8.1 O programa de Pós-graduação em Ciências da Reabilitação da UFMG 8.2 A especialização em Terapia Ocupacional 8.3 A residência integrada multiprofissional em saúde	9. Perspectivas da trajetória
TOE10	1 Apresentação	2 Vivência acadêmica na Universidade de São Paulo 2.1 Ações acadêmicas 3 A Terapia Ocupacional no Centro Universitário São Camilo	

		3.1 Atividades desempenhadas, além da coordenação e das disciplinas ministradas	
TOE11	1 Um olhar sobre a atividade humana através do Método da Escavação	2 A indicação de uma atividade pelo método 3 Estratégias e recursos terapêuticos na Escavação 4 A sacralização da atividade	
TOE12	1 Introdução	2 As atividades 3 O caráter das atividades no MTOD 4 O uso das atividades 5 Proceder com atividades 5.1 No diagnóstico situacional 5.2 No decorrer da clínica 5.3 Na avaliação 5.4 Os recursos	6 Considerações finais
TOE13	1. Introdução	2. As condições sócio-históricas de emergência da Terapia Ocupacional no capitalismo e sua inserção nas políticas sociais brasileiras	3. Considerações finais
TOE14	1 Introdução	2 Metodologia 3 Em busca de conceitos acerca da ação humana em Terapia Ocupacional 4 Ação humana: concepções em Terapia Ocupacional 5 O processo terapêutico e o significado da ação humana 6 A perspectiva da reabilitação física 7 A perspectiva da saúde mental 8 A perspectiva do campo social 9 A perspectiva da ocupação	10 Considerações finais
TOE15	1 Introdução	2 O caminho da exclusão à inclusão 3 A identidade e a diferença 4 O estigma 5 A família 6 O terapeuta ocupacional	7 Considerações finais
TOE16	1. Primeiro ato	2. Segundo ato 3. Terceiro ato 4. Quarto ato	6. Sexto ato 6.1 Considerações (provisoriamente) finais 7. Ato final
TOE17	1 Um modo de conhecer a terapia	2 Um modo de estruturar a prática em terapia ocupacional: o MTOD	6 Considerações finais

	ocupacional: as pesquisas sobre raciocínio clínico	3 Um modo de investigar a prática em terapia ocupacional 4 Raciocínio diagnóstico: um raciocínio narrativo que busca tecer relações entre os diferentes aspectos da vivência cotidiana 5 Raciocínio Procedimental: ações intencionais para agir dinamicamente na relação triádica	
TOE18	1 Introdução	2 A cidade (re)construída sob diversos olhares 3 Cidade e redes de Sociabilidade territorializadas 4 Breve história da reforma psiquiátrica brasileira 5 A construção dos dispositivos de saúde mental no território	6 Considerações finais
TOE19	1 Introdução	2 Habermas, dialogicidade e intersubjetividade: Bases de uma teoria da comunicação voltada para a emancipação 3 Intersetorialidade, Terapia Ocupacional Social e consensos fundados 4 A experiência do Curso de Terapia Ocupacional de Ribeirão Preto	5 Considerações finais
TOE20	1. Introdução	2. Da questão social à questão de gênero 3. Do Sistema Único de Assistência Social ao Programa Bolsa Família 5. Do Programa Bolsa Família à relação de gênero	6. Considerações finais
TOE21	1 Introdução	2 As drogas na história da Modernidade 3 Definição de droga 4 Nascimento da razão proibicionista 5 Medicina moderna e o “uso abusivo” de drogas	6 Considerações finais
TOE22	1 Introdução	2 O Campo Psicossocial e o Campo Psiquiátrico: Práticas que se antagonizam 3 A Terapia Ocupacional em um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico: Ressignificando o saber-fazer 4 A Captação da Realidade Objetiva: O estrutural, o	5 Considerações finais

		particular e o singular	
TOE23	1.Introdução	2. Objetivos 3. Metodologia 4. Resultados e discussão 4.1 Reforma Psiquiátrica: Aspectos gerais 4.2 Transtorno mental e família 4.3 O impacto da Reforma Psiquiátrica na família 4.4 Sobrecarga familiar 4.5 Apoio e assistência à família 4.6 Contribuições da Terapia Ocupacional no apoio e assistência à família	5.Conclusão
TOE24	1 Introdução	2 Percurso histórico da saúde mental infanto-juvenil 3 Reabilitação psicossocial e reforma psiquiátrica: transformação dos paradigmas de atenção 4 Atenção à saúde mental infantojuvenil atual: a luta pela ampliação do cuidado	5 Da política ao possível: considerações finais
TOE25	1 Introdução	2 Discussão 2.1 Conviver. Com-viver, um desafio 2.2 Dois verbetes ou modos de conviver.	3 Conclusão
TOE26	1. Introdução	2. Das políticas culturais 3. Da cidadania e da diversidade cultural 4. Cidadania e diversidade cultural nas políticas públicas do Brasil 5. As marcas do Cultura Viva – Pontos de Cultura 6. Políticas de cidadania e diversidade cultural: um tema para a Terapia Ocupacional	7.Considerações finais
TOE27	1. Introdução	2. Terapia Ocupacional em Tempos de Biopolítica 3. Culturas em Tempo de Biopolítica 4 Cultura é a Regra, Arte é a Exceção 5 Práticas em Composição	6 Para Finalizar
TOE28	1. Introdução	2 Genealogia dos Projetos terapêuticos 3 Arcabouços teóricos e visões de mundo que sustentam as concepções de projetos Terapêuticos	5 Conclusão

		4Projeto Terapêutico como produção de vida	
TOE29	1 Fundamentos sobre o desenvolvimento local participativo	2 Ordem Cultural e jogo de determinações: contribuições de Nobert Elias 3 O desenvolvimento como liberdade: as contribuições de Amartya Sen 4 Local e participação: par indissociável da liberdade e da Ordem Cultural 5 Os projetos de vida coletiva 6 O terapeuta ocupacional como articulador da abordagem em DLP 7 Uma proposta de estrutura para a prática do terapeuta ocupacional em DLP	8 Considerações finais
TOE30	1 Introdução	2 A Convivência e o Com-viver 3 A Convivência e a Terapia Ocupacional: Correlações Possíveis 4 A Convivência como um Dispositivo para a Terapia Ocupacional	5 Conclusão
TOE31	1 Apresentação	2 “Eu não sou homem, não sou mulher, tenho direito de ser quem eu quiser! ” : o que as vivências trans nos dizem sobre a vida cotidiana? 3 “Dá o nome, Mona!”: pensando as contribuições da Terapia Ocupacional nessas vivências	4 Considerações finais
TOE32	1 Introdução	2 Exercícios Etnográficos e Ética Dialógica: A Rua dos Artistas e de Diversidades Entrelaçadas 2.1 O sanfoneiro e a Praça da Sé 2.2 Piano da estação da Luz: acesso aberto 2.3 Arte da viola e violeiros do Parque da Luz 3 Dialogia como Ética da Relação 4 Exercícios Etnográficos e Urbanidade: Atividades como (Inter)ação em Setting Social em Disputa	(Conclusão na sessão 4)
TOE33	1 Introdução	2 Sociedade Civil e Conhecimento 3 Participação de Usuários em Pesquisa 4 Terapia Ocupacional na Ação	5 Conclusão
TOE34	1 Introdução	2 CTS: um novo paradigma 3 Método 4 Resultados e Discussão Pesquisa em saúde mental e gastos Difusão científica (população, clínica e políticas)	5 Conclusão

		4.3 Descompasso entre ciência (pesquisa) e clínica/políticas 4.4 Ciência como missão de promover o bem público 4.5 Tecnologias leves e relacionais para saúde mental 4.6 Institucionalização da loucura e suas consequências	
TOE35	1 Introdução	2 Bases Teóricas para a Composição de uma Hipótese de Funcionamento Psicomotor 3 Estudo da Composição Teórica da Hipótese de Funcionamento Psicomotor	4 Conclusão
TOE36	1 Introdução	2 Método 3 Resultados e Discussão 3.1 O sujeito com deficiência e o IFBr-A: a quem a Lei Complementar 142 se destina?	4 Conclusão
TOE37	1 Introdução	2 A Análise Organizacional da Segurança 3 Análise de um Evento Adverso com Morte de Criança em um Hospital de São Paulo 3.1 Relato do caso 3.2 Reações ao evento	4 Conclusão
TOE38	1 O Começo de Tudo	2 Novos Desafios em São Carlos 3 Pós-graduação 4 Nascimento do Curso de Graduação em Terapia Ocupacional da UFSCar 5 Atividades de Ensino de Graduação 6 Envolvimento com o Ensino e a Orientação na Pós-graduação 7 Criação do Laboratório de Atividade e Desenvolvimento (LAD) 8 Os Caminhos da Pesquisa e a Produção e Divulgação de Conhecimento 9 Criação do Periódico “Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar” 10 Envolvimento com a Administração Universitária	11 Encerrando um Ciclo
TOE39	1 Apresentação	2 O Começo Foi Assim... 3 Trilhando Rumo à Profissão 4 Belém, Belém... O Calor do Carimbó 5 Uma Chegada Hesitante 6 Ensinando, Brincando, Intervindo	8 Caminhando

		7 Levantando Perguntas, Investigando e Divulgando	
TOE40	1 Introdução 1.1 A institucionalização da diferença e a Representação Social das pessoas com deficiência intelectual	2 Método 3 Terapia Ocupacional e Trabalho – Transformações Conceituais e Práticas 4 O Trabalho como Direito Social das Pessoas com Deficiência Intelectual 5 A Política Nacional de Assistência Social (PNAS) e Sistema Único da Assistência Social (SUAS) 6 A atuação de terapeutas ocupacionais junto a PCDI no SUAS	7 Conclusão
TOE41	1 Introdução	2 Método 3 Uma Visão sobre a Crise do Sistema de Atividade de Prevenção – Distúrbios e Contradições 3.1 A Necessidade de um Outro Paradigma. Uma Abordagem Organizacional 3.2 Necessidade de Expandir o Objeto: dos Fatores de Risco para os Determinantes Organizacionais 3.3 Rever as Regras e Outros Componentes do SA 4 Confrontando as Duas Abordagens – o Lugar da Cultura e da Gestão de Segurança	5 Conclusão
TOE42	1 Introdução	2 Abordagem Teórica sobre o Jogo-em-relação 2.1 A gênese do jogo-em-relação 3 Psicomotricidade e Jogo-em-relação	4 Considerações Finais
TOE43	1 Introdução	2 Histórico de Pesquisa em Terapia Ocupacional e Áfricas no Brasil 3 Diversidade Cultural e Etnografia: Trilhando Percursos na Terapia Ocupacional Social	4 Considerações Finais
TOE44	1 Introdução	2 A Reabilitação Psicossocial no Campo da Saúde Mental 3 Reabilitação Psicossocial e Terapia Ocupacional no Campo da Saúde Mental: Aproximações Possíveis e Diálogos Necessários 3.1 Promoção de oportunidades de espaços de trocas... 3.2 (Re) Construção do poder contratual... 3.3 A cidadania...	4 Conclusão

TOE45	1 Introdução	2 A Formação em Terapia Ocupacional 3 O Início da Vida Profissional 4 Processos de Formação Acadêmica Após a Graduação 5 Início da Docência no Ensino Superior e a Trajetória Acadêmico-administrativa na UFSCar 6 A Participação em um Grupo de Pesquisa, o Pertencimento a um Laboratório e o Curso de Doutorado 7 Consolidação das Atividades de Ensino, Pesquisa e Extensão na Trajetória UFSCariana: dos Anos 2000 Até os Dias Atuais 8 A Criação do Primeiro Programa de Pós-graduação em Terapia Ocupacional no Brasil e na América Latina 9 Gestão Universitária: Experiências na Administração Superior da UFSCar 10 A Atuação na Pró-Reitoria de Assuntos Comunitários e Estudantis da UFSCar 11 Ações na Pró-Reitoria de Extensão da UFSCar 12 Ressignificação das Vivências: um Novo Diálogo com a Terapia Ocupacional (conclusão)	
TOE46	1 Introdução	2 Abordagem Teórica sobre o Jogo-em-relação 2.1 A gênese do jogo-em-relação 3 Psicomotricidade e Jogo-em-relação	4 Considerações Finais

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Dividimos os 46 ensaios em 3 categorias: organização padrão de ensaio, organização de seção de acordo com a trajetória acadêmica e organização de seção de artigo.

Quando falamos sobre organização padrão do ensaio, nos referimos aos ensaios que apresentam três ou mais seções, com introdução, seções de desenvolvimento e conclusão ou considerações finais. No ensaio TOE04, por exemplo, essa organização se apresenta da seguinte forma: introdução, uma seção de desenvolvimento do tema e a conclusão, ou seja, três seções bem definidas: Introdução, A alta em Terapia Ocupacional: ampliando conceitos e Conclusão. Da mesma forma, o ensaio TOE13, apresenta a mesma organização: Introdução, As condições sócio-históricas de emergência da Terapia Ocupacional no capitalismo e sua inserção nas políticas sociais brasileiras e Considerações finais.

Por outro lado, e partindo da mesma perspectiva de organização padrão, observamos que a maioria dos ensaios que se enquadravam nessa categoria apresentavam várias seções a partir da **Introdução**, como podemos observar nos seguintes ensaios: no ensaio TOE35, há 4 seções: Introdução, Bases teóricas para a composição de uma hipótese de funcionamento psicomotor, Estudo da composição teórica da hipótese de funcionamento psicomotor e Conclusão; no ensaio TOE28, há 5 seções: Introdução, Genealogia dos projetos terapêuticos, Arcabouços teóricos e visões de mundo que sustentam as concepções de projetos terapêuticos, Projeto terapêutico como produção de vida e Conclusão. Já o ensaio TOE26 apresenta 7 seções: Introdução, Das políticas culturais, Da cidadania e da diversidade cultural, Cidadania e diversidade cultural nas políticas públicas do Brasil, As marcas do Cultura Viva – Pontos de cultura, Políticas de cidadania e diversidade cultural: um tema para a Terapia Ocupacional e Considerações finais. Por último, o ensaio TOE29, apresenta 8 seções: Fundamentos sobre o desenvolvimento local participativo, Ordem cultural e jogo de determinações: contribuições de Nobert Elias, O desenvolvimento como liberdade: as contribuições de Amartya Sen, Local e participação: par indissociável da liberdade e da ordem cultural, Os projetos de vida coletiva, O terapeuta ocupacional como articulador da abordagem em DPL, Uma proposta de estrutura para prática do terapeuta ocupacional em DLP e Considerações finais.

Ainda sobre a mesma perspectiva de organização padrão, temos 2 ensaios que, apesar de apresentarem no discurso uma organização padrão, não apresentam seções marcadas no texto. São eles os ensaios: TOE02 e TOE32. No ensaio TOE02, por exemplo, não há uma seção marcada de Introdução, mas uma explicação:

busca-se analisar, com base no referencial teórico de perspectiva marxista, o processo contemporâneo de desestruturação do Estado brasileiro e os seus consequentes desdobramentos nas políticas sociais estatais, a partir da década de 1990 com a introdução da ideologia neoliberal no país, bem como tecer algumas reflexões críticas sobre possíveis impactos desse processo na Terapia Ocupacional enquanto prática social ligada à realidade histórico-concreta.

Nesse trecho, apenas há uma exposição do que será discutido ao longo do texto, o que comumente vemos em introduções de gêneros textuais acadêmicos. Da mesma forma, não há uma conclusão marcada no texto, mas uma menção à conclusão na segunda seção do texto, A terapia ocupacional em tempos de neoliberalismo: apontamentos a uma discussão:

A partir do exposto, cabe aqui, **apenas à guisa de conclusão**, ressaltar mais uma vez que os processos de orientação neoliberal, desencadeados a partir da crise capitalista da década de 1970, provocaram uma série de mudanças no mundo do trabalho e nas políticas sociais que repercutiram em todas as profissões que encontraram nessas políticas a mediação para a intervenção profissional. (TOE02, grifo nosso).

O ensaio TOE32 apresenta 4 seções: Introdução, Exercícios Etnográficos e Ética Dialógica: A Rua dos Artistas e de Diversidades Entrelaçadas (O sanfoneiro e a Praça da Sé, Piano da estação da Luz: acesso aberto, Arte da viola e violeiros do Parque da Luz), Dialogia como Ética da Relação e Exercícios Etnográficos e Urbanidade: Atividades como (Inter)ação em Setting Social em Disputa. Na última seção, ainda há a presença de discussão tema, assim como nas seções anteriores, porém, com os quatro últimos parágrafos reservados à conclusão do texto:

[...] Neste caso, trata-se de segmentos da população que vivenciam regularmente diferentes formas de desqualificação (PAUGAM, 1999) – social, cultural ou intelectual (GALVANI, 2008) – e/ou processos de ruptura de redes de suporte sociais ou afetivas (CASTEL, 1994; BARROS, 2004; BARROS et al., 2002, 2007).

Concluimos, assim, que os exercícios etnográficos realizados formam um instrumental de abordagem na terapia ocupacional social que deve ser mais bem compreendido e desenvolvido.

Os objetivos iniciais de geração de processo de ensino de graduação alicerçado em práticas de pesquisa mostraram-se promissores e profícuos. Percebeu-se que, por meio da transformação de posições entre educador-educando, pesquisador-interlocutor, pesquisa-sala de aula e entre *setting* privado de ação do terapeuta ocupacional e *setting* público, foi possível definir os contornos de ações devido à noção abrangente e aberta do conceito de atividades. [...]

É, portanto, no fazer da arte e da política que a terapia ocupacional inscreve sua ação mediadora e criativa, e reedifica a noção mesma de atividade e o lugar de um campo de saber que vai além de um espaço profissional, nas disputas corporativas.

Sobre a segunda categoria, os ensaios que apresentam a trajetória acadêmica do autor/autores, esta é diferente tanto pela quantidade de seções como pela nomenclatura usada. Dos 46 ensaios, 9 ensaios contêm uma organização de seções semelhantes. No ensaio TOE05, por exemplo, há 14 seções: Apresentação, Minha história: como virei terapeuta ocupacional e professora, Primeiros passos: início da carreira docente na UFMG, Iniciando a capacitação: o mestrado, Germinação: iniciando uma linha de pesquisa, Avançando na capacitação: o doutorado, A criação do laboratório de pesquisa em desenvolvimento infantil, Combinando esforços: a pesquisa e a extensão, Novos ventos: criando outra linha de pesquisa, Plantando o futuro: envolvimento com a pós-graduação, Melhorando o ensino: estágio pós-doutoral, Inspiração: a terapia ocupacional, A realidade final: correndo sem chegar lá. No ensaio TOE07, há 7 seções: Apresentação, Exórdio: de onde venho, Início do meu caminhar: por onde andei, Um novo caminho: definindo trilhas, Meu caminhar: consolidando trilhas (Trilha 1: exercendo a interdisciplinaridade nas parcerias, Trilha 2: novas propostas para o ensino, Trilha 3: estruturando laboratórios e programas acadêmicos, Trilha 4: Sinergismo pesquisa-extensão, Trilha 5: Ultrapassando os muros da UFMG - alcançando serviços de reabilitação, Trilha 6: Trilhando a administração, Trilha 7: Transpondo limites - representações externas, Trilha 8: Mais um passo à frente, Trilha 9: Avançando com a investigação e a produção científica),

Marcas que deixei no meu caminhar: uma síntese (Implementação do foco na funcionalidade, Pós-graduação, pesquisa e produção de conhecimento e Peroração: perspectivas para novos caminhos.

Como pudemos constatar, os ensaios que se encaixam nessa categoria apresentam mais seções e subseções, como no ensaio TOE07. Acreditamos que a quantidade é superior devido ao detalhamento da trajetória acadêmica do autor/autores do texto, desde os motivos que o fizeram escolher essa profissão, a carreira na docência e projetos futuros. Ainda nesse ensaio, pudemos observar que o texto se tratava de parte de um memorial:

Os Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar propuseram a publicação de trajetórias de pesquisadores da área com o intuito de difundir experiências e contribuir para a reflexão sobre a pesquisa no campo da terapia ocupacional, tendo como ponto de partida a história de pessoas que vem fazendo esse caminhar. Assim, inaugurando essa sessão, **apresento abaixo parte das reflexões do meu memorial**, apresentado como requisito para o concurso de professor titular, da Universidade Federal de Minas Gerais, em 2008. (Grifo nosso)

No ensaio TOE06, na apresentação há conteúdo similar:

Rerler este texto para publicá-lo é recomençar um **intenso processo de reflexão realizado quando escrevi o memorial** que integrava os requisitos para o exame de professora titular em Terapia Ocupacional na Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo no início de 2009. (Grifo nosso).

Na última categoria, a que corresponde à organização de seções similar as de um artigo científico, dos 46 ensaios, 6 estavam elencados nessa categoria. Optamos por incluir, nessa categoria, ensaios que apresentassem seções como metodologia/método, resultado e discussões. No ensaio TOE14, por exemplo, há 10 seções: Introdução, Metodologia, Em busca de conceitos acerca da ação humana em Terapia Ocupacional, Ação humana: concepções em Terapia Ocupacional, O processo terapêutico e o significado da ação humana, A perspectiva da reabilitação física, A perspectiva da saúde mental, A perspectiva do campo social, A perspectiva da ocupação, Considerações finais.

Um resumo do que foi apresentado sobre essas categorias e ensaios correspondentes está descrito no quadro a seguir:

Quadro 20 – Resumo das categorias

CATEGORIA	ENSAIOS
Organização padrão	TOE01, TOE02, TOE03, TOE04, TOE11, TOE12, TOE13, TOE15, TOE16, TOE17, TOE18, TOE19, TOE20, TOE21, TOE22, TOE24, TOE25, TOE26, TOE27, TOE28, TOE29, TOE30, TOE31, TOE32, TOE33, TOE35, TOE37, TOE42, TOE43, TOE44, TOE46

Organização trajetória acadêmica	TOE05, TOE6, TOE07, TOE08, TOE09, TOE10, TOE38, TOE39, TOE45
Organização de artigo	TOE14, TOE23, TOE34, TOE36, TOE40, TOE41

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Além de definir categorias, observamos algumas ocorrências que consideramos relevantes: 1) alguns ensaios apresentam tabelas, imagens e gráficos e 2) a maior parte dos ensaios apresentam quantidade inferior de páginas em comparação aos ensaios analisados em outras culturas disciplinares, como os ensaios encontrados em Terapia Ocupacional, com uma média de 20 páginas, e os ensaios de Sociologia, com uma média de 20 páginas. Em relação à primeira ocorrência, verificamos que, dos 46 ensaios, 4 apresentavam imagens, gráficos ou quadros. Sobre a segunda ocorrência, o número de páginas não excede a 15, algumas vezes apresentando 8 ou 9 páginas, o que difere dos ensaios analisados na cultura disciplinar de Sociologia e Linguística.

6.2 Objetivo específico 2: investigar a pessoa do discurso

Nosso segundo objetivo específico refere-se ao número de autores dos ensaios e à forma como os autores marcam a pessoa do discurso em seus ensaios. Esse objetivo é fundamental para nossa análise, pois o texto, nesse gênero, é escrito, essencialmente, em primeira pessoa do singular, como concebe Montaigne e como entendemos que deve ser dada a natureza do ensaio.

Vejamos como esse objetivo se delineou nas culturas disciplinares analisadas.

6.2.1 Ciências Sociais Aplicadas: análise da cultura disciplinar de Ciências da Informação

Nos ensaios analisados, verificamos que, dos 4 ensaios analisados, 2 apresentam apenas um autor, enquanto os outros dois ensaios apresentam mais de um autor. Partindo da perspectiva de que o ensaio é mais individual, como vimos com o seu precursor Montaigne, e que há uma escrita mais reflexiva e profunda, observamos que os dois ensaios que foram escritos individualmente trazem em si aprofundamentos de temáticas, porém não apresentam um alto grau de subjetividade, nem ao menos usam a primeira pessoa do singular, sendo, muitas vezes, utilizada a terceira pessoa do singular. Vejamos.

No ensaio CIE04, o autor propõe uma análise mais trabalhosa por conta da reflexão epistemológico-histórica, porém sem apelar para um “eu”: “Para tal empreendimento, coloca-se aqui em discussão a questão da linguagem, como pressuposto para o desenvolvimento bibliológico em um espaço-tempo epistemológico-histórico”. Ao longo do seu texto, não pudemos observar traços mais pessoais, pois o autor se afasta mais do objeto de pesquisa, trazendo outras vozes para completar sua argumentação, como vemos no seguinte exemplo: “Como aponta Morales López (2008), o aspecto social é preponderante para o surgimento do discurso da Bibliologia. É com a Revolução Francesa, em 1789, que nasce o modelo bibliológico liberal nacional, com foco na liberdade de ideias e de expressão” (CIE04). Por mais que o autor tenha pretendido fazer uma reflexão em seu estudo, não “(ou)vimos” sua voz ao longo do ensaio.

Já no ensaio CIE01, o autor não usa a primeira pessoa do singular, mas apresenta em seu texto a terceira pessoa do singular, trazendo um tom de impessoalidade para o texto. Na conclusão, por exemplo, ele não toma o texto para si, dando essa “responsabilidade” para o trabalho em si:

O trabalho procurou contemplar a questão da opinião pública na Internet e a noção de esfera pública, como proposta por Habermas, observando estes assuntos a partir das redes sociais na Internet, como um dispositivo potencializador da interação entre atores engajados em participação política (2013, p.32).

Nos ensaios que apresentam mais de um autor, CIE02 e CIE03, há a presença de terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural/terceira pessoa do singular, respectivamente. No ensaio CIE03, por exemplo, há uma mescla das pessoas do discurso, notadamente na Introdução do ensaio, com a presença do “nós” marcado ao longo dessa seção:

Nesse contexto, deparamo-nos com a seguinte questão: qual a relação entre os elementos da cultura organizacional e o processo de construção do conhecimento individual? Responder essa pergunta não consiste em tarefa fácil devido ao seu elevado grau de subjetividade. No entanto, acreditamos que os ritos de passagem presentes na cultura de uma organização podem se configurar como ponto de partida. (CIE03)

Porém, na seção Conclusão, os autores optaram por usar a terceira pessoa do singular:

Ressalta-se ainda a possibilidade de se estudarem os processos de mudança de cultura organizacional sob o prisma dos sujeitos, ou seja, quando estes se submetem a relações com outras culturas que, ao longo do tempo, podem dificultar a adaptação e o aprendizado de acordo com a capacidade de resiliência do próprio conhecimento que se forma pelas atribuições de significados específicos. Esse se configura um dos principais caminhos. (CIE03)

Percebemos que os ensaios dessa cultura disciplinar não apresentam características primordiais do ensaio, como o uso da primeira pessoa do singular ou a questão da reflexão mais

aprofundada. O que nos levar a pensar esses textos como enquadrados na categoria ensaio seria esse fator de discussão de um tema que pode ou não chegar a uma conclusão, uma vez que os temas dos ensaios partem de questões não acabadas dentro da área.

No quadro a seguir, resumizamos a descrição dos 4 ensaios analisados.

Quadro 21 – Ensaaios de Ciências da Informação por autor/pessoa

Ensaio	Nº de autores	Pessoa
CIE01	1 autor	3ª pessoa singular
CIE02	2 autores	3ª pessoa singular
CIE03	3 autores	1ª pessoa plural/ 3ª pessoa do singular
CIE04	1 autor	3ª pessoa singular

Fonte: elaborado pela autora (2023).

6.2.2 Linguística, Letras e Artes: análise da cultura disciplinar de Linguística

Na cultura disciplinar de Linguística, dos 38 ensaios analisados, 21 ensaios foram escritos por um autor, enquanto os demais apresentaram dois autores ou mais. Desses 21 ensaios, 8 foram escritos em primeira pessoa do singular ou primeira pessoa do singular e primeira pessoa do plural ou terceira pessoa do singular. Vejamos como se organizaram esses ensaios.

Na Introdução do ensaio LE05, uma característica deve ser destacada: a presença do “eu”, logo nas primeiras linhas: “comparo alguns teóricos que versaram sobre o modo como ideologia e linguagem se interligam e, dessa forma, demonstro o quão podem ser diferentes as abordagens que aproximam essas duas instâncias” (p.131, 2009). Apresenta, ainda, os autores que servirão de base para sua reflexão. Além disso, o autor pontua que as referências utilizadas são mínimas, mas, apesar disso, elas dão sustentação à argumentação do autor, o que pode nos dá uma indicação de que o texto se basta, condição importante na elaboração do ensaio. Outras vozes, contudo, são importantes para reforçar o seu pensamento.

Em Resgates teóricos, no mesmo ensaio, há a presença de subseções, com a finalidade de mostrar a definição de ideologia para cada autor, como podemos observar nos seguintes trechos: “o filósofo marxista Althusser ([1969] 1985) concebe a ideologia como imaginário que intermedeia a relação das pessoas com suas condições de existência” (2009, p.159) e que Pêcheux e Fuchs “preferem caracterizar a ideologia como uma instância que tem uma existência material e se articula com o domínio da economia” (2009, p. 162-163). Notamos neste ponto

que a autora mostra um possível “embate” entre as definições dos autores, o que vai ao encontro do que propõe: apresentar comparações.

Nas subseções seguintes, o autor mostra outros autores e definições de ideologia, lançando mão de citações diretas tanto dos autores em foco, como de outras referências. O que nos chama a atenção é que, se tivemos um “eu” marcado com mais propriedade na introdução, na segunda seção vemos um afastamento da autora, que dá espaço a uma terceira pessoa, ou às vozes dos autores. Utiliza, ainda, marcas linguísticas comuns na escrita acadêmica (de artigos, dissertações e teses), tais como “Para o crítico, essa definição, embora útil, é refutável por dois motivos” (2009, p.171), “Na ótica do autor, deve-se falar em ideologia com respeito aos usos específicos da linguagem, produtores de determinados efeitos” (2009, p.172) ou ainda outras marcas como: “o autor comenta” ou “o autor critica”. Nesse momento, não vemos um posicionamento do autor, não vemos um comentário ou crítica particular, o que contraria a expectativa criada pelo autor, no início do seu texto, quando sinaliza para um texto mais autoral, independente.

Na Análise comparativa de LE05, a última seção do ensaio, há a presença de retomadas ou sínteses dos conceitos apresentados na seção anterior: “Conforme já exposto, Pêcheux e Bakhtin assemelham-se por argumentarem que o acesso à ideologia se dá por intermédio da língua” (2009, p.176). Assim, o autor do ensaio continua comparando autores (assim como já era sua intenção), porém apenas no último parágrafo do ensaio, podemos ver traços de pessoalidade:

Eis a ilustração de diferenças que surgem quando o propósito é explicar de que modo ideologia e linguagem se entrelaçam. Se fossem considerados outros autores e mobilizados outros conceitos dos intelectuais aqui mencionados, aumentariam ainda mais as controvérsias (e talvez as semelhanças) acerca dessa temática que suscita tensas discussões (LE05 2009, p.178)

Notamos, neste ensaio, que há uma tentativa de aproximar o texto escrito de um “eu” que teria opinião própria, que se posicionaria, mas que aparece no texto apenas para reafirmar que há alguém por trás do texto. Muitas vezes, recorre à terceira pessoa quando faz menção ao que os autores pensam sobre a ideologia (a definição de ideologia é frequentemente retomada ao longo do ensaio).

No geral, os ensaios da cultura disciplinar de Linguística, ao menos no recorte feito nesta análise, foram escritos em primeira pessoa do plural.

A seguir, há uma descrição dos ensaios analisados por número de autores e pessoa.

Ensaio	Nº de autores	Pessoa
LE01	1 autor	1ª pessoa singular
LE02	1 autor	1ª pessoa plural
LE03	2 autores	1ª pessoa plural
LE04	2 autores	1ª pessoa plural
LE05	1 autor	1ª pessoa singular/ 3ª pessoa singular
LE06	1 autor	3ª pessoa singular
LE07	2 autores	3ª pessoa singular
LE08	1 autor	1ª pessoa singular/ 3ª pessoa singular
LE09	2 autores	3ª pessoa singular
LE10	1 autor	1ª pessoa plural
LE11	1 autor	1ª pessoa singular
LE12	1 autor	3ª pessoa singular
LE13	1 autor	1ª pessoa singular/ 1ª pessoa plural
LE14	2 autores	1ª pessoa plural
LE15	2 autores	1ª pessoa plural
LE16	1 autor	1ª pessoa plural
LE17	1 autor	1ª pessoa plural
LE18	1 autor	3ª pessoa singular
LE19	1 autor	1ª pessoa singular
LE20	1 autor	3ª pessoa singular
LE21	2 autores	3ª pessoa singular
LE22	1 autor	1ª pessoa singular/ 1ª pessoa plural
LE23	1 autor	1ª pessoa plural
LE24	2 autores	3ª pessoa singular
LE25	2 autores	1ª pessoa plural
LE26	2 autores	3ª pessoa singular
LE27	1 autor	1ª pessoa plural
LE28	2 autores	1ª pessoa plural

LE29	2 autores	1ª pessoa plural/ 3ª pessoa singular
LE30	2 autores	3ª pessoa singular
LE31	2 autores	1ª pessoa plural
LE32	1 autor	1ª pessoa plural/ 3ª pessoa singular
LE33	1 autor	1ª pessoa plural/ 3ª pessoa singular
LE34	2 autores	3ª pessoa singular
LE35	1 autor	3ª pessoa singular
LE36	1 autor	1ª pessoa singular/ 3ª pessoa singular
LE37	3 autores	3ª pessoa singular/ 1ª pessoa plural
LE38	1 autor	3ª pessoa singular/ 1ª pessoa plural

Fonte: elaborado pela autora (2023).

6.2.3 Ciências Humanas: análise da cultura disciplinar de Sociologia

Na cultura disciplinar de Sociologia, dos 15 ensaios analisados, 11 ensaios apresentaram um autor, enquanto os demais apresentaram dois autores ou mais. Desses 11 ensaios, apenas dois foram escritos em primeira pessoa do singular ou primeira pessoa do singular e terceira pessoa do singular. Ao avaliarmos a totalidade dos ensaios, notamos que houve prevalência de ensaios escritos em terceira pessoa do singular (11 de 15 ensaios), o que sinaliza possível caráter mais objetivo do texto, contrário ao que comumente encontramos em ensaios. Vejamos alguns trechos como exemplos.

No ensaio SE06, não há mudanças ao longo do texto, sendo usada a primeira pessoa do singular, tanto na introdução e conclusão do texto como nas seções de discussão do assunto:

Trato então neste ensaio das versões disponíveis da Sociologia Política brasileira sobre o assunto (e das versões de alguns ideólogos do autoritarismo nacional), enfatizando o que me parecem ser suas principais dificuldades e limitações para explicar a afinidade entre as antigas elites políticas estaduais e as novas instituições políticas federais sob o Estado Novo. (SE06, p.274)

A primeira pessoa do singular do trecho anterior corresponde à Introdução do texto, que permanece nas seções posteriores em que há maior destaque o aporte teórico:

Começo pela quarta interpretação. Ao menos em termos empíricos, é a menos difícil de refutar-se, embora, pelas questões que mobiliza, seja um tanto difícil de ser explicada. [...] Reconheço que, assim tomados, esses dados só desmentem a assertiva segundo a qual os Departamentos não existiram de fato, mas não dizem nada sobre o conteúdo das decisões examinadas pela agência, nem sobre o tipo de atividade (e seu significado) que eles desempenharam no sistema institucional do Estado ditatorial. (SE06, p. 275)

Ao final do texto, o autor encerra ainda deixando marcado o eu, “A utilidade da **minha** abordagem”, registro de sua voz, aspecto importante no ensaio:

A utilidade da minha abordagem não consiste em revelar apenas os novos pontos de acesso dos políticos profissionais de antigamente à arena política, além da estrutura institucional mais geral que tornou esse ingresso tanto possível quanto útil “administrativamente”. (SE06, p. 286)

Já o ensaio SE15 apresentou alternância entre as pessoas do discurso. Na seção da Introdução, por exemplo, notou-se uma predominância da terceira pessoa do singular quando o autor do ensaio descreveu o que seria discutido ao longo do texto:

A próxima seção descreve as principais opções de fontes e tipos de informação utilizados para estimar as preferências de cidadãos e representantes. Na seção III, **apresenta-se** (grifo nosso) os principais argumentos esgrimidos no debate sobre estes tópicos. Na seção IV, apresenta-se e se discute alguns dos principais tipos de indicadores utilizados para mensurar a congruência entre estas preferências. Ao final, faz-se um balanço dos argumentos apresentados ao longo do artigo. (SE15)

Porém, utiliza a primeira pessoa do singular ao citar seu próprio trabalho:

Em trabalho anterior com a finalidade de estimular o debate sobre essa literatura no país, ainda pouco presente em nossa produção acadêmica (Carreirão 2015), **apresentei** (grifo nosso) brevemente a evolução histórica desses estudos, situando diferenças metodológicas centrais relacionadas às unidades de análise (comparação entre eleitores, de um lado, e representantes individuais, partidos, o Congresso como um todo ou governos, de outro) e ao escopo espaço-temporal – estudos num único país ou estado vs. estudos comparados – e estudos “estáticos” vs. “dinâmicos”. Propus ali, também, uma agenda de pesquisa sobre congruência política no país e indiquei alguns dos problemas a serem superados no caso brasileiro. (SE15)

Os demais ensaios apresentaram a terceira pessoa do singular, sem mudanças ao longo das seções.

A seguir, estão descritos os ensaios analisados por número de autores e pessoa.

Quadro 23 – Ensaio de Sociologia por autor/pessoa

Ensaio	Nº de autores	Pessoa
SE01	1 autor	3ª pessoa singular

SE02	1 autor	1ª pessoa plural
SE03	1 autor	3ª pessoa singular
SE04	1 autor	1ª pessoa plural
SE05	1 autor	3ª pessoa singular
SE06	1 autor	1ª pessoa singular
SE07	1 autor	3ª pessoa singular
SE08	1 autor	3ª pessoa singular
SE09	1 autor	3ª pessoa singular
SE10	1 autor	1ª pessoa plural
SE11	2 autores	3ª pessoa singular
SE12	3 autores	3ª pessoa singular
SE13	3 autores	3ª pessoa singular
SE14	2 autores	1ª pessoa plural/ 3ª pessoa singular
SE15	1 autor	1ª pessoa singular/ 3ª pessoa singular

Fonte: elaborado pela autora (2023).

6.2.4 Ciências da Saúde: análise da cultura disciplinar de Terapia Ocupacional

Na cultura disciplinar de Terapia Ocupacional, dos 46 ensaios analisados, 20 ensaios apresentaram um autor, enquanto 18 ensaios apresentaram dois autores e 8 ensaios apresentaram mais de 3 autores.

O que chamou nossa atenção em um primeiro momento foram os ensaios que apresentaram mudanças de pessoa ao longo do texto. Dos 46 ensaios, 5 apresentaram a seguinte configuração: ou os ensaios estavam escritos em 3ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural ou 1ª pessoa do singular e 1ª pessoa do plural. Vejamos como os ensaios foram organizados seguindo esse critério.

Os ensaios TOE14, TOE19, TOE41 e TOE46 apresentaram mudanças ao longo das seções. No ensaio TOE14, por exemplo, essas mudanças de pessoa ao longo do texto ficaram evidenciadas nas seções logo após a Introdução. Na Introdução do texto, vimos a presença da primeira pessoa do plural:

Pensar sobre a ação humana em Terapia Ocupacional é caminhar por um território de diversidades. Conceitos e opiniões se complementam e parecem divergir entre os

terapeutas que se lançam à tentativa de explicar essa relação ao mesmo tempo íntima e dialética. Talvez por este motivo, associado às inquietações que emergiam naturalmente no contato com os sujeitos atendidos, **compartilhávamos uma dúvida**: quando **nossas** intervenções realmente tinham valor terapêutico? (grifos nossos). Seguindo uma ou outra linha de pensamento, a Terapia Ocupacional que praticávamos parecia mais próxima ou distante de alcançar seus objetivos. (TOE14)

É importante atentarmos que o ensaio TOE14, dentre os 46 ensaios analisados, foi o único que apresentou 5 autores em sua composição. Destacamos também que o ensaio foi fruto de uma pesquisa do Laboratório de Estudos em Terapia Ocupacional, como destacado ao fim do texto.

Nas seções seguintes, vemos uma mescla quanto à pessoa do discurso, como podemos observar nos seguintes trechos:

Esse trabalho vem sendo realizado por alguns profissionais da área e não é objetivo deste artigo. Procuramos caminhar por algumas conclusões de estudos epistemológicos no assunto, propondo um breve passeio pelo mosaico de concepções já desenvolvidas, permeado pelas impressões que reverberam em nós. Para tanto, situamos a análise da ação humana, em períodos históricos, e do processo terapêutico ocupacional em diferentes campos de atuação, didaticamente divididos em: reabilitação física, saúde mental e campo social, complementados por uma análise, em separado, das ideias da Ciência Ocupacional, que permeia todas as áreas. (TOE14)

O trecho anterior faz parte da seção 3, “Em busca de conceitos acerca da ação humana em Terapia Ocupacional”, e na seção seguinte, “Ação humana: concepções em Terapia Ocupacional”, há mudança na pessoa do discurso: “No entanto é preciso destacar que, mesmo entre os terapeutas ocupacionais, ainda há discordâncias quanto ao significado de termos centrais na profissão. Para alguns, atividade e ocupação são conceitos distintos” (TOE14). Ao chegar à conclusão do texto, os autores retomam a primeira pessoa do plural:

Reconhecemos que cometíamos (grifo nosso) esse erro antes da realização do artigo. Guardávamos certo preconceito ao falar em ocupação, acreditando que “o certo” era referir-se à ação humana em Terapia Ocupacional enquanto atividade. Associávamos ocupação a uma execução limitada destituída de significado, ao fazer por fazer, para passar o tempo. [...] No entanto, é imperativo salientar que não compartilhamos dois aspectos principais das ideias dos cientistas da ocupação que pesquisamos. [TOE14]

No ensaio TOE31, vemos um texto escrito por um autor em que há a predominância da primeira pessoa do singular (em destaque), mas com primeira pessoa do plural em algumas seções. Vejamos como o autor organizou o texto na seção Apresentação:

Nessa pesquisa, **procuro entender** como a proliferação do acesso a internet tem interferido nas dimensões políticas e subjetivas sobre as vivências trans, a partir desses espaços de interlocução virtual. [...] **O contato** não somente com as informantes, como também com a realidade social, histórica e cultural na qual elas estão imersas, somado às minhas vivências como terapeuta ocupacional **têm me proporcionado** reflexões sobre como as experiências de pessoas que desafiam a norma binária dos gêneros trazem para a cena e tensionam as nossas concepções sobre sociedade, vivência às margens, dinâmicas sociais e sobre a condução de nossas práticas profissionais na sua relação com o fazer humano, numa dimensão não somente prática como metodológica. (TOE31, p. 216, grifo nosso)

Na seção 3, observamos que o autor do texto amplia a noção de pessoa, partindo do “eu” para um “nós”:

Se pensarmos a hereticonormatividade sem restringi-la a uma concepção de heterossexualidade, perceberemos que ela está completamente ligada a formas de organização da vida social, modelos, papéis e práticas [...] Tomando essas concepções como base de uma problemática, podemos questionar: Quantas travestis, em nossas vivências práticas, temos visto assumindo a chefia de uma grande empresa? (TOE31, p.219)

Na conclusão do texto, o autor retoma a primeira pessoa do singular (“busquei propor”):

O que busquei propor por meio das reflexões suscitadas neste artigo não tem nada de conclusivo. Enrijecer as possibilidades de debate, ao se falar de uma perspectiva Queer é demasiado contraditório e, portanto, problemático. Debrucei-me sobre essas proposições numa tentativa de incitar um debate sobre (outras) formas de ser e existir no mundo e, principalmente, sobre como, politicamente, em muitas medidas, nem mesmo a gramática social tem dado conta de incorporar as vivências trans no repertório das possibilidades de acesso a bens e serviços e, consequentemente, de uma vida com dignidade. (TOE31, p. 221)

Outro critério que ressaltamos como relevante é referente à categoria que elencamos no objetivo 1, relacionado aos ensaios que se organizam de acordo com a trajetória acadêmica do autor. Não houve mudança de pessoa do discurso ao longo das seções, como observamos no trecho “O começo de tudo”, do ensaio TOE38:

O motivo da minha escolha pela Terapia Ocupacional foi semelhante ao de muitos colegas que, no final da adolescência, não tinham bem clara a profissão que iriam escolher. Eu queria ajudar as pessoas, fazer a diferença em suas vidas, e, nessa busca, deparei-me com a descrição da profissão Terapia Ocupacional no livro do CESCUM – sistema vestibular da área Biológica em São Paulo, criado em 1964 –, o que me interessou porque parecia atender às minhas expectativas de vida profissional e pessoal. (TOE38, p. 236)

Da mesma forma, na mesma seção, no ensaio TOE39 também encontramos a primeira pessoa marcada no discurso:

Esta é uma tarefa de trazer à memória todos os aspectos importantes de uma trajetória acadêmica, buscando identificar o que tem feito nexos neste emaranhado de conhecimento. Memórias sempre marcadas de emoções, que se fizeram presentes através de pessoas – sejam elas professores, pacientes, colegas, cuidadores, mas, acima de tudo, seres humanos – que não estão aqui somente de passagem, mas que vieram cumprir seu papel nessa história, contribuindo para um mundo melhor. (TOE39, p.436)

Notamos que, na cultura disciplinar de Terapia Ocupacional, ao menos no recorte que fizemos, a primeira pessoa do singular evidenciou-se mais nos textos em que haveria maior reflexão sobre a vida acadêmica do autor, e nos demais ensaios houve predominância da terceira pessoa do singular, porém em textos que apresentavam mais de um autor.

No quadro a seguir, estão descritos os ensaios analisados por número de autores e pessoa.

Quadro 24 – Ensaios de Terapia Ocupacional por autor/pessoa

Ensaio	Nº de autores	Pessoa
TOE01	1 autor	3ª pessoa singular
TOE02	1 autor	3ª pessoa singular
TOE03	2 autores	3ª pessoa singular
TOE04	2 autores	1ª pessoa plural
TOE05	1 autor	1ª pessoa singular
TOE06	1 autor	1ª pessoa singular
TOE07	1 autor	1ª pessoa singular
TOE08	1 autor	1ª pessoa singular
TOE09	1 autor	1ª pessoa singular
TOE10	1 autor	1ª pessoa singular
TOE11	2 autores	1ª pessoa plural
TOE12	2 autores	1ª pessoa plural
TOE13	2 autores	1ª pessoa plural
TOE14	5 autores	1ª pessoa plural / 3ª pessoa singular
TOE15	1 autor	3ª pessoa singular
TOE16	1 autor	1ª pessoa singular
TOE17	1 autor	1ª pessoa singular
TOE18	2 autores	3ª pessoa singular
TOE19	1 autor	1ª pessoa plural / 3ª pessoa singular
TOE20	3 autores	1ª pessoa plural
TOE21	1 autor	3ª pessoa singular
TOE22	1 autor	3ª pessoa singular
TOE23	3 autores	3ª pessoa singular
TOE24	2 autores	3ª pessoa singular
TOE25	2 autores	3ª pessoa singular
TOE26	2 autores	3ª pessoa singular

TOE27	2 autores	3ª pessoa singular
TOE28	1 autor	3ª pessoa singular
TOE29	2 autores	3ª pessoa singular
TOE30	3 autores	1ª pessoa plural
TOE31	1 autor	1ª pessoa singular/1ª pessoa plural
TOE32	4 autores	1ª pessoa plural
TOE33	2 autores	3ª pessoa singular
TOE34	4 autores	3ª pessoa singular
TOE35	2 autores	3ª pessoa singular
TOE36	3 autores	3ª pessoa singular
TOE37	2 autores	3ª pessoa singular
TOE38	1 autor	1ª pessoa singular
TOE39	1 autor	1ª pessoa singular
TOE40	2 autores	3ª pessoa singular
TOE41	2 autores	3ª pessoa singular/ 1ª pessoa plural
TOE42	1 autor	3ª pessoa singular
TOE43	2 autores	3ª pessoa singular
TOE44	2 autores	3ª pessoa singular
TOE45	1 autor	1ª pessoa singular
TOE46	3 autores	3ª pessoa singular/ 1ª pessoa plural

Fonte: elaborado pela autora (2023).

6.3 Objetivo específico 3: esquematizar a organização retórica dos ensaios nas culturas disciplinares escolhidas

Para este objetivo específico, usamos as categorias que elencamos no Capítulo 2, sobre as características do ensaio: texto aberto, texto sem desfecho, linguagem mais formal, teor reflexivo lento e fragmentado, aprofundamento do objeto/tema. Assim, ao final de cada

explicação dos movimentos retóricos de cada cultura disciplinar, discutimos se podemos encontrar nos textos essas características, que os irmanem no gênero ensaio.

6.3.1 Ciências Sociais Aplicadas: análise da cultura disciplinar de Ciências da Informação

A análise dos ensaios da cultura disciplinar de Ciências da Informação apresentou uma organização retórica similar nos 4 ensaios. Iniciamos com a esquematização dos ensaios especificamente para, em seguida, traçar um esquema retórico dos 4 ensaios.

De acordo com nossa análise, o ensaio CIE01 apresentou 3 movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto e está dividido em três passos: Situar o tema, delinear objetivos e descrever a organização do texto;
- Movimento retórico 2: referente à seção em que se apresenta a contribuição teórica a ser discutida, e apresenta 4 passos: definir conceitos, apresentar contribuições teóricas, reforçar contribuições teóricas e discutir contribuições teóricas e
- Movimento retórico 3: referente à seção de conclusão do texto, com a presença de apenas dois passos: retomar objetivo e opinar sobre as contribuições teóricas.

Na tabela a seguir, há a descrição dos movimentos retóricos presentes no ensaio CIE01.

Tabela 01 – Movimentos retóricos do ensaio CIE01

Movimento retórico 1 – Introdução do texto		
Passo 1	Situar o tema	e
Passo 2	Delinear objetivos	e
Passo 3	Descrever a organização do texto	
Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas		
Passo 1- Definir conceitos		
Passo 2 – Apresentar contribuições teóricas		
Passo 3 – Reforçar contribuições teóricas		
Passo 4 – Discutir contribuições teóricas		
Movimento retórico 3 – Conclusão do texto		
Passo 1 – Retomar objetivo		
Passo 2 – Opinar sobre contribuições teóricas		

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Para exemplificar, salientamos alguns trechos do ensaio, de acordo com o movimento retórico e os passos apresentados, como podemos observar no quadro seguir:

Quadro 25 - Organização retórica do ensaio CIE01

Movimento Retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1: Introdução do texto	Passo 1 – <i>Situar o tema</i>	“O presente trabalho busca abordar, a partir da visão de Jürgen Habermas, a noção de esfera pública e opinião pública na Internet, tratando de algumas considerações sobre esses temas” (2013, p. 27)
	Passo 2 – <i>Delinear objetivos</i>	“[...]busca-se trazer à lume algumas reflexões sobre a participação política nesses espaços” (p.27) / “este trabalho objetiva abordar aspectos de uma possível esfera pública na Internet [...]” (p.28)
	Passo 3 - <i>Descrever a organização do texto</i>	“Sem a pretensão de trazer respostas, mas, sim, vislumbrar caminhos a serem trilhados, percorre-se brevemente os conceitos de esfera pública, opinião pública e redes sociais (na Internet), visando, a partir da interlocução desses conceitos, algumas reflexões sobre o tema”. (p.28)
Movimento retórico 2: Contribuições teóricas	Passo 1 – <i>Definir conceitos</i>	“Adota-se aqui o conceito de esfera como um campo ou área em que se exerce alguma atividade – intelectual ou física -, sendo um campo que expande determinado poder (Houaiss, 2009).” (2013, p. 28)
	Passo 2 - <i>Apresentar contribuições teóricas</i>	“Como Habermas (2003) deixa explícito no prefácio de seu trabalho “Mudança estrutural da esfera pública”, a ideia de esfera pública parte de uma categoria típica de época, sendo engendrada no desenvolvimento da sociedade burguesa com início na Idade Média.” (p.28)
	Passo 3 – <i>Reforçar contribuições teóricas</i>	“Embora Habermas não tivesse proposto uma teoria ajustada particularmente às novas mídias e sim às conversações públicas a partir da classe burguesa, pode-se constatar que sua teoria da esfera pública é um suporte disseminado para trabalhar o papel da mídia como guardião da democracia e do direito do público de ser informado (Mortensen; Walker, 2002)” (p. 30)
	Passo 4 – <i>Discutir contribuições teóricas</i>	“Deve-se pensar no fato do ‘Modelo de esfera pública que exige dos cidadãos um engajamento e racionalidade constantes parece ser pouco correspondente à realidade social contemporânea’ (Marques, 2006, p.183). Assim, somente atitudes capazes de promover nos indivíduos a participação social e política em assuntos relevantes, bem como a capacidade crítica, serão capazes de promover um real

		alavancamento do conceito de esfera pública, subsidiando o que Habermas (2003) definiu como uma das qualificações de um homem privado com acesso à esfera pública: formação educacional” (p.32)
Movimento retórico 3: Conclusão do texto	Passo 1 – <i>Retomar objetivo</i>	“O trabalho procurou contemplar a questão da opinião pública na Internet e a noção de esfera pública, como proposta por Habermas, observando estes assuntos a partir das redes sociais na Internet, como um dispositivo potencializador da interação entre atores engajados em participação política” (p. 32)
	Passo 2 – <i>Opinar sobre contribuições teóricas</i>	“Por fim, essa é uma visão que apresenta, com certeza, um agente inspirador (e talvez, uma possibilidade de ousar, utópico, mas também é um projeto de concretude. Não obstante, cabe a cada indivíduo promover, através das redes sociais na Internet, a possibilidade de resgatar uma cidadania rompida entre a esfera política, representada e com poder de decisão, e uma esfera civil, além de propor investigações sobre até que ponto há alcance efetivo de proposições defendidas nos debates gestados nesta esfera” (p. 32)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

O ensaio CIE02 apresentou organização similar ao ensaio anterior. Vejamos os movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: apresenta a introdução do texto e, diferentemente do ensaio CIE01, há 4 passos: situar o tema, apresentar definições, delinear objetivos e descrever a organização do texto;
- Movimento retórico 2: nesse movimento, vimos organizadas as contribuições teóricas, que foram delineadas em 4 passos: apresentar conceitos, definir conceitos e relacionar pontos de vista e
- Movimento retórico 3: no último movimento, verificamos a conclusão do texto, no qual encontramos apenas dois passos: expor a importância do estudo e apresentar possível aplicação do estudo.

Na tabela a seguir, há a descrição dos movimentos retóricos presentes no ensaio CIE02.

Tabela 02 – Movimentos retóricos do ensaio CIE02

Movimento retórico 1 – Introdução do texto
Passo 1 - Situar o tema

Passo 2- Apresentar definições

Passo 3 - Delinear objetivos

Passo 4 - Descrever a organização do texto

Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas

Passo 1 – Apresentar conceitos

Passo 2 – Definir conceitos

Passo 3 – Relacionar pontos de vista

Movimento retórico 3 – Conclusão do texto

Passo 1 – Expor importância do estudo

Passo 2 – Apresentar possível aplicação do estudo

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Para exemplificar, salientamos alguns trechos do ensaio, de acordo com o movimento retórico e os passos apresentados, como podemos observar no quadro seguir:

Quadro 26 – Organização retórica do ensaio CIE02

Movimento Retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1	Passo 1 – <i>Situar o tema</i>	“O estudo das relações sociais e da interação entre as pessoas é um dos interesses de pesquisa nas Ciências Sociais e, em especial, no escopo da Ciência da Informação”. (2013, p.246)
	Passo 2 – <i>Apresentar definições</i>	“Redes de um modo estudam um conjunto de atores similares, como pessoas, organizações, grupos sociais etc.”. (p.246) / “Na Análise de Redes Sociais, os dados de dois modos referem-se às ligações registradas entre dois conjuntos de entidades” (p. 246)
	Passo 3 – <i>Delinear objetivos</i>	“Com o objetivo de conceituar e apresentar as redes de dois modos, este artigo aborda o escopo dessas redes, que também são denominadas redes de afiliação ou bipartidas, e tem o intento de introduzir as possibilidades de aplicação” (p. 246)
	Passo 4 – <i>Descrever a organização do texto</i>	“Inicialmente apresenta-se as abordagens de George Simmel para interação e círculos sociais que fundamentam a compreensão dos parâmetros específicos de redes de dois modos. Em seguida, resgata-se os processos de ARS para introduzir as redes de dois modos e suas peculiaridades para o estudo das ligações de atores e entidades sociais,

		conceituando e exemplificando aplicações iniciais”. (p. 246)
Movimento retórico 2: Contribuições teóricas	Passo 1 – <i>Apresentar conceitos</i>	“A interação e os círculos sociais são conceitos apresentados por George Simmel no início do século XX e, neste artigo, são relacionados aos conceitos que delineiam as redes de dois modos ou de afiliação” (p. 246)
	Passo 2 – <i>Definir conceitos</i>	“Os processos de interação e de sociação, para Simmel (1983), são considerados como básicos quando socialmente analisados. A interação é uma forma de sociação, conceito cunhado por Simmel que trata do agrupamento de indivíduos em unidades por interesses comuns. É por meio da interação que pode-se observar os círculos sociais, interligações entre indivíduos de grupos distintos e dentro de um mesmo grupo” (p. 246)
	Passo 3 – <i>Relacionar pontos de vista</i>	Comum a todos estes pontos de vista está a ideia de que os atores são reunidos por sua participação conjunta em entidades sociais. Participação conjunta em entidades sociais, na visão de Wasserman e Faust (1994), não só fornece a oportunidade para os atores interagirem, mas também aumenta a probabilidade de desenvolverem ligações diretas” (p. 248)
Movimento retórico 3: Conclusão do texto	Passo 1 – <i>Expor importância do estudo</i>	“As redes de dois modos possibilitam ao pesquisador verificar a forma com que atores e entidades estão relacionados e, ainda, constatar que as entidades criam ligações entre os atores e, por sua vez, os atores criam ligações entre as entidades” (p. 251)
	Passo 2 – <i>Apresentar possível aplicação do estudo</i>	“Muitas são as aplicações possíveis para redes de dois modos ou de afiliações, como, por exemplo: - Composição de conselhos acadêmicos - conjuntos: 1) membros, 2) conselhos; - Membros de associações - conjuntos: 1) membros, 2) associações; - Pesquisadores e temas/campos de pesquisa - conjuntos: 1) pesquisadores, 2) campos/áreas do conhecimento; [...]” (p. 252)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

No ensaio CIE03, vimos também 3 movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto e foram identificados 4 passos: situar o tema, apresentar questionamento, delinear objetivos e descrever a organização do texto;
- Movimento retórico 2: também referente às contribuições teóricas do texto, que se apresentaram em 2 passos: definir conceitos e apresentar exemplos e
- Movimento retórico 3: também referente à conclusão do texto, o qual apresentou 3 passos: sintetizar objetivos, sintetizar contribuições teóricas e apontar caminhos de pesquisa.

Na tabela a seguir, há a descrição dos movimentos retóricos presentes no ensaio CIE03.

Tabela 03 – Movimentos retóricos do ensaio CIE03

Movimento retórico 1 – Introdução do texto

Passo 1 - Situar o tema

Passo 2 - Apresentar questionamento

Passo 3- Delinear objetivos

Passo 4 - Descrever a organização do texto

Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas

Passo 1 – Definir conceitos

Passo 2 – Apresentar exemplos

Movimento retórico 3 – Conclusão do texto

Passo 1 – Sintetizar objetivos

Passo 2 – Sintetizar contribuições teóricas

Passo 3 – Apontar caminhos de pesquisa

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Para exemplificar, salientamos alguns trechos do ensaio, de acordo com o movimento retórico e os passos apresentados, como podemos observar no quadro seguir:

Quadro 27 – Organização retórica do ensaio CIE03

Movimento		Exemplo
Retórico	Passo	
Movimento retórico 1	Passo 1 – <i>Situar o tema</i>	“Assim, a cultura organizacional é vista como alternativa de integração das crenças e dos valores compartilhados, bem como dos comportamentos individuais em prol do consenso e da manutenção da estabilidade organizacional”. (2015, p.180)

	Passo 2 – <i>Apresentar questionamento</i>	“Nesse contexto, deparamo-nos com a seguinte questão: qual a relação entre os elementos da cultura organizacional e o processo de construção do conhecimento individual?” (p.180)
	Passo 3 – <i>Delinear objetivos</i>	“Nesse sentido, o objetivo deste artigo consiste em analisar a relação entre os ritos de passagem inerentes à cultura organizacional e o processo de construção do conhecimento nos sujeitos”
	Passo 4 – <i>Descrever a organização do texto</i>	“ [...] buscou-se inicialmente descrever as principais correntes teóricas que influenciam os estudos da cultura organizacional, bem como os conceitos que fundamentam o processo de apropriação da informação pelos sujeitos no sentido de evidenciar a dimensão simbólica dos ritos de passagem estabelecidos pelas organizações e suas influências nos aspectos cognitivos que afetam a construção de conhecimentos” (p.181)
Movimento retórico 2: Contribuições retóricas	Passo 1 – <i>Definir conceitos</i>	“Na Gestão Comparativa, a organização é vista como um instrumento social para a realização da tarefa, e a cultura se configura como instrumento capaz de satisfazer as necessidades humanas biológicas e psicológicas (Teoria Clássica da Administração). Na Cultura Corporativa, a organização é vista como organismo adaptativo existente por um processo de troca com o ambiente, cabendo à cultura a função de mecanismo adaptativo-regulatório com vistas para a coesão dos sujeitos na estrutura social (Teoria Contingencial)” (p. 181)
	Passo 2 – <i>Apresentar exemplos</i>	“Como exemplo de ritos de passagem na vida organizacional moderna, Trice e Beyer (1984) apresentam, com base em Bourne (1967), os eventos e comportamentos envolvidos no processo de iniciação do sujeito no serviço militar do Exército” (p. 182)
Movimento retórico 3: Conclusão do texto	Passo 1 – <i>Sintetizar objetivos</i>	“Em síntese, a pretensão deste artigo consistiu em analisar a relação entre os ritos de passagem inerentes à cultura organizacional e o processo de construção do conhecimento nos sujeitos” (p. 187)
	Passo 2 – <i>Sintetizar contribuições teóricas</i>	“Os ritos de separação foram relacionados com a etapa de abstração e seleção da informação, a qual se caracteriza pelo distanciamento da informação que não se configura como relevante “ (p. 187)
	Passo 3 – <i>Apontar</i>	“Ressalta-se ainda a possibilidade de se estudarem os processos de mudança de cultura

	<i>caminhos de pesquisa</i>	organizacional sob o prisma dos sujeitos, ou seja, quando estes se submetem a relações com outras culturas que, ao longo do tempo, podem dificultar a adaptação e o aprendizado de acordo com a capacidade de resiliência do próprio conhecimento que se forma pelas atribuições de significados específicos. Esse se configura um dos principais caminhos” (p.187)
--	-----------------------------	---

Fonte: elaborado pela autora (2023).

No último ensaio dessa área analisado, encontramos 3 movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto, com 3 passos: situar o tema, apresentar citações diretas e delinear objetivos;
- Movimento retórico 2: apresenta as contribuições teóricas do texto, com 3 passos: apresentar tema, apresentar contribuições teóricas e resgatar momento histórico e
- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, com apenas um passo: destacar questões em aberto.

Na tabela a seguir, há a descrição dos movimentos retóricos presentes no ensaio CIE04.

Tabela 04 – Movimentos retóricos do ensaio CIE04

Movimento retórico 1 – Introdução do texto	
<i>Passo 1 - Situar o tema</i>	
<i>Passo 2 - Apresentar citações diretas</i>	
<i>Passo 3 - Delinear objetivos</i>	
Movimento retórico 2 - Contribuições teóricas	
<i>Passo 1 – Apresentar tema</i>	
<i>Passo 2 – Apresentar contribuições teóricas</i>	
<i>Passo 3 – Resgatar momento histórico</i>	

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Para exemplificar, salientamos alguns trechos do ensaio, de acordo com o movimento retórico e os passos apresentados, como podemos observar no quadro seguir:

Quadro 28 – Organização retórica do ensaio CIE04

Movimento		Exemplo
Retórico	Passo	
Movimento retórico 1	Passo 1 – <i>Situar o tema</i>	“No jogo de palavras que ora se interpõe política ou epistemologicamente no contexto de nossas ações,

		que em português responderiam por Biblioteconomia, Bibliografia, Documentação e Ciência da Informação (nomes amplamente adotados na paisagem de escolas, institutos, centros e outras organizações ao longo do século XX e na atualidade dedicadas ao trato conceitual e aplicado da informação), encontra-se como integrante outra noção não menos histórica e não menos inventiva. Trata-se da construção emancipatória do conceito de bibliologia e da ciência tratada por Bibliologia ou, ainda, por Ciências Bibliológicas[...]” (2016, p. 196)
	Passo 2 – <i>Delinear objetivos</i>	“A proposta deste estudo, sob a via metodológico-teórica de uma epistemologia histórica, de fundo diltheyano, é discutir alguns aspectos preponderantes da Bibliologia, tomada como macrociência da Organização dos Saberes entre Peignot e Otlet, ou seja, dois de seus momentos de maior produção argumentativa. É, pois, objetivo deste estudo perceber tal epistemologia como pioneira na tentativa de sustentação de uma epistême geral para o que hoje se trata por estudos informacionais”. (p.196)
	Passo 3 – <i>Apresentar citações diretas</i>	“Nas palavras do advogado belga, “[...] o livro torna-se uma forma de elaboração do pensamento humano, a concretização deste pensamento em seu mais alto grau. A Bibliologia já não se limita a ser tecnológica. Torna-se psicológica, pedagógica, sociológica” (Otlet, 1934, p.93, grifo e tradução minha)” (p. 197)
Movimento retórico 2	Passo 1 – <i>Apresentar tema</i>	“A invenção ‘científica’ do simbólico no âmbito da organização dos saberes, ou seja, das artes antientrópicas denominadas no Novecentos como informacionais, se dá no século XIX. Essa caracterização, no entanto, é fruto de mais de dois milênios de construção: as aproximações hodiernas entre ‘informação e poder’, ‘documento e inteligência’, ‘biblioteca e sabedoria’ são fruto do simbolismo que é edificado em torno do objeto livro [...]” (p. 197)
	Passo 2 – <i>Apresentar contribuições teóricas</i>	“Também como ocorre no pensamento do advogado belga, Peignot (1802a, 1802b) atentar-se para as práticas bibliológicas de maneira ampla, envolvendo os futuros domínios da Museologia e da Arquivologia, além de outros saberes, trabalhando em sua reflexão, por exemplo, com os gabinetes de história natural e física” (p.198)

	<i>Passo 3 – Resgatar momento histórico</i>	“No âmbito da Revolução Francesa, consolidam-se os estados nacionais (impulsionando a futura formalização, tardia, da Alemanha e da Itália) e a necessidade de uma ‘fronteira simbólica’ sob/sobre a ‘fronteira política’ - o mapa político como aquilo que é: retórica cartográfica -, que será sustentada pelas Bibliotecas Nacionais [...]” (p.198)
Movimento retórico 3: Conclusão do texto	<i>Passo 1 - Destacar questões em aberto</i>	“Dentre as questões nucleares, de fundo conceitual e epistemológico, que permanecem em aberto, destacam-se: 1) o problema crítico do posicionamento da Bibliografia, ora como ciência, ora como teoria, ora como método, quando colocada sua relação com Bibliologia e, por extensão, com os usos de conceitos disciplinares tecidos nos últimos duzentos anos nesse campo [...]” (p. 206)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Ao compararmos os 4 ensaios analisados, verificamos que, apesar de haver diferenças sobre a quantidade de passos em cada movimento, há 3 movimentos retóricos bem definidos, como já foi observado no objetivo 1.

Sobre o movimento retórico 1, que corresponde à introdução do texto, pudemos observar que o passo 1 – Situar o tema – é recorrente em todos os ensaios; já o passo 2 delineou-se de forma diversificada, pois encontramos 4 possibilidades de passos: delinear objetivos, apresentar definições, apresentar questionamentos e apresentar citações diretas. Já o passo 3 também foi recorrente em dois ensaios e apresentou duas variações: descrever a organização do texto e delinear objetivos. Houve a ocorrência de um passo 4, apenas em um ensaio: descrever a organização do texto. Destacamos como peculiaridade no movimento retórico 1 o fato de os mesmos passos serem encontrados em locais diferentes, como “descrever a organização do texto” e “delinear objetivos”. Ainda assim, essas diferenças não desautorizam a inserção do passo. Ao contrário, é pertinente à inserção desses passos como pertencentes à seção de introdução. Ainda, nos chamou a atenção a presença de citações diretas ao longo da introdução, que não parece comum (recorrente) em ensaios, que tendem a usar, apenas, citações do referencial teórico a ser discutido.

Sobre o movimento retórico 2, correspondente às contribuições teóricas, verificamos que esse movimento apresentou 4 passos, com média de 3 passos. No passo 1, encontramos 3 variações: definir conceitos, apresentar conceitos e apresentar tema; no passo 2, encontramos as seguintes variações: apresentar contribuições teóricas, definir conceitos e apresentar exemplos; no passo 3, há 3 variações: reforçar contribuições teóricas, relacionar pontos de vista

e resgatar momento histórico; e no passo 4, apenas referente à discussão de contribuições teóricas. Da mesma forma que foi encontrado no movimento retórico 1, no 2 há variações de passos que se encontram em momentos diferentes, como “definir conceitos”. Porém, essa organização do texto não interfere no entendimento global do movimento, referente à ideia de inserir o aporte teórico e fazer reflexões.

Sobre o último movimento, correspondente à conclusão do texto, verificamos também diversidade quanto à quantidade de passos, com uma média de 3 passos. Foram encontradas as seguintes variações no passo 1: retomar objetivos, expor importância do estudo, sintetizar objetivos e destacar questões em aberto; no passo 2, há as seguintes variações: opinar sobre contribuições teóricas, apresentar possível aplicação de estudo e sintetizar contribuições teóricas; e em apenas um ensaio encontramos a possibilidade de um terceiro passo, apontar caminhos de pesquisa. Dos 3 movimentos, este último foi o que apresentou a maior pluralidade, uma vez que todos são diferentes entre si. Ainda que sejam diferentes, a ideia de conclusão está presente, mesmo que esses passos sejam comumente encontrados em artigos científicos, por exemplo.

Por fim, na tabela a seguir estão elencados os movimentos retóricos gerais dos ensaios.

Tabela 05 – Movimentos retóricos gerais dos ensaios em Ciências da Informação

Movimento retórico 1 – Introdução do texto

Passo 1 – Situar o tema

Passo 2 – Delinear objetivos *e/ou*

– *Apresentar definições* *e/ou*

– *Apresentar questionamentos* *e/ou*

– *Apresentar citações diretas*

Passo 3 *Descrever a organização do texto* *e/ou*

Delinear objetivos

Passo 4 *Descrever a organização do texto*

Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas

Passo 1– Definir conceitos *e/ou*

– *Apresentar conceitos* *e/ou*

– *Apresentar tema*

Passo 2 –Apresentar contribuições teóricas *e/ou*

– *Definir conceitos* *e/ou*

– *Apresentar exemplos* *e/ou*

Passo 3 – Reforçar contribuições teóricas *e/ou*

– *Relacionar pontos de vista* *e/ou*

– *Resgatar momento histórico*

Passo 4 – Discutir contribuições teóricas

Movimento retórico 3 – Conclusão do texto

Passo 1 – Retomar objetivos e/ou

– *Expor importância do estudo e/ou*

– *Sintetizar objetivos e/ou*

– *Destacar questões em aberto*

Passo 2 – Opinar sobre contribuições teóricas e/ou

– *Apresentar possível aplicação do estudo e/ou*

– *Sintetizar contribuições teóricas*

Passo 3 – Apontar caminhos de pesquisa

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Sobre as categorias de análise que elencamos no capítulo 2 e aqui retomadas, vejamos cada uma delas:

a) Texto aberto: sobre essa categoria, verificamos que nos ensaios analisados o autor/autores do texto explicitaram de forma direta os objetivos do texto, não deixando espaço para a subjetividade, como comumente encontramos nos ensaios;

b) Texto sem desfecho, que cabe ao leitor tirar as próprias conclusões: sobre a conclusão, verificamos que os ensaios apresentaram conclusões similares às conclusões de artigo ou dissertação, como retomar os objetivos já explicitados na introdução e apontar caminhos de pesquisa; apenas um dos ensaios poderia ser elencado nessa categoria, ao direcionar o leitor a verificar possíveis questões que permaneceram em aberto;

c) Linguagem mais formal: sobre essa categoria, em todos os ensaios, observamos a presença de linguagem formal, não deixando espaço para um diálogo mais particularizado com o leitor; além disso, podemos recordar que os ensaios em análise, ainda que alguns apresentassem apenas um autor, não houve a presença de um “eu”, o que poderia apontar para esse diálogo mais particular com o leitor;

d) Teor reflexivo lento e fragmentado: sobre essa categoria, vimos que todos os ensaios, ainda que apresentassem reflexões sobre o tema, não foram organizados e escritos de forma lenta e fragmentada, mas objetiva e sequenciada; relembremos aqui o conceito de ensaio encontrado no site do periódico: reflexão sobre tema que origine futuras pesquisas. Mesmo que não tenham sido encontradas tais categorias, em relação ao que propõe a revista, os textos analisados são considerados ensaios;

e) Aprofundamento do objeto/tema: sobre essa categoria, há aprofundamento do tema quando o autor/autores citam ao longo do texto o referencial teórico, usam citações diretas e indiretas e quando relacionam essas teorias e traçam reflexões, ainda que as reflexões sejam gerais e não direcionadas a uma reflexão mais particular.

6.3.2 Linguística, Letras e Artes: análise da cultura disciplinar de Linguística

Para os ensaios da cultura disciplinar de Linguística, analisamos 3 ensaios. Vejamos como se organizou o ensaio LE01.

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto, e foram encontrados 3 passos: apresentar objetivo, descrever a organização do texto e apresentar aporte teórico;
- Movimento retórico 2: é referente às contribuições teóricas e foram encontrados 2 passos: situar contribuições teóricas e refletir sobre o tema, e
- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, e foram encontrados 2 passos: refletir sobre o tema e apontar caminhos para futuras pesquisas.

Na tabela abaixo, estão delineados os movimentos retóricos do ensaio.

Tabela 6 – Movimentos retóricos do ensaio LE01

Movimento retórico 1 – Introdução
<i>Passo 1- Apresentar objetivo</i>
<i>Passo 2 - Descrever a organização do texto</i>
<i>Passo 3 – Apresentar aporte teórico</i>
Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas
<i>Passo 1 – Situar contribuições teóricas</i>
<i>Passo 2 – Refletir sobre o tema</i>
Movimento retórico 3 – Conclusão do texto
<i>Passo 1 – Refletir sobre o tema</i>
<i>Passo 2 – Apontar caminhos para futuras pesquisas</i>

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro a seguir, estão os movimentos retóricos e passos do ensaio analisado.

Quadro 29 - Organização retórica do ensaio LE01

Movimento retórico		Exemplo
	Passo	
Movimento retórico 1 Introdução do texto	<i>Passo 1- Apresentar objetivo</i>	No presente estudo, proponho uma abordagem da tatuagem como um gênero. Para isso, trabalharei com o material semiótico ¹ dessa técnica, ou seja, com o texto resultante da inserção na pele de pigmentos capazes de diferenciar determinadas regiões corpóreas. (2009, p. 131)
	<i>Passo 2 - Descrever a organização do texto</i>	“Para desenvolver essa proposta seguirei três eixos norteadores: os gêneros do discurso na teoria bakhtiniana; a tatuagem como um gênero e a relação: enunciação/enunciado – textualização/textualidade. Alerto que esses tópicos não aparecerão sequencialmente estruturados. Procurarei segui-los intercambiando-os, conforme for conveniente, para responder às questões formuladas.” (p. 131)
	<i>Passo 3 – Apresentar aporte teórico</i>	“Teoricamente farei uso de Bakhtin para embasar o quadro geral desta pesquisa: os gêneros do discurso, no qual as noções de enunciado e estilo também serão essenciais.” / “Para pensar a questão do texto e da textualização, utilizo formulações propostas por Orlandi (1988, 1993, 2001)” (p. 132)

Movimento retórico 2 Contribuições teóricas	<i>Passo 1 – Situar contribuições teóricas</i>	“Bakhtin (2002) entende que o problema da significação é um dos mais difíceis da linguística. Um sentido definido e único, uma significação unitária, é uma propriedade que pertence a cada enunciação como um todo” (p. 133)
	<i>Passo 2 – Refletir sobre o tema</i>	“É interessante notarmos o uso da tatuagem em culturas diferentes, pois os enunciados que circulam numa e noutra cultura também serão diferentes e a produção de sentido estará diretamente imbricada nesses enunciados” (p. 149)
Movimento retórico 3 Conclusão do texto	<i>Passo 1 – Refletir sobre o tema</i>	“Voltando à questão da significação, é importante – e no caso da tatuagem isso fica muito claro – a historicidade social do sujeito (que se tatua). O sentido de uma tatuagem realizada numa dada época poderá não corresponder em uma outra, mesmo pertencendo à mesma pessoa” (p. 152)
	<i>Passo 2 – Apontar caminhos para futuras pesquisas</i>	“A questão do apagamento da tatuagem também renderia ótimas reflexões. Poder-se-ia perguntar o que leva o sujeito (tatuado) à retirada desse texto do seu corpo? E o apagamento, por si só, não produziria um outro enunciado e outras significações ao corpo? As cicatrizes seriam novas marcas de significação? Poder-se-ia pensar o que estaria o

		sujeito deixando de enunciar ou enunciar-se?” (p. 153)
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora.

Vejamos como se organizou o ensaio LE35.

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto, e foram encontrados 2 passos: situar o tema e delinear objetivo;
- Movimento retórico 2: é referente às contribuições teóricas e foram encontrados 3 passos: apresentar contexto histórico, apresentar conceitos atuais e discutir tema, e
- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, e foram encontrados 2 passos: refletir sobre o tema e apontar caminhos para futuras pesquisas. Vejamos na tabela a seguir os movimentos retóricos do ensaio.

Tabela 07 – Movimentos retóricos do ensaio LE35

Movimento retórico 1 – Introdução

Passo 1- Situar o tema

Passo 2 – Delinear objetivo

Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas

Passo 1 – Apresentar contexto histórico

Passo 2 – Apresentar conceitos atuais

Passo 3 – Discutir tema

Movimento retórico 3 – Conclusão do texto

Passo 1 – Refletir sobre o tema

Passo 2 – Resumir tema

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro a seguir, estão trechos que correspondem ao movimento retórico e aos passos do ensaio analisado.

Quadro 30 - Organização retórica do ensaio LE35

Movimento retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1 Introdução do texto	<i>Passo 1- Situar o tema</i>	“Os estudos bakhtinianos são perpassados por polêmicas, entre as quais: (i) a disputada autoria de alguns textos, que são tributados a Bakhtin ou a outros membros do Círculo, como Voloshinov ou Medviédev (BRAZINOV, 2012 [2011]; BRONCKART, 2012; GRILLO, 2012; ARÁN, 2014); (ii) questões de tradução e de recepção das obras bakhtinianas no Ocidente (LIMA, 2005 [1997])” (2017, p. 137)
	<i>Passo 2 – Delinear objetivo</i>	“Na esteira dessas questões, no presente artigo, pretende-se discutir o controverso emprego do termo “intertextualidade” como (praticamente) sinônimo da ideia bakhtiniana de dialogismo” (p. 137)
Movimento retórico 2 Contribuições teóricas	<i>Passo 1 – Apresentar contexto histórico do tema</i>	“Tanto o formalismo russo quanto as concepções de Kristeva parecem estar impressionados pelas “inovações” do futurismo, que vinha contestando diversos aspectos do fazer literário e poético. É no bojo dos experimentos futuristas que se chegará a crer ser possível desvincular a obra de arte de qualquer realidade, inclusive do autor. Nesse sentido, é relevante observar que Kristeva dialoga com outros intelectuais do ambiente

		francês do final da década de 1960, em especial Barthes, que chegou a decretar “A morte do autor” (BARTHES, 1993 [1968])” (p. 140)
	Passo 2 – Apresentar conceitos atuais	“De qualquer modo, a noção de intertextualidade é bastante corrente no Brasil e, se há estudiosos que, como Bezerra (2011 [2010]), negam veementemente qualquer reconhecimento à expressão “intertextualidade”, há também aqueles que, como Fiorin (2006), esforçam-se para compreender a noção de intertextualidade a partir dos escritos do Círculo” (p. 143)
	<i>Passo 3 – Discutir tema</i>	“Não se pretende dizer com isso que as vozes que habitam os discursos de personagem e de narrador não possam ser externos à obra. Basta assinalar, por exemplo, as incontáveis referências que as personagens de Dostoiévski fazem a obras literárias, filosóficas e religiosas” (p. 148-149)
Movimento retórico 3 Conclusão do texto	<i>Passo 1 – Refletir sobre o tema</i>	“Sublinhar que dialogismo interno e externo podem coincidir, mas são fenômenos diferentes, ajuda a ver que intertextualidade recobre apenas as relações dialógicas externas – as supostas relações

		entre textos –, sem considerar que no âmbito de um único enunciado podem se configurar relações dialógicas internas” (p.149)
	<i>Passo 2 – Resumir tema</i>	“Em síntese, pode-se dizer que dialogismo não é intertextualidade. Intertextualidade remete ao externo. Sem desconsiderar obviamente o externo – pois o enunciado é um elo na cadeia da comunicação discursiva –, é preciso ver que há um acabamento formal (e momentaneamente conteudístico) em cada texto” (p.150)

Fonte: elaborado pela autora.

Por fim, vejamos como se organizou o ensaio LE38.

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto, e foram encontrados 5 passos: situar o tema, apresentar trabalhos anteriores, apontar lacuna, delinear objetivo, descrever organização do texto;
- Movimento retórico 2: é referente às contribuições teóricas e foram encontrados 3 passos: apresentar contexto histórico, apresentar conceitos atuais e discutir tema, e
- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, e foram encontrados 2 passos: refletir sobre o tema e apontar caminhos para futuras pesquisas.

Tabela 08 – Movimentos retóricos do ensaio LE38

Movimento retórico 1 – Introdução

Passo 1- Situar tema

Passo 2 – Apresentar trabalhos anteriores

Passo 3 – Apontar lacuna

Passo 4 – Delinear objetivos

Passo 5 – Descrever organização do texto

Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas

Passo 1 – Apontar contribuições teóricas

Passo 2 – Problematizar conceitos

Passo 3 – Organizar conceitos

Movimento retórico 3 – Conclusão do texto

Passo 1 – Refletir sobre o tema

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro abaixo, estão os movimentos retóricos e passos encontrados no ensaio.

Quadro 31 - Organização retórica do ensaio LE38

Movimento retórico		Exemplo
	Passo	
Movimento retórico 1 Introdução do texto	<i>Passo 1- Situar tema</i>	“Formação discursiva (doravante FD) é um dos principais conceitos da Análise do discurso constituída em torno dos trabalhos de Michel Pêcheux, na França” (2018, p. 647)
	<i>Passo 2 – Apresentar trabalhos anteriores</i>	“Há diversos trabalhos sobre a história da Análise do discurso francesa; sobre o empreendimento ou o percurso de Pêcheux em particular; e, ainda, sobre o conceito de FD (Cf. sobre esta última questão GUILHAUMOU, 2007; SANTOS, 2015; BARONAS, 2007)” (p. 648)
	<i>Passo 3 – Apontar lacuna</i>	“No entanto, sobre FD, parecem faltar trabalhos que façam uma abordagem histórico-epistemológica do conceito, isto é, que reconstruam a síntese conceitual em que ele está inserido; que indiquem os problemas que ele formula, bem como os componentes

		que definem sua endo-consistência” (p. 648)
	<i>Passo 4 – Delinear objetivos</i>	“ O presente ensaio pretende contribuir para o preenchimento de algumas das lacunas acima apontadas, sem objetivar, absolutamente, ser a última palavra acerca da questão” (p. 648)
	<i>Passo 5 – Descrever organização do texto</i>	“A exposição será útil a duas finalidades: uma é fazer uma abordagem de natureza histórico-epistemológica da evolução do conceito pecheutiano; outra é elencar elementos de base para uma distinção deste com o conceito foucaultiano de mesmo nome.” (p. 648)
Movimento retórico 2 Contribuições teóricas	Passo 1 – Apontar contribuições teóricas	“Para fazer a história epistemológica do conceito de FD, temos inescapavelmente de recorrer a Georges Canguilhem. Como se sabe, foi ele quem assinalou a importância da análise e crítica dos conceitos para a história de um saber com pretensões científicas” (p. 648)
	Passo 2 – Problematizar conceitos	“O primeiro problema visado no projeto pecheutiano é a busca de uma teorização das ideologias concretas no seio de uma sociedade em dado momento histórico. A reflexão de Michel Pêcheux em seus primeiros trabalhos (dois artigos publicados com o pseudônimo de Thomas Herbert) centra-se na tentativa de elaboração de uma teoria geral das ideologias, em consonância com o projeto teórico de seu mestre Louis Althusser. Mas, logo em seguida, seus esforços se direcionam à teorização sobre as ideologias concretas, tal

		como elas aparecem nas sociedades de classes, isto é, divididas em regiões e apresentando uma tendência de classe” (p. 651)
	<i>Passo 3 – Organizar conceitos</i>	“De nosso ponto de vista, trata-se de dois conceitos diferentes, com uma coincidência de termos que o designam. Trata-se de um caso de homonímia, e não de polissemia ou, muito menos, de sinonímia. Cada autor elaborou seu próprio conceito, no interior de uma rede conceitual específica e para responder a uma problemática específica [...]” (p.659)
Movimento retórico 3 Conclusão do texto	<i>Passo 1 – Refletir sobre o tema</i>	“Como dissemos neste ensaio, a perspectiva mais pertinente para se compreender o conceito de FD da AD francesa (incluindo nessa história não somente a questão de sua paternidade, mas principalmente a de sua evolução) parece ser mesmo a epistemológica” (p. 661)

Fonte: elaborado pela autora.

Sobre as categorias de análise, vejamos cada uma delas:

a) Texto aberto: os ensaios de Linguística não apresentaram textos abertos, pois as seções dos ensaios estavam bem marcadas ao longo do texto;

b) Texto sem desfecho, e cabe ao leitor tirar as próprias conclusões: em sua maioria, os ensaios apresentam uma seção de conclusão muito marcada. Ao verificarmos a organização dos ensaios, vimos que os ensaios apresentaram um teor mais reflexivo na conclusão do texto, indicando maior reflexão sobre o tema;

c) Linguagem mais formal: a linguagem é essencialmente formal;

d) Teor reflexivo lento e fragmentado: os ensaios não apresentam teor reflexivo lento, mas objetivo e organizado, sem digressões por parte do autor/autores; o teor reflexivo são encontrados na conclusão do texto, quando o autor faz uma reflexão sobre o tema;

e) Aprofundamento do objeto/tema: os ensaios apresentam aprofundamento do tema, pois apresentam fundamentação teórica consistente, porém raras são as vezes em que os autores aprofundam o tema de forma particular, sendo destinado mais à conclusão do texto em forma de reflexão.

6.3.3 Ciências Humanas: análise da cultura disciplinar de Sociologia

Na cultura disciplinar de Sociologia, analisamos 15 ensaios e utilizaremos 2 ensaios como exemplo. Vejamos como se organizam retoricamente os ensaios SE02 e SE06.

No ensaio SE02, encontramos os seguintes movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: referente à introdução do tema, e foram encontrados 4 passos: situar o tema, delinear objetivos, apresentar questionamentos e descrever a organização do texto;
- Movimento retórico 2: referente às contribuições teóricas, e foi encontrado apenas um passo: apresentar contribuições teóricas, e
- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, e foram encontrados 2 passos: resumir tema e apontar caminhos de pesquisa.

Na tabela a seguir, estão delineados os movimentos retóricos do ensaio.

Tabela 09 – Movimentos retóricos do ensaio SE02

Movimento retórico 1 – Introdução

Passo 1- Situar o tema

Passo 2 - Delinear objetivos

Passo 3 - Apresentar questionamentos

Passo 4 – Descrever a organização do texto

Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas

Passo 1 – Apresentar contribuições teóricas

Movimento retórico 3 – Conclusão do texto

Passo 1 – Resumir tema

Passo 2 – Apontar caminhos de pesquisa

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro a seguir, estão os movimentos retóricos e os passos encontrados no ensaio.

Quadro 32 - Organização retórica do ensaio SE02

Movimento retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1 Introdução do texto	<i>Passo 1- Situar o tema</i>	“É mais ou menos consensual no âmbito das Ciências Sociais que a palavra “Positivismo” tem um significado negativo, assim como que já possuiu um significado positivo. Acompanhar a mudança de valoração dessa palavra é historiar uma parte importante da história das Ciências Sociais no Brasil e no mundo ao longo do século XX e início do século XXI” (2009, p. 319)
	<i>Passo 2 - Delinear objetivos</i>	“Neste ensaio bibliográfico trataremos de algumas das mais representativas dessas pesquisas que recuperam o pensamento original de Comte: de Laurent Fédi, <i>Comte</i> (2008); de Juliette Grange, <i>La philosophie d’Auguste Comte. Science, politique, religion</i> (1996), e, de Sérgio Tiski, <i>A questão da religião em Augusto Comte</i> (2008)” (p. 320)
	<i>Passo 3 - Apresentar questionamentos</i>	“Dessa forma, antes de discutirmos os livros indicados acima, é necessário examinarmos duas outras questões, intimamente relacionadas: 1) quais e o que são os ‘positivismos’? 2) Do que o ‘Positivismo’ é acusado? Essas questões não são secundárias [...]” (p. 320)
	<i>Passo 4 – Descrever a organização do texto</i>	“Este artigo terá a seguinte estrutura. Como o presente tema é a recuperação da obra de Comte, em um primeiro

		momento examinaremos algumas formas usuais de abordá-lo nas Ciências Sociais – em particular, na obra de Anthony Giddens, que apresenta um caráter paradigmático a respeito [...]” (p. 320)
Movimento retórico 2 Contribuições teóricas		
	Passo 1 – Apresentar contribuições teóricas	“[...] assim, para os fins desta discussão, escolhemos Anthony Giddens, autor de inúmeras obras de referência em Teoria Social e em história da Sociologia. Certamente esse famoso sociólogo não é o único que comete os erros que indicaremos” (p. 321)
Movimento retórico 3 Conclusão do texto	<i>Passo 1 – Resumir tema</i>	“A fim de indicar as contribuições recentes de pesquisadores que apresentam um Comte “clássico” (no sentido de Alexander), foi necessário antes comentar vários mitos e interpretações erradas a seu respeito” (p.340)
	<i>Passo 2 – Apontar caminhos de pesquisa</i>	“Mas, sem dúvida, outras tantas observações poderiam ser feitas a propósito de outros críticos e comentadores, de que a Escola de Frankfurt e mesmo alguns marxistas são bons exemplos” (p. 340)

Fonte: elaborado pela autora.

Já no ensaio SE06, foram encontrados os seguintes movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: referente à introdução, e foram encontrados 2 passos: situar o tema e delinear objetivos;
- Movimento retórico 2: referente às contribuições teóricas, e foram encontrados 2 passos: elencar temas de discussão e descrever o tema de discussão, e
- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, e foi encontrado apenas um passo: apresentar importância do estudo.

Na tabela a seguir, estão elencados os movimentos retóricos do ensaio.

Tabela 10 – Movimentos retóricos do ensaio SE06

Movimento retórico 1 – Introdução	
<i>Passo 1- Situar o tema</i>	
<i>Passo 2 - Delinear objetivos</i>	
Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas	
<i>Passo 1 – Elencar temas de discussão</i>	
<i>Passo 2 – Descrever o tema de discussão</i>	
Movimento retórico 3 – Conclusão do texto	
<i>Passo 1 – Apresentar importância do estudo</i>	

Fonte: elaborado pela autora.

No quadro a seguir, estão os movimentos retóricos e os passos encontrados no ensaio.

Quadro 33 - Organização retórica do ensaio SE06

Movimento retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1 Introdução do texto	<i>Passo 1- Situar o tema</i>	“Os departamentos administrativos – ou ‘daspinhos’, como se convencionou chamar – foram criados pelo Decreto-Lei n. 1 202 em 8 de abril de 1939 (BRASIL, 1939) e começaram a funcionar já no segundo semestre desse ano. Quatro anos mais tarde eles passaram a chamar-se ‘Conselhos Administrativos’ (cf. o Decreto-Lei n. 5 511, de 21 de maio de 1943 (BRASIL, 1943))” (2011, p. 273)
	<i>Passo 2 - Delinear objetivos</i>	“Na revisão da literatura a seguir, discuto as três tarefas – a política, a econômica e a burocrática”/ Os objetivos aqui são discutir

		detidamente os diagnósticos que tomam explícita ou implicitamente os departamentos administrativos dos estados como objeto e fazer um balanço das suas dificuldades e, em menor medida, de seus acertos” (p. 273-274)
Movimento retórico 2 Contribuições teóricas	<i>Passo 1 – Elencar temas de discussão</i>	“Há quatro maneiras diferentes de considerar os departamentos administrativos dos estados (DAEs). Na base delas, há também quatro maneiras diferentes de considerar o próprio Estado Novo” (2011, p. 274)
	<i>Passo 2 – Descrever o tema de discussão</i>	“Começo pela quarta interpretação. Ao menos em termos empíricos, é a menos difícil de refutar-se, embora, pelas questões que mobiliza, seja um tanto difícil de ser explicada” (p. 275)
Movimento retórico 3 Conclusão do texto	<i>Passo 1 – Apresentar importância do estudo</i>	“A utilidade da minha abordagem não consiste em revelar apenas os novos pontos de acesso dos políticos profissionais de antigamente à arena política, além da estrutura institucional mais geral que tornou esse ingresso tanto possível quanto útil ‘administrativamente’. Mas, sim, em descrever, com base nas biografias coletivas da elite, a configuração social e política dos grupos dirigentes, ao lado da modificação do seu papel e de sua respectiva ideologia no contexto político nacional. Trata-se de explicar, enfim, as <i>características do regime</i> (seja seu desenho, sejam as instituições que o

		integram), a partir das <i>características da elite</i> “ (p. 286)
--	--	--

Fonte: elaborado pela autora.

Sobre as categorias de análise, vejamos cada uma delas:

a) Texto aberto: os ensaios de Sociologia apresentaram características de um texto aberto, em que o autor do texto dialoga com o leitor. Lembremos que a maioria dos ensaios de Sociologia foram escritos apenas por um autor;

b) Texto sem desfecho, e cabe ao leitor tirar as próprias conclusões: todos os ensaios apresentam uma seção de conclusão muito marcada, mas o ponto de reflexão é geralmente marcado por perspectivas de pesquisas futuras;

c) Linguagem mais formal: a linguagem é essencialmente formal;

d) Teor reflexivo lento e fragmentado: os ensaios apresentam teor reflexivo lento, porém objetivo e organizado, e com digressões por parte do autor/autores;

e) Aprofundamento do objeto/tema: os ensaios apresentam aprofundamento do tema, pois apresentam fundamentação teórica consistente, e os autores aprofundam o tema de forma particular, em todas as seções do ensaio, e não apenas na conclusão do texto.

6.3.4 Ciências da Saúde: análise da cultura disciplinar de Terapia Ocupacional

Para os ensaios da cultura disciplinar de Terapia Ocupacional, utilizamos as categorias que elencamos no objetivo 1. Assim, separamos os ensaios que apresentaram a organização padrão de ensaio, organização de seção de acordo com a trajetória acadêmica e a organização de seção de artigo. Vejamos como se organiza o ensaio TOE12, com relação à primeira categoria, o qual representa o total de ensaios analisados.

No ensaio TOE12, identificamos os seguintes movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto, e apresenta 4 passos: apresentar tema, apresentar citações diretas, traçar resgate histórico sobre o tema e delinear objetivos;
- Movimento retórico 2: referente às seções que apresentam as contribuições teóricas. No ensaio em questão, há apenas 2 passos: definir conceitos e reforçar contribuições teóricas, e
- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, e, neste ensaio, há a presença apenas de um passo: resumir o texto.

Na tabela abaixo, estão delineados os movimentos retóricos deste ensaio.

Tabela 11 – Movimentos retóricos do ensaio TOE12

Movimento retórico 1 – Introdução do texto
<i>Passo 1- Apresentar tema</i>
<i>Passo 2 – Apresentar citações diretas</i>
<i>Passo 3 – Traçar resgate histórico sobre o tema</i>
<i>Passo 4 - Delinear objetivos</i>
Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas
<i>Passo 1- Definir conceitos</i>
<i>Passo 2 – Reforçar contribuições teóricas</i>
Movimento retórico 3 – Conclusão do texto
<i>Passo 1 – Resumir texto</i>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

No quadro a seguir, estão elencados trechos do ensaio TOE12, separados por movimento retórico e passo.

Quadro 34 - Organização retórica do ensaio TOE12

Movimento Retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1: Introdução do texto	Passo 1 – <i>Apresentar o tema</i>	“Assim sendo, um método, desenhado num caminho particular para terapeutas ocupacionais, é regido pela singularidade do seu emprego em diferentes situações profissionais. E isso tanto se levarmos em consideração as situações de assistência, como as de ensino e de pesquisa’ (2013, p. 646)
	Passo 2 – <i>Apresentar citações diretas</i>	“Atualmente, reforçamos essa ideia, ao levar em consideração a proposição de Kuhn: Suas realizações foram suficientemente sem precedentes para atrair um grupo duradouro de partidários, afastando-os de outras formas de atividades científicas dissimilares. [...]” (p.646)
	<i>Passo 3 - Traçar resgate histórico sobre o tema</i>	“O MTOD fundamenta-se no Paradigma da Terapia Ocupacional. Fundada entre 1905 e 1915, dependendo das leis de ensino e das profissões de cada estado norte-americano, a Terapia Ocupacional teve, como construtores, um único grupo de profissionais, composto por médicos, enfermeiras e assistentes sociais, liderados por Eleanor Clarke Slagle (BENETTON, 1998)” (p. 646).

	<i>Passo 4 - Delinear objetivos</i>	“Apesar de considerarmos que esses três termos deveriam ser apresentados e estudados como um conjunto, faremos um exercício (arriscado) de separá-los neste artigo” (p. 646)
Movimento retórico 2: Contribuições teóricas	<i>Passo 1 – Definir conceitos</i>	“No CETO, definimos a profissão a partir dela: [...] a arte de aplicar conhecimentos científicos, empíricos e certas habilidades específicas decorrentes do uso de atividades à criação de estruturas, dispositivos e processos que são utilizados para converter recursos físicos, psicológicos e sociais em formas adequadas à prevenção, manutenção e tratamento em Saúde, Educação, na área Social e demais correlatas (BENETTON, 1994, p.i, grifo nosso)” (p. 647)
	<i>Passo 2 - Reforçar contribuições teóricas</i>	“Ainda nessa direção, Nicolelis (2011), ao tratar das transformações morfológicas e fisiológicas ocorridas no cérebro dos primeiros homínídeos e que levaram ao surgimento de novos processos mentais e de comportamentos perceptuais, motores e cognitivos, destaca a capacidade de produzir e compreender linguagem oral e outras duas adaptações, igualmente decisivas na construção da história da humanidade [...]” (p. 647)
Movimento retórico 3: Conclusão do texto	<i>Passo 1 – Resumir texto</i>	Dessa forma, estruturamos este texto de modo a caminhar inicialmente pelos aspectos gerais das atividades no MTOD, como a opção pelo nome ‘atividades’, sua definição conceitual, sua utilização como instrumento e sua participação ativa na dinâmica da relação triádica. Na sequência, falamos do caráter das atividades – terapêutico, educativo e social, qualidades peculiares que demarcam essa terapia ocupacional “ (p. 651)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Em relação à segunda categoria, na qual vimos ensaios que apresentavam a trajetória acadêmica dos autores, vejamos como eles se organizam retoricamente. Dos 9 ensaios, utilizamos como exemplos os ensaios TOE08 e TOE38. No ensaio TOE08, encontramos os seguintes movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: apresentação. Nesse movimento, estão inseridos passos referentes à apresentação do autor, e destacaram-se os seguintes movimentos: apresentar pertencimento à instituição de ensino e apresentar citações diretas;
- Movimento retórico 2: referente à trajetória acadêmica. Nesse movimento, estão inseridos os passos que indicam a vida acadêmica e/ou profissional do autor do texto, e

nele se enquadram os seguintes passos: situar historicamente o tema, apresentar trajetória profissional, apresentar início da carreira docente e apresentar pós-doutorado, e

- Movimento retórico 3: referente às reflexões. Foi encontrado apenas 1 passo: reflexões sobre a trajetória acadêmica.

Na tabela abaixo, estão elencados os movimentos retóricos do ensaio:

Tabela 12 – Movimentos retóricos do ensaio TOE08

Movimento retórico 1 – Apresentação	
<i>Passo 1- Apresentar pertencimento à instituição de ensino</i>	<i>e</i>
<i>Passo 2 – Apresentar citações diretas</i>	
Movimento retórico 2 – Trajetória acadêmica	
<i>Passo 1- Situar historicamente o tema</i>	
<i>Passo 2 – Apresentar trajetória profissional</i>	
<i>Passo 3 – Apresentar início de docência</i>	
<i>Passo 4 – Apresentar pós-doutorado</i>	
Movimento retórico 3 – Reflexão	
<i>Passo – Reflexões sobre a trajetória acadêmica</i>	

Fonte: elaborado pela autora.

Aqui, está organizado o ensaio, de acordo com o movimento retórico e o passo:

Quadro 35 - Organização retórica do ensaio TOE08

Movimento Retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1: Apresentação	Passo 1- <i>Apresentar pertencimento à instituição de ensino</i>	“Tornar-me a primeira Professora Titular no Departamento de Terapia Ocupacional da Universidade Federal de São Carlos – DTO/UFSCar não foi algo pelo que esperava em minha trajetória acadêmica, não porque não tenha imaginado essa situação em geral” (2013, p. 172)
	Passo 2 – <i>Apresentar citações diretas</i>	“[...]requerendo o que Nosella chama do ‘tempero’ trazido pela noção de cenário. Obviamente, assim como o ‘campo’ não é algum espaço (campo de futebol ou arena) preexistente à entrada de seus jogadores (ou lutadores), também ‘cenário’ não é aquela tela de fundo, pintada, que fica atrás dos atores” (p. 172)
Movimento retórico 2: Trajetória acadêmica	<i>Passo 1- Situar historicamente o tema</i>	“É nesse cenário que o processo de profissionalização dos terapeutas ocupacionais, que desde 1969, graças ao AVC (acidente vascular cerebral) do presidente general Costa e Silva, era uma profissão de ‘nível superior’, deu-se com a

		luta pela criação de Conselhos Profissionais, de cunho governamental, que assumissem a função de regulamentação e fiscalização do exercício profissional, o que de fato aconteceu em 1978, com a criação do Conselho Federal de Fisioterapia e Terapia Ocupacional – COFFITO e, subsequentemente, de Conselhos Regionais” (p. 173)
	<i>Passo 2 – Apresentar trajetória profissional</i>	“Comecei minha vida profissional em março de 1980, seguindo por dois caminhos: um, o da busca do emprego para dar conta da vida material; e outro, o da inscrição e aceite para um curso de especialização na Faculdade de Saúde Pública da USP, Saúde Pública com ênfase em Saúde Mental. O emprego surgiu na substituição de uma terapeuta ocupacional em licença gestante, que atuava num hospital psiquiátrico privado, em tempo parcial” (p. 173)
	<i>Passo 3 – Apresentar início de docência</i>	“Na procura de outros caminhos profissionais, de melhores condições de trabalho e de possibilidades de estudo, colocou-se, no início de 1983, a opção pela docência. Retornei à FMUSP, como docente, em uma contratação que decorreu de um movimento de intensa mobilização do corpo docente de modo articulado a um grupo de terapeutas ocupacionais do Hospital das Clínicas da FMUSP” (p. 174)
	<i>Passo 4 – Apresentar pós-doutorado</i>	“Acabei decidindo por buscar a supervisão do Prof. Rubens Adorno e realizar o estágio pós-doutoral junto ao Laboratório Interdisciplinar de Estudos e Pesquisas Sociais em Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública da USP” (p. 182)
Movimento retórico 3: Reflexão	<i>Passo – Refletir sobre a trajetória acadêmica</i>	“Olhando para as reflexões apresentadas neste Memorial, com mais de 20 anos de trabalho na UFSCar e 28 anos de docência e pesquisa na terapia ocupacional, podemos dizer que: temos produzido reflexões e conhecimento relativos à Terapia Ocupacional Social e à Educação, com ênfase na Sociologia da Educação; temos discutido o papel dos técnicos na atenção territorial e comunitária e na educação formal e não formal” (p. 184)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

No ensaio seguinte, TOE38, também verificamos um texto focado na trajetória acadêmica, e foram encontrados os seguintes movimentos:

- Movimento retórico 1: também referente à apresentação do autor. Foram encontrados 2 passos diferentes dos encontrados no ensaio anterior: apresentar profissão e resumir trajetória da graduação;
- Movimento retórico 2: referente à trajetória acadêmica do autor do texto. Foram encontrados 3 passos: resumir trajetória da pós-graduação, apresentar docência na pós-graduação e apresentar tarefas administrativas, e
- Movimento retórico 3: referente à reflexão do autor. Apresentou apenas um passo, refletir sobre a trajetória acadêmica.

Na tabela a seguir, estão delineados os movimentos retóricos do ensaio em análise.

Tabela 13– Movimentos retóricos do ensaio TOE38

Movimento retórico 1 – Apresentação

Passo 1- Apresentar profissão

Passo 2 – Resumir trajetória da graduação

Movimento retórico 2 – Trajetória acadêmica

Passo 1- Resumir trajetória da pós-graduação

Passo 2 – Apresentar docência na pós-graduação

Passo 3 – Apresentar tarefas administrativas

Movimento retórico 3 – Reflexão

Passo 1 – Refletir sobre a trajetória acadêmica

Fonte: elaborado pela autora (2023).

No quadro abaixo, demonstramos como o ensaio está organizado de acordo com o movimento retórico e o passo correspondente.

Quadro 36 - Organização retórica do ensaio TOE38

Movimento Retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1: Apresentação	<i>Passo 1- Apresentar profissão</i>	“O motivo da minha escolha pela Terapia Ocupacional foi semelhante ao de muitos colegas que, no final da adolescência, não tinham bem clara a profissão que iriam escolher” (2016, p. 236)
	<i>Passo 2 – Resumir trajetória da graduação</i>	“O curso funcionava no quinto andar da Faculdade de Medicina da USP, na Avenida Dr. Arnaldo, em São Paulo, e os revezes faziam parte de nosso cotidiano: queríamos saber mais sobre a profissão, mas não havia um suporte teórico-metodológico consistente, o que levava os alunos a constantes crises de identidade profissional” (p. 236)

Movimento retórico 2: Trajetória acadêmica	<i>Passo 1 - Resumir trajetória da pós-graduação</i>	“Ingressei em 1979 naquele programa, época em que quase nenhum terapeuta ocupacional brasileiro fazia pós-graduação stricto sensu” (p. 236)
	<i>Passo 2 – Apresentar docência na pós-graduação</i>	“Minhas primeiras experiências como docente da Pós-graduação foram no Programa de Pós-graduação em Educação Especial (PPGEE) da UFSCar, onde fui credenciada em 1992, passando a orientar vários trabalhos de mestrado e de doutorado de terapeutas ocupacionais e de outros profissionais” (p. 238)
	<i>Passo 3 – Apresentar tarefas administrativas</i>	“Meu envolvimento com o curso de Terapia Ocupacional e com a UFSCar levou-me a assumir tarefas administrativas que eu não achava que fossem acontecer em minha vida de professora. A instalação do curso me colocou na coordenação dele. Mais tarde, entre 1985 e 1987, assumi a chefia do Departamento de Ciências da Saúde com a missão de conduzir um processo de departamentalização que criaria um Departamento de Fisioterapia e Terapia Ocupacional [...]” (p. 240)
Movimento retórico 3: Reflexão	<i>Passo – Refletir sobre a trajetória acadêmica</i>	“Sempre defendi a profissão que acredito, a universidade que acredito, e hoje consigo ver que as batalhas que travamos não foram em vão. Com meus colegas, abrimos caminhos e plantamos sementes de nossa profissão, lutando para a sua representatividade técnica e científica, que fortaleceram a pesquisa e a sistematização do conhecimento em Terapia Ocupacional, desenhando novos horizontes que agora alimentam o percurso dos atuais estudantes e profissionais” (p. 241)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Sobre a última categoria, correspondente aos ensaios que apresentam seções de artigo, vejamos como se apresenta a organização retórica nos ensaios TOE34 e TOE36. No ensaio TOE34, encontramos os seguintes movimentos:

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto. Neste ensaio, encontramos 3 passos: apresentar tema, apresentar citações diretas e situar importância do tema;
- Movimento retórico 2: referente às contribuições teóricas. Foram encontrados 4 passos: apresentar objetivos, descrever método de pesquisa, apresentar resultados e discussões e descrever categorias, e

- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, foram encontrados 2 passos: resumir tema e refletir sobre a discussão do tema.

Na tabela a seguir, estão os movimentos retóricos do ensaio.

Tabela 14 – Movimentos retóricos do ensaio TOE34

Movimento retórico 1 – Introdução
<i>Passo 1- Apresentar tema</i>
<i>Passo 2 – Apresentar citações diretas</i>
<i>Passo 3 - Situar importância do tema</i>
Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas
<i>Passo 1- Apresentar objetivos</i>
<i>Passo 2 – Descrever método de pesquisa</i>
<i>Passo 3 – Apresentar resultados e discussões</i>
<i>Passo 4 – Descrever categorias</i>
Movimento retórico 3 – Conclusão do texto
<i>Passo 1 – Resumir tema</i>
<i>Passo 2 – Refletir sobre a discussão do tema</i>

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Já neste quadro, estão delineados os movimentos retóricos e os passos encontrados no ensaio em análise, representativo dos demais.

Quadro 37 - Organização retórica do ensaio TOE34

Movimento Retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1: Introdução do Texto	<i>Passo 1 – Apresentar tema</i>	“Por esse motivo, a saúde mental tem sido alvo de diversas pesquisas recentes, dada sua complexidade, emergência de discussão e aumento da incidência de transtornos mentais no mundo” (2017, p.662)
	<i>Passo 2 – Apresentar citações diretas</i>	“Para os indivíduos com transtornos mentais, as consequências são severas: [...] sofrimento causado pelos sintomas, a baixa qualidade de vida, a perda da independência e da capacidade de trabalho e uma integração social deficiente (THORNICROFT; TANSELLA, 2010, p. 10)” (p. 662)
	<i>Passo 3 - Situar importância do tema</i>	“Pensando nessa oferta de serviços e ações de cuidado, assim como na forma como a saúde mental tem evoluído ao longo dos tempos, carregando consigo um estigma expressivo, o campo da Ciência, Tecnologia e Sociedade (CTS) pode auxiliar nessa compreensão. Oferecendo ferramentas e aportes para uma discussão qualificada, pautada nas necessidades, em

		inovações tecnológicas e que seja para e na comunidade de fato, trazendo benefícios e garantindo acesso “ (p. 662)
Movimento retórico 2: Contribuições teóricas	<i>Passo 1- Apresentar objetivos</i>	“O presente trabalho se constitui em um ensaio crítico. Para subsidiar a discussão, foi realizada uma revisão integrativa da literatura (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008) para auxiliar o debate a respeito das peculiaridades apontadas pela literatura sobre saúde mental no campo CTS” (p. 663)
	<i>Passo 2 – Descrever método de pesquisa</i>	“Após esse levantamento dos artigos, foi elaborada uma ficha para anotação de dados que os textos evidenciavam, estruturando a análise posterior dos artigos levantados. Este instrumento continha as seguintes informações: nome do artigo, delineamento metodológico, principais resultados, periódico e ano de publicação” (p. 663)
	<i>Passo 3 – Apresentar resultados e discussões</i>	“A leitura dos artigos encontrados permitiu a identificação de algumas categorias referentes à saúde mental e a forma como os autores nas revistas específicas do campo CTS aprofundam a discussão de tais temas a partir dessa abordagem. Tais temas serão aprofundados em seguida e discutidos também com a inclusão de outros achados científicos, além do que fora extraído dos artigos da revisão” (p. 664)
	<i>Passo 4 – Descrever categorias</i>	“Podemos elencar as seguintes categorias: Pesquisa em saúde mental e gastos; Difusão científica (população, clínica e políticas); Descompasso entre ciência (pesquisa) e clínica/ políticas; Ciência como missão de promover o bem público; Tecnologias leves e relacionais para saúde mental; e Institucionalização da loucura e suas consequências” (p. 664)
Movimento retórico 3: Conclusão do texto	<i>Passo 1 – Resumir tema</i>	“Este ensaio permitiu que alguns periódicos com uma abordagem CTS fossem identificados, a partir de artigos publicados, com a temática da saúde mental” (p. 667)
	<i>Passo 2 – Refletir sobre a discussão do tema</i>	“Em nossas discussões atuais, fica cada vez mais evidente que a tão sonhada abertura da ‘caixa-preta’ sinalizada por Latour (2011) não pode ocorrer apenas pelas disciplinas, pois sua complexidade exige uma configuração articulada de saberes e práticas, profissionais e da sociedade, novas controvérsias que, por fim, mobilizam a elaboração de perguntas e suas possíveis explicações” (p. 667-668)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Sobre o último ensaio, TOE36, encontramos os seguintes movimentos retóricos:

- Movimento retórico 1: referente à introdução do texto onde foram encontrados dois passos: situar tema e delinear objetivos;
- Movimento retórico 2: referente às contribuições teóricas, onde foram encontrados 4 passos: descrever método de pesquisa, apresentar resultados e discussões, reforçar contribuições teóricas e refletir sobre o tema, e
- Movimento retórico 3: referente à conclusão do texto, onde foram encontrados 2 passos: resumir tema e refletir sobre o tema.

Na tabela a seguir, estão elencados os movimentos retóricos do ensaio ora analisado.

Tabela 15 – Movimentos retóricos do ensaio TOE36

Movimento retórico 1 – Introdução do texto	
<i>Passo 1- Situar tema</i>	<i>e</i>
<i>Passo 2 - Delinear objetivos</i>	
Movimento retórico 2 – Contribuições teóricas	
<i>Passo 1- Descrever método de pesquisa</i>	
<i>Passo 2 – Apresentar resultados e discussões</i>	
<i>Passo 3 – Reforçar contribuições teóricas</i>	
<i>Passo 4 – Refletir sobre o tema</i>	
Movimento retórico 3 – Conclusão do texto	
<i>Passo 1 – Resumir tema</i>	
<i>Passo 2 – Refletir sobre o tema</i>	

Fonte: elaborado pela autora (2023).

Já neste quadro estão alguns trechos do ensaio, elencados por movimentos retóricos e passos, os quais se verificam nos demais ensaios analisados.

Quadro 38 - Organização retórica do ensaio TOE36

Movimento retórico	Passo	Exemplo
Movimento retórico 1: Introdução do texto	Passo 1 – <i>Situar o tema</i>	“Em 8 de março de 2013, a Presidência da República do Brasil sanciona a Lei Complementar 142 (BRASIL, 2013), que trata da regulamentação da concessão da aposentadoria para a pessoa com deficiência segurada do Regime Geral da Previdência Social (RGPS). Este direito está previsto no § 1º do art. 201 da Constituição Federal e garante a redução do tempo de contribuição em dois, seis ou dez anos para pessoas com deficiência

		que forem classificadas como leves, moderadas ou graves, respectivamente” (2017, p. 910)
	<i>Passo 2 - Delinear objetivos</i>	“Diante do exposto, o objetivo deste artigo é analisar a Lei Complementar 142/2013 à luz dos debates e das evidências disponíveis sobre deficiência, trabalho e previdência, num marco conceitual de igualdade e justiça” (p. 911)
Movimento retórico 2: Contribuições teóricas	<i>Passo 1- Descrever método de pesquisa</i>	“Trata-se de um estudo teórico reflexivo sobre a avaliação da deficiência a partir da Lei Complementar 142/2013, que dispõe sobre a antecipação da aposentadoria para contribuintes do Regime Geral da Previdência” (p. 911)
	<i>Passo 2 – Apresentar resultados e discussões</i>	“Mesmo do ponto de vista do debate sobre trabalho é possível argumentar em oposição a uma avaliação restrita à vida laboral. A LC 142 reconhece as definições dadas pela Convenção para deficiência e garante o direito à equidade do ponto de vista do trabalho. Porém, as pessoas com deficiência historicamente não vivenciaram igualdade de oportunidades neste campo da vida em sociedade. A não vivência de condições similares no trabalho” (p. 912)
	<i>Passo 3 – Reforçar contribuições teóricas</i>	“Aqui também se evidencia a mescla entre as dificuldades (ou desigualdades) provocadas por um corpo ‘fora da norma’ (DINIZ, 2007; DAVIS, 1995) e sua inclusão ou permanência nos postos de Trabalho” (p. 913)
	<i>Passo 4 – Refletir sobre o tema</i>	“Em suma, tanto do ponto de vista do debate sobre deficiência como do ponto de vista do debate sobre o trabalho, a avaliação dos candidatos à LC 142 deve ser realizada de forma ampla, para além das restrições sofridas exclusivamente no ambiente laboral entendido de forma estrita” (p. 914)
Movimento retórico 3: Conclusão do texto	<i>Passo 1 – Resumir tema</i>	“Este artigo apresentou alguns elementos que dialogaram sobre a importância de uma visão integral sobre o sujeito para classificá-lo como pessoa com deficiência tendo como parâmetro a Convenção sobre os Direitos da Pessoa com Deficiência” (p. 914)
	<i>Passo 2 – Refletir sobre o tema</i>	“Para instrumentalizar esses conceitos, é preciso ter em mente que os indivíduos vivenciam experiências da deficiência em várias facetas da sociedade, e não apenas no trabalho. Mesmo que a LC 142 trate de um benefício trabalhista, estar de acordo com as prerrogativas legais requer observar esse sujeito em sua plenitude, e não apenas nos momentos em que ele está exercendo alguma atividade laboral” (p. 914)

Fonte: elaborado pela autora (2023).

No geral, podemos observar que os ensaios publicados no periódico *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional* abrangem textos que podem apresentar características de outros gêneros acadêmicos, como os ensaios que apresentam seção de metodologia e resultados, movimentos retóricos indispensáveis aos artigos científicos. Além disso, é importante observar que alguns ensaios apresentaram imagens e tabelas, o que reforça a tendência atual dos estudos linguísticos em incorporar, nos textos, as diferentes linguagens, verbal e não verbal, fato que, no passado não muito distante, não era comum nos ensaios.

Sobre as categorias de análise que elencamos no capítulo 2 e aqui retomadas, vejamos cada uma delas:

a) Texto aberto: das três categorias, verificamos que nenhuma delas apresentou características de um texto aberto, em que o leitor poderia dialogar com o autor/autores do texto. Os textos apresentam seções bem marcadas, como já visto no objetivo 1;

b) Texto sem desfecho, no qual cabe ao leitor tirar as próprias conclusões: todos os ensaios apresentam uma seção de conclusão muito marcada, inclusive os ensaios que estão destinados a traçar a trajetória acadêmica do autor. Ao verificarmos a organização dos ensaios, vimos que, apesar de alguns ensaios apresentarem um teor mais reflexivo na conclusão do texto, essa seção apresentou, no geral, apenas reflexões para pesquisas futuras;

c) Linguagem mais formal: a linguagem é essencialmente formal; porém, os ensaios elencados na segunda categoria, referentes aos ensaios de trajetória acadêmica, podem apresentar uma linguagem menos formal;

d) Teor reflexivo lento e fragmentado: os ensaios não apresentam teor reflexivo lento, mas objetivo e organizado, sem digressões por parte do autor/autores;

e) Aprofundamento do objeto/tema: os ensaios apresentam aprofundamento do tema, pois apresentam fundamentação teórica consistente, porém raras são as vezes em que os autores aprofundam o tema de forma particular, sendo destinado mais à conclusão do texto em forma de reflexão.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ter como objeto de estudo o gênero ensaio foi tarefa desafiadora. Desde a escolha do tema, passando pela metodologia empregada chegando às análises, por meio de um tratamento quantitativo e qualitativamente. Analisar um gênero que raramente é lido ou escrito dentro da academia tornou nossa missão por ora arriscada, mas que nos relevou considerações relevantes sobre esse texto.

Ao resgatarmos os objetivos, questionamentos e hipóteses lançados na Introdução desta tese - relacionados à organização das seções, à pessoa do discurso e à organização retórica -, verificamos os seguintes desdobramentos: sobre o objetivo 1, referente à organização das seções, delineamos como questão 1 “Quais as diferenças presentes na organização das seções dos ensaios nas diferentes culturas disciplinares?” e a seguinte hipótese 1 “Há diferenças no que tange às seções apresentadas entre a Introdução e a Conclusão dos textos, podendo variar de cultura disciplinar para cultura disciplinar quanto à quantidade de seções, porém sempre com a prevalência das seções de Introdução e Conclusão”. Conforme resultados que obtivemos sobre o objetivo 1, verificamos que existem diferenças nas seções dos ensaios, porém a maioria dos ensaios apresentavam seções bem definidas, com introdução e conclusão mais marcadas no texto; as diferenças mais evidentes foram encontradas nos ensaios da cultura disciplinar de Terapia Ocupacional. Como foram elencadas 3 categorias para essa cultura disciplinar especificamente, das 3 categorias, em duas foram encontradas diferenças. O motivo principal dessa diferença está no propósito do texto que foi submetido: alguns textos tinham como propósito apresentar a trajetória acadêmica de um terapeuta ocupacional; já outros tinham como propósito apresentar análises. A maioria dos textos que apresentavam a trajetória acadêmica não havia seções marcadas de introdução ou conclusão, por exemplo, mas apresentação no que chamamos de introdução e uma seção dedicada à reflexão da trajetória acadêmica no que chamamos de conclusão ou considerações finais. Já nos textos que apresentavam análises, havia seções de descrição de metodologia e resultados e discussões. Por esse motivo, optamos por categorizá-los de seções de artigo, e dessa análise notamos que talvez esses ditos ensaios não sejam ensaios em sua forma, mas sim no seu conteúdo mais reflexivo.

Sobre o objetivo específico 2, referente à pessoa do discurso, apresentamos a seguinte questão 2: “Que pessoa do discurso predomina nos ensaios publicados nas culturas disciplinares analisadas?” e a seguinte hipótese 2 a ela relacionada: “Os ensaios publicados apresentam, em

sua maioria, textos escritos na primeira pessoa do singular nas culturas disciplinares analisadas”.

De acordo com os resultados que obtivemos, verificamos que a maioria dos ensaios não foi escrito em primeira pessoa do singular, sendo escritos em terceira pessoa do singular e primeira pessoa do plural. Esse resultado vai de encontro às categorias que elencamos para caracterizar ensaios, pois dentre elas estava a de que o ensaio seria um texto escrito em primeira pessoa do singular, como foi descrito no capítulo 2. A maioria dos ensaios que apresentava textos escritos em terceira pessoa do singular ou primeira pessoa do plural foram aqueles encontrados nas culturas disciplinares de Terapia Ocupacional e Ciência da Informação; já os ensaios que apresentavam em sua maioria ensaios escritos em primeira pessoa do singular foram aqueles encontrados na cultura disciplinar de Sociologia e Linguística.

Sobre o objetivo específico 3, referente à organização retórica dos ensaios, apresentamos a questão 3 “Quanto à organização retórica dos ensaios, quais as diferenças entre as culturas disciplinares de Linguística, Sociologia, Terapia Ocupacional e Ciências da Informação?” e a seguinte hipótese 3 “Há diferenças significativas entre as quatro culturas, principalmente nas culturas de Linguística/Sociologia com as culturas disciplinares de Terapia Ocupacional/Ciência da Informação”. Para a análise desse objetivo específico, utilizamos as categorias descritas no capítulo 2: texto aberto; sem desfecho; linguagem mais formal; teor reflexivo lento e fragmentado e aprofundamento do tema/objeto. De acordo com os resultados que obtivemos, verificamos que a hipótese lançada está condizente aos resultados que obtivemos. Os ensaios das culturas disciplinares de Terapia Ocupacional e Ciência da Informação foram escritos de forma objetiva e organizada, não havendo momentos em que o autor do texto poderia se “perder” em digressões, o que destacaria um teor mais fragmentado do texto e deixando espaço para o leitor tirar as próprias conclusões. Assim, os textos dessas culturas disciplinares, devido à sua objetividade, apresentaram desfecho, uma conclusão, mas o teor reflexivo, característica sempre tão presente para descrever os ensaios para submissão, estavam presentes de modo a auxiliar futuras pesquisas ou refletir sobre a própria trajetória acadêmica. Por outro lado, os ensaios de Sociologia, por exemplo, além de apresentarem um autor e textos escritos em primeira pessoa do singular, apresentavam ao longo de sua organização retórica um diálogo com o leitor, ainda que não sejam textos fragmentados, fazendo com que o leitor pudesse compreender as escolhas do autor em relação à organização do texto.

A forma como os autores nomearam o seu próprio texto constituiu resultados que nos chamaram a atenção, pois, em muitos ensaios, os autores utilizaram a palavra “artigo” não

apenas na seção de Introdução, mas ao longo do texto, inclusive no resumo. Não conseguimos constatar o que levou esses autores a fazer essa escolha, uma vez que o texto foi submetido na seção destinada a ensaios, ou se apenas poderia ser uma escolha dos pareceristas dos periódicos. Essa constatação sugere um olhar cuidadoso para a escrita desse gênero voltado para a interlocução com os autores, na tentativa de conhecer as concepções acerca do gênero, abrindo caminhos, portanto, para novos estudos.

Destacamos que essa constatação no que diz respeito à categorização terminológica do gênero, ficou evidente nos ensaios do periódico *Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional*, uma vez que dentro de uma mesma seção poderiam ser aceitos artigos de reflexão ou ensaios, porém, de acordo com as diretrizes do periódico, os dois gêneros textuais apresentariam um teor mais reflexivo que os demais gêneros textuais aceitos para submissão. Outro ponto que destacamos, ainda sobre o periódico em questão, é o ensaio feito a partir de um memorial. Assim como de dissertações e teses podemos construir um artigo científico, poderíamos de um memorial construir um ensaio? Em que medida esses dois gêneros textuais se assemelham? Lançamos, dessa forma, questões que exigiram mais especificidades e tratamentos em novas pesquisas.

Longe de afirmarmos que um ensaio *necessita* ser um texto em primeira pessoa do singular para poder trazer uma reflexão mais aprofundada, podemos entender que um dos motivos para que esses ensaios estejam elencados na categoria de ensaios dos periódicos se deu pelo fato de apresentarem o termo “discussão” ou “reflexão” nos textos. Por fim, depois de analisarmos as áreas de conhecimento, buscamos empreender uma definição de ensaio, encerramos esta pesquisa com uma concepção de ensaio que consideramos pertinente, ainda que este não tenha sido um objetivo a ser alcançado nesta tese. Assim, ensaio seria um texto escrito, preferencialmente, em primeira pessoa do discurso, escrito por um único autor, de teor reflexivo, caracterizado por ser aberto e fragmentado, cujo propósito seria apresentar possibilidades de opiniões acerca de um assunto, deixando para o leitor tirar suas próprias conclusões no decorrer da leitura.

Nesse sentido, não esperávamos que os ensaios aqui analisados tivessem o mesmo viés dos ensaios escritos por Montaigne, mas que pudesse haver resquícios que possibilitassem identificá-los como gênero textual pertencente ao mesmo domínio discursivo, ligado ao propósito comunicativo, como citara Swales em seus primeiros trabalhos sobre gêneros textuais, categoria primordial para caracterizar um gênero textual.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. O ensaio como forma. *In*: ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund **Notas de Literatura 1**. São Paulo: Duas Cidades; 34, 2003.

AIRA, Cesar. O ensaio e seu tema. **Revista Landa**. v.7, n.1. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/191820>. Acesso em: 23 jul. 2021.

AUERBACH, Eric. O escritor Montaigne. *In*: MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios**: uma seleção. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

BAZERMAN, Charles. **Retórica da ação letrada**. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BENSE, Max. **O ensaio e sua prosa**. Disponível em: <https://www.revistaserrote.com.br/2014/04/o-ensaio-e-sua-prosa/>. Acesso em: 23 jul. 2021.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf. Acesso em: 20 jul. 2018.

FERRAGINI, Neluana Leuz de Oliveira. **Gênero ensaio**: um estudo teórico e metodológico na formação docente inicial. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, 2015.

FERRAGINI, Neluana Leuz de Oliveira. **Ensaio acadêmico**: da teoria à prática. 2011. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Letras e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Londrina, 2011.

GALVÃO, Sylvia Coutinho Abbott. **Do castelo de Périgord à academia**: ensaiando o gênero ensaio na UFRN. Tese (doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem. Natal, RN, 2018.

GÓMEZ-MARTÍNEZ, José Luis. **Teoría del ensayo**. 2. ed. México: UNAM, 1992. Disponível em: <https://www.ensayistas.org/jlgomez/estudios/Teoria-del-ensayo-1992.pdf>. Acesso em: 23 jul. 2021.

HYLAND, Ken. **Disciplinary discourses**: social interactions in academic writing. 2000.

HYLAND, Ken. Genre, discipline and identity. **Journal of English for Academic Purposes**. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1475158515000193>. Acesso em: 18/09/21.

LARROSA, Jorge. A operação ensaio: sobre o ensaiar e o ensaiar-se no pensamento, na escrita e na vida. **Educação & realidade**, v. 29, n. 1, p. 27-43,

jan./jun. 2004. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 06 ago. 2021.

LARROSA, Jorge. O ensaio e a escrita acadêmica. **Educação & realidade**, v. 28, n. 2, p. 101-115, jul./dez. 2003. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/25643>. Acesso em: 06 ago. 2021.

LUKÁCS, George. Sobre a essência e a forma do ensaio: uma carta a Leo Popper. 1971. **Revista UFG**, 9(4). Tradução de Mario Luiz Frungillo. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/revistaufg/article/view/48186>. Acesso em: 06 ago. 2021.

MONTAIGNE, Michel de. **Os ensaios**: uma seleção. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.

MONTAIGNE, Michel de. **Ensaaios**. São Paulo: Editora 34, 2018.

RODRIGUES, Kelen Cristina Manzan. Ensaio: um gênero em busca de sua caracterização. **Intersecções**. ed.15, nº1, maio/2015. Disponível em: <https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1219>. Acesso em: 06 ago. 2021.

SCORALICK, Andre. A experiência da condição humana: uma introdução aos *Ensaaios* de Montaigne. In: MONTAIGNE, Michel de. *Ensaaios*. São Paulo: Editora 34, 2018.

SWALES, John. Reflections on the concept of discourse community. **ASp** [Online], 69, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/asp/4774?lang=en>. Acesso em: 31 ago. 2021.

ZWEIG, Stefan. **O mundo insone e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013. Disponível em: <https://lelivros.love/book/baixar-livro-o-mundo-insone-stefan-zweig-em-pdf-epub-e-mobi-ou-ler-online/>. Acesso em: 06 ago. 2021.

CORPUS ANALISADO

Ciência da Informação

CIE01. Considerações sobre a esfera pública: redes sociais na internet e participação política. *Transinformação*, 25(1). Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6124>.

CIE02. Redes sociais de dois modos: aspectos conceituais. *Transinformação*, 25(3). Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6139>

CIE03. Ritos de passagem e conhecimento: uma relação de cunho simbólico e cognitivo nas organizações. *Transinformação*, 27(2). Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6075>

CIE04. A grande bibliologia: notas epistemológico-históricas sobre a ciência da organização dos saberes. *Transinformação*, 28(2). Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6024>

Linguística

LE01. A tatuagem como gênero: uma visão discursiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 9, n. 1, p. 131-155, jan./abr. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/410

LE02. A tese da primazia da metáfora, defesa e problematização: um estudo a partir de Vico. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 9, n. 1, p. 107-130, jan./abr. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/409

LE03. Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 565-583, set./dez. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/429

LE04. Considerações sobre o conceito de “internetês” nos estudos da linguagem. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 621-643, set./dez. 2009. Disponível: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/432

LE05. Linguagem e ideologia: embates teóricos. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, v. 9, n. 1, p. 157-180, jan./abr. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/411

LE06. Estruturas potenciais de gêneros na análise textual e no ensino de línguas. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 387-410, maio/ago. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/421

LE07. Hipertexto e complexidade. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 519-547, set./dez. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/427

LE08. Os estágios de aprendizagem da escritura pela criança: uma nova leitura para um antigo tema. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 2, p. 359-385, maio/ago. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/420

LE09. Pesquisa na web e produção textual: reflexões sobre o ensino do gênero dissertativo na escola. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 603-620, set./dez. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/431

LE10. Seis clichês e uma sugestão sobre a leitura na web. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 585-602, set./dez. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/430

LE11. Textos e hipertextos: procurando o equilíbrio. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 9, n. 3, p. 549-564, set./dez. 2009. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/428

LE12. A leitura em língua estrangeira e os efeitos da frequência e da consistência do insumo lexical em l2. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 111-131, jan./abr. 2010. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/438

LE13. Literal/metafórico — um percurso discursivo. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 151-179, jan./abr. 2010. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/440

LE14. Processos de subjetivação e identificação: ideologia e inconsciente. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 2, p. 391-408, maio/ago. 2010. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/450

LE15. Sobre a função das representações conceituais simbólicas na gramática do design visual: encaixamento ou subjacência?. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 91-109, jan./abr. 2010. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/437

LE16. “Sua casinha é meu palácio”: por uma concepção dialógica de referenciação. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 207-226, jan./abr. 2010. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/442

LE17. Uma tentativa de análise linguística de um texto do gênero “relato histórico”. *Linguagem em (Dis)curso*, Palhoça, SC, v. 10, n. 1, p. 181-205, jan./abr. 2010. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/441

LE18. Papel, vida e acontecimento. ... *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 11, n. 3, p. 649-664, set./dez. 2011. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/825

LE19. Um percurso teórico-metodológico para o estudo de constelações de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 187-212, jan./abr. 2012. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/866

LE20. A subsunção da categoria suporte de gêneros pela noção de interação. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 299-324, jan./abr. 2012. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/871

LE21. Da relação pensamento e linguagem ao estudo interdisciplinar da mente. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 155-178, jan./abr. 2012. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/864

LE22. Hiperenunciador: o outro do supradestinatário?. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 325-345, jan./abr. 2012. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/872

LE23. Para uma crítica da economia linguística: o apagamento da ontologia social da língua e do sujeito-falante a partir de Locke. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 2, p. 595-621, maio/ago. 2012. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1101

- LE24. Por uma rediscussão do conceito de intergenericidade. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 273-297, jan./abr. 2012. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/870
- LE25. Propósito comunicativo em análise de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 231-249, jan./abr. 2012. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/868
- LE26. Sobre cadeias de gêneros. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 213-230, jan./abr. 2012. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/867
- LE27. Transmutação: criação e inovação nos gêneros do discurso. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 12, n. 1, p. 251-271, jan./abr. 2012. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/869
- LE28. A noção de substância da linguística à análise do discurso: percursos e possibilidades. *Linguagem em (Dis)curso*, Tubarão, SC, v. 13, n. 1, p. 187-206, jan./abr. 2013. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/1499
- LE29. O conceito de valoração nos estudos do círculo de Bakhtin: a inter-relação entre ideologia e linguagem. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 14, n. 1, p. 177-194, jan./abr. 2014. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2423
- LE30. O diálogo: argumentação prática e condições de afetividade. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 3, p. 449-460, set./dez. 2015. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/3380
- LE31. Ler e escrever na universidade: um fazer sócio-histórico-cultural. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 303-320, maio/ago. 2015. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/3256
- LE32. Dialogismo e análise do discurso – alguns efeitos do pensamento bakhtiniano nos estudos do discurso. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 2, p. 321-335, maio/ago. 2015. Disponível em: https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/3257

LE33. A incidência e a insistência da verdade no discurso: notas para reler A vontade de saber. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 15, n. 1, p. 183-195, jan./abr. 2015. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/2915

LE34. Linguagem e educação: reflexões acerca das novas tecnologias da comunicação. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 16, n. 1, p. 169-179, jan./abr. 2016. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/4650

LE35. A (in)distinção entre dialogismo e intertextualidade. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 17, n. 1, p. 137-151, jan./abr. 2017. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/4847

LE36. Ensaio sobre a voz. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 1, p. 235-252, jan./abr. 2018. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/6092

LE37. O objeto da ideologia na teoria crítica do discurso. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 1, p. 215-233, jan./abr. 2018. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/6091

LE38. Para uma história epistemológica do conceito de formação discursiva. *Linguagem em (Dis)curso – LemD*, Tubarão, SC, v. 18, n. 3, p. 647-663, set./dez. 2018. Disponível em:

https://portaldeperiodicos.animaeducacao.com.br/index.php/Linguagem_Discurso/article/view/7062

Sociologia

SE01. História intelectual e teoria política. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 301-318, out. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/29364>

SE02. Augusto Comte e o “positivismo” redescobertos. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 17, n. 34, p. 319-343, out. 2009. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/29365>

SE03. Sobre o uso da variável raça-cor em estudos quantitativos. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 277-291, jun. 2010. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31643>

SE04. O campo de estudos sobre associações de classe de São Paulo de 1910 a 1945. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 18, n. 37, p. 227-246, out. 2010. Disponível em:

<https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31662>

SE05. Três perspectivas sobre a política externa dos Estados Unidos: poder, dominação e hegemonia. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. 39, p. 237-257, jun. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31697>

SE06. A sociologia política brasileira em análise: quatro visões sobre o funcionamento administrativo do Estado Novo. *Rev. Sociol. Polít.*, Curitiba, v. 19, n. 40, p. 273-288, out. 2011. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/31740>

SE07. A “genética” dos modelos analíticos sobre burocracia: alcances e limites das opções ontológicas e epistemológicas dos projetos de pesquisa dos estudos organizacionais. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 23, n. 54, p. 137-153, jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/41476>

SE08. Investimento eleitoral no Brasil: balanço da literatura (2001-2012) e agenda de pesquisa. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 23, n. 54, p. 155-183, jun. 2015. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/41477>

SE09. O Poder no Executivo: explicações no presidencialismo, parlamentarismo e presidencialismo de coalizão. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 24, n. 57, p. 127-155, mar. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/issue/view/2130>

SE10. Aderentes e militantes: a participação político-partidária na era do Partido Cartel. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 24, n. 60, p. 91-113, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/49589>

SE11. O Estado brasileiro contemporâneo: liberalização econômica, política e sociedade nos governos FHC e Lula. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 24, n. 60, p. 115-135, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/49590>

SE12. A construção da paz em um mundo em transformação: o debate e a crítica sobre o conceito de peacebuilding. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 24, n. 60, p. 137-150, dez. 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/49591>

SE13. Interpretação e ação coletiva: o “enquadramento interpretativo” no estudo de movimentos sociais. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 25, n. 61, p. 143-164, mar. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/51470>

SE14. A virada ideacional: quando e como ideias importam. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 25, n. 64, p. 121-148, dez. 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/57138>

SE15. O debate metodológico nos estudos de congruência política: uma revisão da literatura internacional. *Rev. Sociol. Polit.*, v. 27, n. 69, e002, 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rsp/article/view/72803>

Terapia Ocupacional

TOE01. A importância de atividades de lazer na Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, Jan/Abr 2011, v. 19, n.1, p. 111-118. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/429>

TOE02. O estado brasileiro e o ataque neoliberal: algumas reflexões para a Terapia Ocupacional. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, Mai/Ago 2011, v. 19, n.2, p. 239-248. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/465>

TOE03. O programa de reabilitação profissional do INSS: apontamentos iniciais a partir de uma experiência. *Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar*, São Carlos, Mai/Ago 2011, v. 19, n.2, p. 249-261. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/466>

TOE04. A alta em Terapia Ocupacional: reflexões sobre o fim do processo terapêutico e o salto para a vida. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 19, n. 3, p. 361-368, 2011. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/506>

TOE05. Reminiscências. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 1, p. 143-154, 2012. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/557>

TOE06. Reflexões sobre uma trajetória na Terapia Ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 3, p. 471-478, 2012. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/691>

TOE07. Abrindo trilhas e consolidando caminhos: reflexões sobre minha trajetória profissional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 20, n. 2, p. 293-305, 2012. Disponível em: <https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/633>

TOE08. No pó da estrada. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 171-186, 2013. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/743>

TOE09. Incursões no percurso profissional: análise crítica de minha trajetória. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 439-451, 2013. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/831>

TOE10. Uma luz no final do túnel do conhecimento: a chegada da terapia ocupacional na cidade de São Paulo. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 663-670, 2013. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/927>

TOE11. Atividade sagrada pelo Método da Escavação. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 653-661, 2013. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/926>

TOE12. As atividades no Método Terapia Ocupacional Dinâmica. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 3, p. 645-652, 2013. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/925>

TOE13. A Terapia Ocupacional na sociedade capitalista e sua inserção profissional nas políticas sociais no Brasil. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 2, p. 429-437,

2013. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/830>

TOE14. O valor terapêutico da ação humana e suas concepções em Terapia Ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 195-203, 2013. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/745>

TOE15. A diferença no cenário familiar, a inclusão escolar e a Terapia Ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 21, n. 1, p. 187-193, 2013. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/744>

TOE16. Sobre identidades, latinoamericanidades e construção de saberes em Terapia Ocupacional: diálogos com Boaventura de Sousa Santos. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 215-221, 2014. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/979>

TOE17. Reflexões sobre a investigação do raciocínio clínico em terapia ocupacional em saúde mental: o caso do Método Terapia Ocupacional Dinâmica. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 635-642, 2014. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1117>

TOE18. Cidade, territorialidade e redes na política de saúde mental. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 435-442, 2014. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/660>

TOE19. A contribuição da hermenêutica crítica de Jürgen Habermas para a Terapia Ocupacional Social. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 2, p. 443-453, 2014. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1072>

TOE20. O Programa Bolsa Família e a questão de gênero: Desafios e percepções para a atuação do terapeuta ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 1, p. 205-214, 2014. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/576>

TOE21. Outra história do consumo de drogas na modernidade. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. Suplemento Especial, p. 185-196, 2014. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1046>

TOE22. Considerações sobre a atuação da terapia ocupacional no hospital de custódia e tratamento psiquiátrico: O campo psicossocial versus o campo psiquiátrico legal. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 22, n. 3, p. 627-633, 2014. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1116>

TOE23. Contribuições da Terapia Ocupacional no apoio e assistência a familiares de pessoas com transtornos mentais. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 2, p. 427-437, 2015. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1329>

TOE24. Saúde mental infantojuvenil e desafios do campo: reflexões a partir do percurso histórico. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 2, p. 439-447, 2015. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/865>

TOE25. Comunidades provisórias entre pessoas quaisquer: encontros de delicadeza, criação artística e diferença. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 23, n. 3, p. 427-437, 2015. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1209>

TOE26. Cidadania e diversidade cultural na pauta das políticas culturais. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 173-183, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1295>

TOE27. Por entre as linhas dos dispositivos: desafios das práticas contemporâneas na interface terapia ocupacional e cultura. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 837-848, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1292>

TOE28. Um olhar crítico sobre os projetos terapêuticos singulares. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 2, p. 413-420, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1202>

TOE29. Ordem cultural e desenvolvimento local participativo: estrutura para a prática do terapeuta ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 205-214, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1276>

TOE30. A convivência e o *com-viver* como dispositivos para a Terapia Ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 849-857, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1402>

TOE31. Terapia Ocupacional Social, pessoas trans e Teoria Queer: (re)pensando concepções normativas baseadas no gênero e na sexualidade. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 1, p. 215-223, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1239>

TOE32. Exercícios etnográficos como atividades em espaço público: Terapia Ocupacional Social no fazer da arte, da cultura e da política. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 4, p. 859-868, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1756>

TOE33. A pesquisa acadêmica como atividade humana: participação de usuários da saúde mental e as contribuições da Terapia Ocupacional. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 24, n. 3, p. 651-658, 2016. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1291>

TOE34. A saúde mental nos estudos sociais da ciência: apontamentos sobre a produção de conhecimento. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 3, p. 661-668, 2017. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1713>

TOE35. Uma hipótese de funcionamento psicomotor como estratégia clínica para o tratamento de bebês em intervenção precoce. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 2, p. 427-434, 2017. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1621>

TOE36. LC 142: desafios da avaliação da deficiência em um marco de justiça. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 4, p. 909-915, 2017. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1702>

TOE37. Eventos adversos com medicamentos na pediatria: o papel da organização hospitalar. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 4, p. 927-933, 2017. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1609>

TOE38. Caminhos trilhados e contribuições para o desenvolvimento da terapia ocupacional no Brasil. *Cad. Ter. Ocup. UFSCar*, São Carlos, v. 25, n. 1, p. 235-242, 2017. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1629>

TOE39. Sementes... Refletindo sobre os frutos de uma trajetória profissional. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 2, p. 435-444, 2017. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1627>

TOE40. Terapia ocupacional, trabalho e deficiência intelectual: subsídios para a atuação no Sistema Único da Assistência Social. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 4, p. 899-907, 2017. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1624>

TOE41. Uma leitura da crise da atividade de prevenção: paradoxos atuais e desafios futuros. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 25, n. 4, p. 917-926, 2017. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1841>

TOE42. Alguns apontamentos sobre a supervisão de casos a partir do Método Terapia Ocupacional Dinâmica (MTOD) e o ensino de terapia ocupacional. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 26, n. 2, p. 501-507, 2018. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/1770>

TOE43. Pelos caminhos da diversidade sociocultural: diálogos entre Terapia Ocupacional, África e Etnografia. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 26, n. 4, p. 952-959, 2018. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2049>

TOE44. Contribuições da perspectiva de Reabilitação Psicossocial para a terapia ocupacional no campo da saúde mental. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 26, n. 4, p. 943-951, 2018. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2120>

TOE45. Construção de um percurso acadêmico singular e seus diálogos com a Terapia Ocupacional. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 26, n. 3, p. 710-719, 2018. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2253>

TOE46. Psicomotricidade, jogo e corpo-em-relação: contribuições para a intervenção. *Cad. Bras. Ter. Ocup.*, São Carlos, v. 26, n. 3, p. 702-709, 2018. Disponível em:

<https://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/2036>

ANEXOS

Anexo A - Ciências Agrárias

- 1 Acta Amazonica
- 2 Acta Scientiarum. Agronomy
- 3 Acta Scientiarum. Animal Sciences
- 4 Anais da Academia Brasileira de Ciências
- 5 Arquivo Brasileiro de Medicina Veterinária e Zootecnia
- 6 Arquivos do Instituto Biológico
- 7 Bragantia
- 8 Brazilian Archives of Biology and Technology
- 9 Brazilian Journal of Food Technology
- 10 Brazilian Journal of Poultry Science
- 11 CERNE
- 12 Ciência Animal Brasileira
- 13 Ciência Florestal
- 14 Ciência Rural
- 15 Ciência e Agrotecnologia
- 16 Crop Breeding and Applied Biotechnology
- 17 Engenharia Agrícola
- 18 Floresta e Ambiente
- 19 Food Science and Technology
- 20 Horticultura Brasileira
- 21 Journal of Seed Science
- 22 Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases
- 23 Ornamental Horticulture
- 24 Pesquisa Agropecuária Brasileira
- 25 Pesquisa Agropecuária Tropical
- 26 Pesquisa Veterinária Brasileira
- 27 Planta Daninha
- 28 Revista Ambiente & Água

- 29 Revista Brasileira de Ciência do Solo
- 30 Revista Brasileira de Engenharia Agrícola e Ambiental
- 31 Revista Brasileira de Fruticultura
- 32 Revista Brasileira de Saúde e Produção Animal
- 33 Revista Brasileira de Zootecnia
- 34 Revista Caatinga
- 35 Revista Ceres
- 36 Revista Ciência Agronômica
- 37 Revista Árvore
- 38 Scientia Agricola
- 39 Summa Phytopathologica

Anexo B – Ciências Biológicas

- 1 Acta Amazonica
- 2 Acta Botanica Brasilica
- 3 Acta Limnologica Brasiliensia
- 4 Ambiente & Sociedade
- 5 Anais da Academia Brasileira de Ciências
- 6 Biota Neotropica
- 7 BrJP
- 8 Brazilian Archives of Biology and Technology
- 9 Brazilian Journal of Biology
- 10 Brazilian Journal of Infectious Diseases
- 11 Brazilian Journal of Medical and Biological Research
- 12 Crop Breeding and Applied Biotechnology
- 13 Genetics and Molecular Biology
- 14 Hoehnea
- 15 Iheringia. Série Zoologia
- 16 Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases
- 17 Memórias do Instituto Oswaldo Cruz
- 18 Nauplius
- 19 Neotropical Ichthyology
- 20 Papéis Avulsos de Zoologia

- 21 Revista Ambiente & Água
- 22 Revista Brasileira de Entomologia
- 23 Revista Brasileira de Parasitologia Veterinária
- 24 Revista Ceres
- 25 Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo
- 26 Rodriguésia
- 27 Zoologia (Curitiba)

Anexo C – Ciências da Saúde

- 1 ABCD. Arquivos Brasileiros de Cirurgia Digestiva (São Paulo)
- 2 Acta Amazonica
- 3 Acta Cirurgica Brasileira
- 4 Acta Ortopédica Brasileira
- 5 Acta Paulista de Enfermagem
- 6 Anais Brasileiros de Dermatologia
- 7 Anais da Academia Brasileira de Ciências
- 8 Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)
- 9 Archives of Endocrinology and Metabolism
- 10 Arquivos Brasileiros de Cardiologia
- 11 Arquivos Brasileiros de Oftalmologia
- 12 Arquivos de Gastroenterologia
- 13 Arquivos de Neuro-Psiquiatria
- 14 Audiology - Communication Research
- 15 BrJP
- 16 Brazilian Archives of Biology and Technology
- 17 Brazilian Dental Journal
- 18 Brazilian Journal of Cardiovascular Surgery
- 19 Brazilian Journal of Infectious Diseases
- 20 Brazilian Journal of Medical and Biological Research
- 21 Brazilian Journal of Nephrology
- 22 Brazilian Journal of Otorhinolaryngology
- 23 Brazilian Journal of Pharmaceutical Sciences

- 24 Brazilian Journal of Psychiatry
- 25 Brazilian Oral Research
- 26 Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional
- 27 Cadernos Saúde Coletiva
- 28 Cadernos de Saúde Pública
- 29 Ciência & Saúde Coletiva
- 30 Clinics
- 31 CoDAS
- 32 Coluna/Columna
- 33 Dementia & Neuropsychologia
- 34 Dental Press Journal of Orthodontics
- 35 Einstein (São Paulo)
- 36 Epidemiologia e Serviços de Saúde
- 37 Escola Anna Nery
- 38 Fisioterapia e Pesquisa
- 39 Fisioterapia em Movimento
- 40 Hematology, Transfusion and Cell Therapy
- 41 História, Ciências, Saúde-Manguinhos
- 42 Interface - Comunicação, Saúde, Educação
- 43 International Archives of Otorhinolaryngology
- 44 International Journal of Cardiovascular Sciences
- 45 International braz j urol
- 46 Jornal Brasileiro de Patologia e Medicina Laboratorial
- 47 Jornal Brasileiro de Pneumologia
- 48 Jornal Brasileiro de Psiquiatria
- 49 Jornal Vascular Brasileiro
- 50 Jornal de Pediatria
- 51 Journal of Applied Oral Science
- 52 Journal of Coloproctology (Rio de Janeiro)
- 53 Journal of Inborn Errors of Metabolism and Screening
- 54 Journal of Physical Education
- 55 Journal of Venomous Animals and Toxins including Tropical Diseases
- 56 MedicalExpress
- 57 Memórias do Instituto Oswaldo Cruz

- 58 Motriz: Revista de Educação Física
- 59 Physis: Revista de Saúde Coletiva
- 60 RGO - Revista Gaúcha de Odontologia
- 61 Radiologia Brasileira
- 62 Revista Bioética
- 63 Revista Brasileira de Anestesiologia
- 64 Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano
- 65 Revista Brasileira de Ciências do Esporte
- 66 Revista Brasileira de Enfermagem
- 67 Revista Brasileira de Epidemiologia
- 68 Revista Brasileira de Farmacognosia
- 69 Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia
- 70 Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia
- 71 Revista Brasileira de Medicina do Esporte
- 72 Revista Brasileira de Oftalmologia
- 73 Revista Brasileira de Ortopedia
- 74 Revista Brasileira de Reumatologia
- 75 Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil
- 76 Revista Brasileira de Saúde Ocupacional
- 77 Revista Brasileira de Terapia Intensiva
- 78 Revista CEFAC
- 79 Revista Gaúcha de Enfermagem
- 80 Revista Latino-Americana de Enfermagem
- 81 Revista Paulista de Pediatria
- 82 Revista da Associação Médica Brasileira
- 83 Revista da Escola de Enfermagem da USP
- 84 Revista da Sociedade Brasileira de Medicina Tropical
- 85 Revista de Nutrição
- 86 Revista de Odontologia da UNESP
- 87 Revista de Saúde Pública
- 88 Revista do Colégio Brasileiro de Cirurgiões
- 89 Revista do Instituto de Medicina Tropical de São Paulo
- 90 Sao Paulo Medical Journal
- 91 Saúde e Sociedade

92 Saúde em Debate

93 Texto & Contexto - Enfermagem

94 Trends in Psychiatry and Psychotherapy

Anexo D – Ciências Exatas e da Terra

1 Acta Amazonica

2 Anais da Academia Brasileira de Ciências

3 Boletim de Ciências Geodésicas

4 Brazilian Journal of Geology

5 Brazilian Journal of Oceanography

6 Journal of the Brazilian Chemical Society

7 Química Nova

8 Revista Ambiente & Água

9 Revista Brasileira de Meteorologia

10 TEMA (São Carlos)

Anexo E – Ciências Humanas

1 Almanack

2 Ambiente & Sociedade

3 Anais da Academia Brasileira de Ciências

4 Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material

5 Avaliação: Revista da Avaliação da Educação Superior (Campinas)

6 Bolema: Boletim de Educação Matemática

7 Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas

8 Brazilian Journal of Political Economy

9 Brazilian Political Science Review

10 Caderno CRH

11 Cadernos CEDES

12 Cadernos Nietzsche

13 Cadernos Pagu

14 Cadernos de Pesquisa

15 Civitas - Revista de Ciências Sociais

16 Ciência & Educação (Bauru)

- 17 Contexto Internacional
- 18 Dados - Revista de Ciências Sociais
- 19 Dementia & Neuropsychologia
- 20 Educar em Revista
- 21 Educação & Realidade
- 22 Educação & Sociedade
- 23 Educação e Pesquisa
- 24 Educação em Revista
- 25 Ensaio Pesquisa em Educação em Ciências (Belo Horizonte)
- 26 Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação
- 27 Estudos Avançados
- 28 Estudos Históricos (Rio de Janeiro)
- 29 Estudos de Psicologia (Campinas)
- 30 Fractal: Revista de Psicologia
- 31 História (São Paulo)
- 32 História da Educação
- 33 História, Ciências, Saúde-Manguinhos
- 34 Horizontes Antropológicos
- 35 Interações (Campo Grande)
- 36 Interface - Comunicação, Saúde, Educação
- 37 Kriterion: Revista de Filosofia
- 38 Lua Nova: Revista de Cultura e Política
- 39 Mana - Estudos de Antropologia Social
- 40 Manuscrito
- 41 Mercator (Fortaleza)
- 42 Novos estudos CEBRAP
- 43 Opinião Pública
- 44 Paidéia (Ribeirão Preto)
- 45 Physis: Revista de Saúde Coletiva
- 46 Pro-Posições
- 47 Psico-USF
- 48 Psicologia & Sociedade
- 49 Psicologia Escolar e Educacional
- 50 Psicologia USP

- 51 Psicologia em Estudo
- 52 Psicologia: Ciência e Profissão
- 53 Psicologia: Reflexão e Crítica
- 54 Psicologia: Teoria e Pesquisa
- 55 REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana
- 56 Religião & Sociedade
- 57 Revista Ambiente & Água
- 58 Revista Archa
- 59 Revista Bioética
- 60 Revista Brasileira de Ciência Política
- 61 Revista Brasileira de Ciências Sociais
- 62 Revista Brasileira de Educação Especial
- 63 Revista Brasileira de Educação Médica
- 64 Revista Brasileira de Educação
- 65 Revista Brasileira de Ensino de Física
- 66 Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos
- 67 Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia
- 68 Revista Brasileira de História da Educação
- 69 Revista Brasileira de História
- 70 Revista Brasileira de Política Internacional
- 71 Revista Estudos Feministas
- 72 Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental
- 73 Revista de Economia e Sociologia Rural
- 74 Revista de História (São Paulo)
- 75 Revista de Sociologia e Política
- 76 Revista do Instituto de Estudos Brasileiros
- 77 Saúde e Sociedade
- 78 Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)
- 79 Sociedade e Estado
- 80 Sociologia & Antropologia
- 81 Sociologias
- 82 Tempo Social
- 83 Tempo
- 84 Topoi (Rio de Janeiro)

- 85 Trabalho, Educação e Saúde
- 86 Trans/Form/Ação - Revista de Filosofia
- 87 Trends in Psychology
- 88 Varia Historia
- 89 Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology
- 90 Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica

Anexo F – Ciências Sociais Aplicadas

- 1 Ambiente & Sociedade
- 2 Anais do Museu Paulista: História e Cultura Material
- 3 BAR - Brazilian Administration Review
- 4 BBR. Brazilian Business Review
- 5 Brazilian Journal of Political Economy
- 6 Caderno CRH
- 7 Cadernos EBAPE.BR
- 8 Cadernos Metrópole
- 9 Economia e Sociedade
- 10 Estudos Econômicos (São Paulo)
- 11 Galáxia (São Paulo)
- 12 Interações (Campo Grande)
- 13 Intercom: Revista Brasileira de Ciências da Comunicação
- 14 JISTEM - Journal of Information Systems and Technology Management
- 15 Nova Economia
- 16 Organizações & Sociedade
- 17 Perspectivas em Ciência da Informação
- 18 RAM. Revista de Administração Mackenzie
- 19 RAUSP Management Journal
- 20 REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre)
- 21 REMHU: Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana
- 22 Revista Brasileira de Economia
- 23 Revista Brasileira de Estudos Urbanos e Regionais
- 24 Revista Brasileira de Estudos de População

- 25 Revista Brasileira de Gestão de Negócios
- 26 Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo
- 27 Revista Contabilidade & Finanças
- 28 Revista Direito GV
- 29 Revista Direito e Práxis
- 30 Revista Katálýsis
- 31 Revista de Administração Contemporânea
- 32 Revista de Administração Pública
- 33 Revista de Administração de Empresas
- 34 Revista de Economia Contemporânea
- 35 Revista de Economia e Sociologia Rural
- 36 Revista de Investigações Constitucionais
- 37 Sequência (Florianópolis)
- 38 Serviço Social & Sociedade
- 39 Sociedade e Estado
- 40 Transinformação
- 41 urbe. Revista Brasileira de Gestão Urbana

Anexo G – Engenharias

- 1 Ambiente Construído
- 2 Anais da Academia Brasileira de Ciências
- 3 Brazilian Archives of Biology and Technology
- 4 Brazilian Journal of Chemical Engineering
- 5 Cerâmica
- 6 Engenharia Sanitaria e Ambiental
- 7 Gestão & Produção
- 8 Journal of Aerospace Technology and Management
- 9 Journal of Microwaves, Optoelectronics and Electromagnetic Applications
- 10 Latin American Journal of Solids and Structures
- 11 Materials Research
- 12 Matéria (Rio de Janeiro)
- 13 Pesquisa Operacional

- 14 Polímeros
- 15 Production
- 16 RBRH
- 17 REM - International Engineering Journal
- 18 Revista Ambiente & Água
- 19 Revista IBRACON de Estruturas e Materiais
- 20 Soldagem & Inspeção

Anexo H – Linguística, Letras e Artes

- 1 ARS (São Paulo)
- 2 Alea: Estudos Neolatinos
- 3 Alfa: Revista de Linguística (São José do Rio Preto)
- 4 Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso
- 5 Cadernos de Tradução
- 6 DELTA: Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada
- 7 Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea
- 8 Ilha do Desterro
- 9 Linguagem em (Dis)curso
- 10 Machado de Assis em Linha
- 11 Pandaemonium Germanicum
- 12 Revista Brasileira de Estudos da Presença
- 13 Revista Brasileira de Linguística Aplicada
- 14 Trabalhos em Linguística Aplicada